

GEORGE R.R. MARTIN

AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO - LIVRO CINCO

A TORMENTA DE ESPADAS



TRADUÇÃO DE JORGE CANDEIAS



UMA NOTA SOBRE A CRONOLOGIA

As *Crônicas de Gelo e Fogo* são contadas através dos olhos de personagens que estão por vezes centenas ou mesmo milhares de quilômetros separadas umas das outras. Alguns capítulos cobrem um dia, outros apenas uma hora; outros podem englobar uma quinzena, um mês, meio ano. Com uma tal estrutura, a narrativa não pode ser estritamente sequencial; por vezes há coisas importantes a acontecer simultaneamente, separadas por mil léguas.

No caso do volume que tem agora na mão, o leitor deve compreender que os capítulos de abertura de *A Tormenta de Espadas* não se seguem aos últimos capítulos de *O Despertar da Magia*, antes se sobrepõem a eles. Abro com uma olhadela a algumas das coisas que se estavam a passar no Punho dos Primeiros Homens, em Correrrio, em Harrenhal e no Tridente enquanto se lutava a Batalha da Água Negra em Porto Real, e durante o seu rescaldo.

George R. R. Martin

*Para a Phyllis
que me obrigou a incluir os dragões*

PRÓLOGO

O dia estava cinzento e amargamente frio, e os cães não apanhavam o cheiro.

A grande cadela preta tinha farejado uma vez os rastos do urso, recuara e fugira para o meio da matilha com o rabo entre as pernas. Os cães aninhavam-se uns contra os outros, com um ar infeliz, na margem do rio, enquanto o vento lhes batia. Chett também o sentia, a morder através das camadas de lã negra e couro fervido. O frio era demasiado para homens ou animais, mas ali estavam eles. A boca retorceu-se-lhe, e quase conseguiu sentir o rubor e a irritação a invadir as borbulhas que lhe cobriam as faces e o pescoço. *Devia estar em segurança na Muralha, a tratar dos malditos corvos e a acender fogos para o velho Mestre Aemon.* Fora o bastardo Jon Snow que lhe roubara isso, o bastardo e o seu amigo gordo Sam Tarly. Era por culpa deles que estava ali, a congelar os malditos tomates com uma matilha de cães de caça, nas profundezas da floresta assombrada.

— Sete infernos. — Deu um forte puxão nas trelas para ganhar a atenção dos cães. — *Segui o rasto*, seus bastardos. Aquilo é uma pegada de urso. Quereis um pouco de carne ou não? *Busca!* — Mas os cães limitaram-se a aconchegar-se mais, ganindo. Chett fez estalar o seu chicote curto por cima das cabeças dos animais, e a cadela preta rosnou-lhe. — Carne de cão sabe tão bem como a de urso — preveniu-a, com o hálito a congelar a cada palavra.

Lark, o homem das Irmãs, estava em pé, com os braços cruzados sobre o peito e as mãos enfiadas nos sovacos. Usava luvas negras de lã, mas andava sempre a queixar-se de ter os dedos gelados.

— ‘Tá frio de mais p’á caçar — disse. — Que se lixe este urso, não vale o suficiente p’á congelarmos.

— Não podemos voltar p’ra trás de mãos vazias, Lark — ribombou o Paul Pequeno através da barba castanha que lhe cobria a maior parte da cara. — O Senhor Comandante não ia gostar disso. — Havia gelo por baixo do nariz esborrachado do enorme homem, onde o ranho congelara. Uma mão gigantesca metida numa espessa luva de peles agarrava com força o cabo de uma lança.

— Que se lixe também o Velho Urso — disse o homem das Irmãs, um homem magro com feições bem definidas e olhos nervosos. — O Mormont vai ‘tar morto antes de nascer o dia, esqueceste-te? Quem se importa com aquilo que ele gosta?

O Paul Pequeno piscou os seus pequenos olhos pretos. Talvez se tivesse esquecido, pensou Chett; era suficientemente estúpido para esquecer quase qualquer coisa.

— Porque é que temos de matar o Velho Urso? Porque não nos vamos só embora e deixamos o tipo em paz?

— E achas que ele nos ia deixar em paz a nós? — disse Lark. — Ele ia dar-nos caça. Queres ser caçado, seu grande cabeça de carneiro?

— Não — disse o Paul Pequeno. — Não quero isso. Não quero.

— Então matas o homem? — disse Lark.

— Sim. — O enorme homem bateu na margem congelada do rio com o cabo da lança. — Mato. Ele não devia caçar a gente.

O homem das Irmãs tirou as mãos dos sovacos e virou-se para Chett.

— Eu acho que devíamos matar *todos* os oficiais.

Chett estava farto de ouvir aquilo.

— Já falámos sobre isso. O Velho Urso morre, e o Blane, da Torre Sombria, também. O Grubbs e o Aethan também, má sorte a deles por lhes ter calhado esse turno. O Dywen e o Bannen por serem bons batedores, e o Sor Porquinho por causa dos corvos. É *tudo*. Matamos os tipos em silêncio, enquanto dormem. Um grito, e somos comida para vermes, todos nós. — Tinha as borbulhas vermelhas de raiva. — Faz o que te compete e trata de que os teus primos façam o que lhes compete a eles. E, Paul, tenta lembrar-te, é o *terceiro* turno, não o segundo.

— Terceiro turno — disse o grande homem, através de pêlos e ranho congelado. — Eu e o Pé-Leve. Eu lembro-me, Chett.

A Lua estaria nova naquela noite, e tinham manipulado os turnos para terem oito dos seus de sentinela, com mais dois a guardar os cavalos. As coisas não iam ficar muito mais maduras do que aquilo. Além disso, os selvagens estariam ali a qualquer momento. Chett tencionava encontrar-se bem longe do Punho antes que isso acontecesse. Tencionava sobreviver.

Trezentos irmãos ajuramentados da Patrulha da Noite tinham avançado para norte, duzentos de Castelo Negro e mais cem da Torre Sombria. Era a maior patrulha de que havia memória, quase um terço das forças da Patrulha. Queriam encontrar Ben Stark, Sor Waymar Royce, e os outros patrulheiros que tinham desaparecido, e descobrir o motivo porque os selvagens andavam a abandonar as suas aldeias. Bem, não estavam mais perto do Stark e do Royce do que após deixarem a Muralha para trás, mas tinham ficado a saber o local para onde todos os selvagens haviam ido — para as alturas geladas dos miseráveis Colmilhos de Gelo. Podiam alapardar-se aí até ao fim dos tempos, que isso não espremia nem um bocadinho os furúnculos de Chett.

Mas não. Vinham a descer. Pelo Guadeleite.

Chett ergueu os olhos e ali estava ele. As margens pedregosas do rio encontravam-se debruadas de gelo, e as suas águas claras e leitosas fluíam sem parar dos Colmilhos de Gelo. E agora Mance Rayder e os seus selvagens aproximavam-se fluindo pelo mesmo caminho. Thoren Smallwood regressara coberto de espuma três dias antes. Enquanto contava ao Velho Urso o que os seus batedores tinham visto, um dos seus homens, Kedge Whiteye, contara-o aos outros.

— Ainda estão bem alto nos Colmilhos de Gelo, mas vêm aí — disse-ra Kedge, aquecendo as mãos sobre a fogueira. — Harma Cabeça-de-Cão, aquela cadela bexigosa, tem a vanguarda. O Goady esgueirou-se até ao seu acampamento e viu-a bem junto ao fogo. Aquele palerma do Tumberjon queria abatê-la com uma seta, mas Smallwood teve mais juízo.

Chett escarrara.

— Quantos eram, conseguiste ver?

— Muitos e mais ainda. Vinte, trinta mil, não ficámos para contar. Harma tinha quinhentos na vanguarda, todos eles a cavalo.

Os homens que rodeavam a fogueira trocaram olhares desconfortáveis. Era coisa rara encontrar nem que fosse uma dúzia de selvagens a cavalo, e *quinhentos*...

— O Smallwood mandou-me a mim e ao Bannen rodear a vanguarda para dar uma espreitadela ao corpo principal — prosseguira Kedge. — Não tinham fim. Movem-se devagar como um rio congelado, quatro ou cinco milhas por dia, mas também não dão ares de irem voltar às suas aldeias. Mais de metade são mulheres e crianças, e levam os animais com eles, cabras, ovelhas, até auroques a arrastar trenós. Estão carregados com fardos de peles e pilhas de carne, gaiolas de galinhas, vasilhas para manteiga e rocas, todas as porcarias que possuem. As mulas e garranos vinham tão carregados que pareciam quase a quebrar o dorso. As mulheres também.

— E seguem o Guadeleite? — perguntara Lark, o homem das Irmãs.

— Foi o que eu disse, não foi?

O Guadeleite levá-los-ia a passar pelo Punho dos Primeiros Homens, o antigo forte anelar onde a Patrulha da Noite montara acampamento. Qualquer homem com um dedo de bom senso via que era altura de empacotar a tralha e retirar para a Muralha. O Velho Urso fortalecera o Punho com espigões, fossos e estrepes, mas contra uma hoste tão grande, tudo isso era inútil. Se ficassem ali, seriam submergidos e esmagados.

E Thoren Smallwood queria *atacar*. O Doce Donnel Hill era escudeiro de Sor Mallador Locke, e duas noites antes Smallwood viera à tenda de Locke. Sor Mallador fora da mesma opinião do velho Sor Ottyn Wythers,

insistindo numa retirada para a Muralha, mas Smallwood queria convencê-lo do contrário.

— Este Rei-para-lá-da-Muralha nunca nos esperará tão longe para norte — dissera ele, segundo o Doce Donnel. — E esta sua grande hoste é desajeitada, cheia de bocas inúteis que não saberão de que lado da espada se pega. Um golpe tirar-lhes-á toda a vontade de lutar e pô-los-á em fuga, aos uivos, de volta às suas cabanas pelos próximos cinquenta anos.

Trezentos contra trinta mil. Chett chamava a isso uma completa loucura, e o que era ainda mais louco era que Sor Mallador fora convencido, e os dois, juntos, estavam a ponto de fazer o Velho Urso mudar de ideias.

— Se esperarmos demasiado, esta oportunidade poderá ser perdida, e para sempre — andava Smallwood a dizer a quem quer que o quisesse ouvir. Contra aquilo, Sor Ottyn Wythers dissera:

— Somos o escudo que defende os reinos dos homens. Não se deita fora um escudo sem bons motivos — mas a isso Thoren Smallwood ripostara:

— Num duelo de espadas, a mais segura defesa de um homem é o rápido ataque que mata o inimigo, não aninhar-se com medo atrás de um escudo.

Mas nem Smallwood nem Wythers tinham o comando. Quem o tinha era o Lorde Mormont, e Mormont estava à espera dos seus outros batedores, à espera de Jarmen Buckwell e dos homens que tinham trepado a Escada do Gigante, e de Qhorin Meia-Mão e Jon Snow, que tinham ido bater o Passo dos Guinchos. Mas o regresso de Buckwell e do Meia-Mão estava atrasado. *O mais certo é estarem mortos.* Chett imaginou Jon Snow a jazer, azul e congelado, nalgum cume de montanha, com a lança de um selvagem enfiada naquele cu de bastardo. A ideia fê-lo sorrir. *Espero que também tenham matado o seu maldito lobo.*

— Aqui não há urso nenhum — decidiu abruptamente. — Não passa duma velha pegada. De volta ao Punho. — Os cães quase o deitaram ao chão, tão ansiosos por regressar como ele. Talvez pensassem que iam ser alimentados. Chett não conseguiu evitar uma gargalhada. Já não os alimentava havia três dias, para os deixar ferozes e famintos. Naquela noite, antes de desaparecer na escuridão, libertá-los-ia no meio das fileiras de cavalos, depois do Doce Donnel Hill e do Karl Pé-Torto cortarem as cordas que os prendiam. *Hão-de ter cães e cavalos em pânico por todo o Punho, atravessando fogueiras em corrida, saltando por cima da muralha, e atirando tendas ao chão.* Com toda a confusão, podiam passar-se horas até que alguém reparasse que catorze irmãos tinham desaparecido.

Lark quisera trazer o dobro desse número, mas o que se podia esperar de um estúpido tipo das Irmãs, com a boca a feder a peixe? Bastava mur-

murar uma palavra no ouvido errado, e antes de se dar por isso, ficava-se com uma cabeça a menos. Não, catorze era um bom número, homens bastantes para fazer o que tinha de ser feito, mas não tantos que não fossem capazes de manter segredo. Chett recrutara pessoalmente a maioria. O Paul Pequeno era um dos seus; o homem mais forte da Muralha, mesmo que tivesse o raciocínio mais lento do que um caracol morto. Uma vez partira as costas de um selvagem com um abraço. Também tinham o Adaga, assim chamado devido à sua arma preferida, e o pequeno homem grisalho a que os irmãos chamavam Pé-Leve, que violara uma centena de mulheres na juventude e que agora gostava de se gabar de nenhuma o ter visto ou ouvido até que lhes enfiara o pau.

O plano era de Chett. Era ele o inteligente; fora intendente do velho Mestre Aemon durante quatro bons anos até que aquele bastardo do Jon Snow o tramara para que o trabalho fosse entregue ao porco gordo do seu amigo. Quando matasse Sam Tarly naquela noite, planeava murmurar-lhe ao ouvido: “Cumprimentos ao Lorde Snow”, antes de abrir a goela ao Sor Porquinho e deixar que o sangue saísse a borbulhar de todas aquelas camadas de sebo. Chett conhecia os corvos, portanto não teria aí nenhum problema, não mais do que teria com Tarly. Um toque da sua faca e aquele covarde mijaria as calças e desataria a choramingar pela vida. *Que suplique, não há-de ganhar nada com isso.* Depois de lhe abrir a goela, abriria as gaiolas e espantaria as aves, para que nenhuma mensagem chegasse à Muralha. O Pé-Leve e o Paul Pequeno matariam o Velho Urso, o Adaga trataria de Blane e Lark e os primos silenciariam Bannen e o velho Dywen, para evitar que se pusessem depois a farejar o seu rasto. Havia quinze dias que escondiam comida, e o Doce Donnel e o Karl Pé-Torto teriam os cavalos preparados. Com Mormont morto, o comando passaria para Sor Ootyn Wythers, um velho acabado que já fraquejava. *Antes de nascer o dia, já ele há-de estar a fugir para a Muralha, e também não há-de desperdiçar nem um homem à nossa procura.*

Os cães puxavam por ele enquanto abriam caminho por entre as árvores. Chett via o Punho, que abria caminho através da verdura para as alturas. O dia estava tão escuro que o Velho Urso mandara acender os archotes, um grande círculo deles a arder ao longo da muralha anelar que coroava o topo do íngreme monte pedregoso. Os três vadearam um ribeiro. A água estava gelada, e manchas de gelo espalhavam-se pela sua superfície.

— Vou direito à costa — confidenciou Lark, o homem das Irmãs.
— Eu e os meus primos. Construímos um barco, e voltamos nele p’ã casa, p’ãs Irmãs.

E em casa saberão que sois desertores e cortam-vos as cabeças de idiotas,

pensou Chett. Não havia saída da Patrulha da Noite depois de proferir os votos. *Em qualquer ponto dos Sete Reinos, apanham-te e matam-te.*

Agora, o Otto Mão-Cortada, esse andava a falar em velejar até Tyrosh, onde dizia que os homens não perdiam as mãos por um pouco de honesta ladroagem, nem eram postos a congelar por terem sido encontrados na cama com a mulher de um cavaleiro qualquer. Chett ponderara ir com Otto, mas não falava a língua húmida de meninas que lá se falava. E que poderia fazer em Tyrosh? Não aprendera ofício de que valesse a pena falar ao crescer no Atoleiro da Bruxa. O pai passara a vida a fossar nos campos dos outros, a apanhar sanguessugas. Punha-se em pelota à excepção de uma grossa fralda de couro, e entrava na água lamacenta. Quando de lá saía, estava coberto, dos mamilos aos tornozelos. Por vezes, obrigava Chett a arrancar as sanguessugas. Um dia, uma prendera-se à palma da sua mão, e ele esmagara-a de encontro a uma parede, repugnado. O pai espancara-o até o deixar em sangue por causa disso. Os mestres compravam as sanguessugas a doze por um dinheiro.

Lark podia ir para casa, se quisesse, e o maldito tyroshi também, mas Chett não. Se nunca voltasse a ver o Atoleiro da Bruxa, vê-lo-ia cedo de mais. Gostara do aspecto da Fortaleza de Craster. Craster vivia aí como um senhor, portanto porque não haveria Chett de fazer o mesmo? Seria uma paródia. Chett, o filho do apanhador de sanguessugas, um lorde com uma fortaleza. O seu estandarte podia ser uma dúzia de sanguessugas em fundo cor-de-rosa. Mas porquê parar em lorde? Talvez devesse ser um rei. *Mance Rayder começou em corvo. Eu podia ser rei tal como ele, e arranjar umas quantas mulheres.* Craster tinha dezanove, sem sequer contar com as novas, as filhas com que ainda não se deitara. Metade daquelas mulheres eram tão velhas e feias como Craster, mas isso não importava. Às velhas, Chett podia pôr a trabalhar, a cozinhar e a limpar para ele, a arrancar cenouras da terra e a dar de comer a porcos, enquanto as novas lhe aqueciam a cama e lhe davam filhos. Craster não havia de colocar objecções, pelo menos depois de o Paul Pequeno lhe dar um abraço.

As únicas mulheres que Chett conhecera eram as rameiras por que pagara em Vila Toupeira. Quando fora mais novo, as raparigas da aldeia deitavam uma olhadela à sua cara, com os furúnculos e os quistos, e afastavam os olhos, repugnadas. A pior fora aquela vaca da Bessa. Abria as pernas a todos os rapazes do Atoleiro da Bruxa, e Chett pensara porque não as abria também para ele? Até passara uma manhã a apanhar flores silvestres quando ouvira dizer que ela as apreciava, mas Bessa limitara-se a rir-se na sua cara e a dizer que mais depressa se enfiaria numa cama com as sanguessugas do pai do que com ele. Parara de rir quando ele enfiara a faca nela. Isso fora agradável, ver a expressão na cara dela, por isso tirara a faca

e enfiara-a de novo. Quando o apanharam perto de Seterrios, o velho Lorde Walder Frey nem sequer se incomodara em vir pessoalmente julgá-lo. Mandara um dos seus *bastardos*, aquele Walder Rivers, e quando dera por si, Chett estava a caminho da Muralha com aquele fedorento demónio preto do Yoren. Em paga pelo seu único momento de satisfação, tinham-lhe roubado a vida inteira.

Mas agora tencionava roubá-la de volta, e também às mulheres de Craster. *Aquele retorcido velho selvagem é que sabe. Se queres casar com uma mulher, basta tomá-la, e nada de lhe dar flores para que talvez não repare nas tuas malditas borbulhas.* Chett não tencionava voltar a cometer esse erro.

Iria resultar, prometeu a si próprio pela centésima vez. *Desde que a gente consiga afastar-se sem problemas.* Sor Ottyn avançaria na direcção da Torre Sombria, o caminho mais curto até à Muralha. *Ele não se vai incomodar com a gente, o Wythers não é homem para isso, tudo o que quer é voltar inteiro.* Agora, Thoren Smallwood, esse queria avançar com o ataque, mas a cautela de Sor Ottyn era demasiado profunda e tinha uma patente mais elevada. *Seja como for, que se lixe. Depois de a gente ir embora, Smallwood pode atacar quem quiser. Que nos importa? Se nenhum deles voltar para a Muralha, ninguém virá à nossa procura, hão-de pensar que estamos mortos com os outros.* Aquela era uma nova ideia, e por um momento tentou-o. Mas para dar a Smallwood o comando, teriam de matar também Sor Ottyn e Sor Mallador Locke, e ambos se rodeavam bem de dia e de noite... não, o risco era grande de mais.

— Chett — disse o Paul Pequeno enquanto iam avançando penosamente por um trilho pedregoso aberto por animais entre árvores-sentinela e pinheiros marciais — e o pássaro?

— De que merda de pássaro estás tu a falar? — A última coisa de que precisava agora era de um cabeça-de-abóbora a falar de um pássaro.

— O corvo do Velho Urso — disse o Paul Pequeno. — Se o matarmos, quem vai dar comida ao pássaro?

— Quem se importa com isso? Mata o pássaro também, se quiseres.

— Não quero fazer mal a pássaro nenhum — disse o enorme homem. — Mas aquilo é um pássaro que fala. E se ele conta a alguém o que fizemos?

Lark, o homem das Irmãs, soltou uma gargalhada.

— O Paul Pequeno, de cabeça dura como a muralha de um castelo — troçou.

— Cala-te mas é com isso — disse o Paul Pequeno num tom que denotava perigo.

— Paul — disse Chett antes que o grandalhão ficasse demasiado zangado —, quando encontrarem o velho numa poça de sangue com a garganta

aberta, não vão precisar dum pássaro para lhes dizer que alguém o matou.

O Paul Pequeno saboreou aquilo por um momento.

— Isso é verdade — concedeu. — Nesse caso posso ficar com o pássaro? Gosto daquele pássaro.

— É teu — disse Chett, só para o calar.

— Sempre podemos comê-lo, se ficarmos com fome — sugeriu Lark.

O Paul Pequeno voltou a enevoar-se.

— É melhor que não tentes comer o *meu* pássaro, Lark. É melhor que não tentes.

Chett estava a ouvir vozes que vogavam por entre as árvores.

— Fechai a porcaria das bocas, os dois. Estamos quase no Punho.

Emergiram perto da vasta vertente do monte e rodearam-no para sul até ao local onde o declive era mais suave. Perto do limite da floresta, uma dúzia de homens praticava tiro com arco. Tinham esculpido silhuetas nos troncos das árvores, e disparavam setas contra elas.

— Olha — disse Lark. — Um porco com um arco.

Com efeito, o arqueiro mais próximo deles era o próprio Sor Porquinho, o rapaz gordo que roubara o lugar de Chett junto do Mestre Aemon. Bastou ver Samwell Tarly para se encher de raiva. Ser intendente do Mestre Aemon fora a melhor vida que algum dia conhecera. O velho cego não era exigente, e de qualquer maneira Clydas tratara da maior parte dos seus desejos. Os deveres de Chett eram fáceis: limpar a colónia, acender uns fogos, ir buscar umas refeições... e Aemon não lhe batera uma única vez. *Acha que pode chegar e pôr-me fora, lá porque é bem-nascido e sabe ler. Pode ser que lhe peça para ler a minha faca antes de lhe abrir a goela com ela.*

— Continuai — disse aos outros. — Eu quero ver isto. — Os cães estavam a puxar, ansiosos por ir com os outros, até à comida que julgavam que os esperaria lá em cima. Chett pontapeou a cadela com a ponta da bota, e isso acalmou-os um pouco.

Observou, das árvores, o gordo a lutar com um arco tão alto como ele, com a sua cara de lua vermelha contraída de concentração. No chão, à sua frente, estavam espetadas três setas. Tarly encaixou uma e retesou o arco, manteve-o retesado um longo momento enquanto tentava apontar, e largou. A seta desapareceu na verdura. Chett soltou uma ruidosa gargalhada, um resfôlego de doce repugnância.

— Nunca encontrarás aquela, e quem vai arcar com as culpas sou eu — anunciou Edd Tollett, o severo escudeiro grisalho a que todos chamavam Edd Doloroso. — Nunca há nada que desapareça que não olhem para mim, desde aquela altura em que perdi o cavalo. Como se tivesse podido evitá-lo. Ele era branco e estava a nevar, que esperavam?

— Aquela foi apanhada pelo vento — disse Grenn, outro amigo do Lorde Snow. — Tenta manter o arco firme, Sam.

— É pesado — queixou-se o gordo, mas preparou a segunda seta na mesma. Aquela saiu alta, metendo-se por entre os ramos três metros acima do alvo.

— Acho que deitaste abaixo uma folha daquela árvore — disse o Edd Doloroso. — O Outono está a cair suficientemente depressa, não é preciso ajudá-lo. — Suspirou. — E todos sabemos o que se segue ao Outono. Deuses, que frio que tenho. Dispara a última seta, Samwell, acho que a minha língua está a congelar no céu-da-boca.

O Sor Porquinho baixou o arco, e Chett julgou que ele ia desatar a berrar.

— É difícil de mais.

— Encaixa, puxa e larga — disse Grenn. — Vá lá.

Obedientemente, o gordo arrancou a última seta do chão, encaixou-a no arco, puxou e largou. Fê-lo rapidamente, sem entortar cuidadosamente os olhos ao longo da haste como fizera das primeiras duas vezes. A seta atingiu a silhueta desenhada a carvão na parte inferior do peito e aí ficou a tremer.

— *Atingi-o.* — O Sor Porquinho parecia chocado. — Grenn, viste? Edd, olha, atingi-o!

— Enfiaste-a entre as costelas dele, parece-me — disse Grenn.

— Matei-o? — quis saber o gordo.

Tollett encolheu os ombros.

— Podias ter perfurado um pulmão, se ela tivesse pulmões. A maior parte das árvores não têm, em regra. — Tirou o arco da mão de Sam. — Mas já vi piores tiros. Sim, e já disparei alguns.

O Sor Porquinho resplandecia. Se se olhasse para ele, poder-se-ia pensar que tinha realmente *feito* alguma coisa. Mas quando viu Chett e os cães, o seu sorriso ruiu e morreu aos guinchos.

— Acertaste numa árvore — disse Chett. — A gente logo vê como é que disparas quando forem os moços de Mance Rayder. Eles não hão-de ficar parados com os braços esticados e as folhas a restolhar, ah não. Hão-de vir direitinhos a ti, gritando-te na cara, e eu aposto que vais mijar essas bragas. Um deles há-de enfiar um machado mesmo no meio desses olhinhos de porco. A última coisa que vais ouvir há-de ser o *tunc* que o machado fizer quando te morder o crânio.

O gordo estava a tremer. O Edd Doloroso pôs-lhe uma mão no ombro.

— Irmão — disse ele solenemente —, lá porque se passou assim contigo, não quer dizer que Samwell passe pelo mesmo.

— De que estás tu a falar, Tollett?

— Do machado que te rachou o crânio. É verdade que metade dos teus miolos escorreram para o chão e os cães os comeram?

O grande palhaço do Grenn riu-se, e até Samwell Tarly conseguiu fazer um frágil sorrisinho. Chett pontapeou o cão mais próximo, puxou-lhes as trelas e pôs-se a subir o monte. *Sorri tudo o que quiseres, Sor Porquinho. Logo à noite logo vemos quem se ri.* Só gostaria de ter tempo de também matar Tollett. *Um palerma sombrio com cara de cavalo é o que ele é.*

A subida era íngreme, mesmo daquele lado do Punho, que tinha a inclinação menos pronunciada. A meio da subida os cães puseram-se a ladrar e a puxar por ele, julgando que iriam ser alimentados em breve. Em vez disso, deu-lhes a saborear um pouco de bota, e uma chicotada ao animal grande e feio que tentou mordê-lo. Depois de amarrar os cães, foi fazer o relatório.

— As pegadas estavam lá como o Gigante tinha dito, mas os cães não apanharam o cheiro — disse a Mormont à frente da sua grande tenda preta.

— Junto ao rio daquela maneira, podiam ser pegadas velhas.

— É pena. — O Senhor Comandante Mormont tinha uma cabeça calva e uma grande e hirsuta barba grisalha, e soava tão cansado como parecia estar. — Podíamos ter ficado todos melhor com um pouco de carne fresca. — O corvo no seu ombro inclinou a cabeça e ecoou: “*Carne. Carne. Carne.*”

Podíamos cozinhar os malditos cães, pensou Chett, mas manteve a boca fechada até que o Velho Urso o mandasse embora. *E esta é a última vez que hei-de precisar de inclinar a cabeça a este tipo,* pensou para si próprio com satisfação. Parecia-lhe que estava a ficar ainda mais frio, coisa que teria jurado não ser possível. Os cães aninhavam-se uns contra os outros com um ar infeliz sobre a lama dura e congelada, e Chett quase se sentiu tentado a gatinhar para o meio deles. Em vez disso, envolveu a parte de baixo da cara num cachecol preto de lã, deixando entre as voltas uma fenda para a boca. Descobriu que ficava mais quente se se mantivesse em movimento, e deu uma lenta volta ao perímetro com um maço de folhamarga, partilhando um par de mascadelas com os irmãos negros que estavam de guarda e ouvindo o que eles tinham a dizer. Nenhum dos homens do turno do dia fazia parte dos seus planos; mesmo assim, achou que era bom ter alguma ideia do que eles pensavam.

Na maior parte, o que eles pensavam era que estava “frio como o raio”.

O vento começou a soprar com mais força à medida que as sombras se foram alongando. Fazia um som alto e fino enquanto tremia através das pedras da muralha anelar.

— Detesto aquele som — disse o pequeno Gigante. — Parece um bebé nos arbustos, a chorar por leite.

Quando terminou a volta e regressou para junto dos cães, encontrou Lark à sua espera.

— Os oficiais tão outra vez na tenda do Velho Urso, numa grande discussão sobre qualquer coisa.

— É o que eles fazem — disse Chett. — São bem-nascidos, todos menos Blane, e embebedam-se com palavras em vez de vinho.

Lark aproximou-se de esguelha.

— O miolos-de-queijo não pára de falar do pássaro — preveniu, olhando em volta para se certificar de que não havia ninguém por perto. — Agora anda a perguntar se escondemos grãos para o maldito bicho.

— É um corvo — disse Chett. — Come cadáveres.

Lark fez um sorriso.

— O dele, se calhar?

Ou o teu. Parecia a Chett que precisavam mais do grandalhão do que de Lark.

— Deixa lá o Paul Pequeno. Faz a tua parte, ele há-de fazer a dele.

O ocaso já se espalhava pela floresta quando se conseguiu livrar do homem das Irmãs e se sentou a afiar a espada. Era um raio dum trabalho difícil com as luvas calçadas, mas não ia descalçá-las. Com o frio que estava, qualquer pateta que tocasse o aço com uma mão nua ia perder um bocado de pele.

Os cães ganiram quando o Sol se escondeu. Deu-lhes água e pragas.

— Mais meia noite, e podeis encontrar sozinhos os vossos festins. — Por essa altura, já lhe cheirava ao jantar.

Dywen estava a arengar junto à fogueira quando Chett recebeu o seu bocado de pão duro e uma tigela de sopa de feijão e bacon das mãos de Hake, o cozinheiro.

— A floresta está demasiado silenciosa — estava o velho lenhador a dizer. — Nada de rãs perto do rio, nada de corujas no escuro. Nunca ouvi extensão de árvores mais morta do que esta.

— Esses teus dentes parecem bastante mortos — disse Hake.

Dywen fez estalar os seus dentes de madeira.

— E também nada de lobos. Dantes havia, mas já não há. Para onde vos parece que eles foram?

— Para algum sítio quente — disse Chett.

Da dúzia de irmãos sentados junto à fogueira, quatro eram seus. Dirigiu a todos eles um olhar duro de viés enquanto comia, para ver se algum mostrava sinais de quebrar. O Adaga parecia bastante calmo, sentado em silêncio e afiando a lâmina da sua arma, como fazia todas as noites. E o Doce Donnel Hill era todo gracejos fáceis. Tinha dentes brancos, gordos lábios vermelhos e madeixas amarelas que usava em artística desordem em

volta dos ombros, e dizia ser bastardo de um Lannister qualquer. E se calhar era. Chett não tinha uso nenhum a dar a rapazinhos bonitos ou a bastardos, mas o Doce Donnel parecia ser capaz de se aguentar.

Tinha menos certezas quanto ao forrageiro a que os irmãos chamavam Serrote, mais pelo modo como ressonava do que por qualquer coisa que tivesse a ver com árvores. Naquele momento parecia tão inquieto que podia bem não voltar a ressonar. E Maslyn era pior. Chett via suor a escorrer-lhe pela cara, apesar do vento gelado. As pérolas de humidade cintilavam à luz da fogueira, como outras tantas jóias molhadas. Maslyn, além disso, não comia, estava apenas a fitar a sopa como se o seu cheiro estivesse a ponto de o fazer vomitar. *Vou ter de vigiar aquele*, pensou Chett.

— Reunir! — O grito surgiu de súbito, vindo de uma dúzia de gargantas, e rapidamente se espalhou até todos os recantos do acampamento no cimo do monte. — Homens da Patrulha da Noite! Reunir junto da fogueira central!

Franzindo o sobrolho, Chett terminou a sopa e seguiu os outros.

O Velho Urso estava em pé junto da fogueira, com Smallwood, Locke, Wythers e Blane alinhados em fila atrás dele. Mormont usava um manto de espessas peles negras, e o corvo estava empoleirado no seu ombro, alisando as suas penas negras. *Isto não pode ser bom*. Chett enfiou-se entre o Bernarr Castanho e alguns homens da Torre Sombria. Depois de todos se reunirem, à excepção dos vigias na floresta e dos guardas na muralha anelar, Mormont pigarreou e escarrou. O cuspo congelou antes de chegar ao chão.

— Irmãos — disse ele —, homens da Patrulha da Noite.

“Homens!”, guinchou o corvo, “Homens! Homens!”

— Os selvagens estão em marcha, seguindo o curso do Guadeleite para fora das montanhas. Thoren crê que a sua vanguarda estará aqui dentro de dez dias. Os seus corsários mais experientes estarão com Harma Cabeça-de-Cão nessa vanguarda. Os outros formarão provavelmente uma guarda de retaguarda, ou então viajarão bem perto do próprio Mance Rayder. Nos outros pontos, os guerreiros deles estarão muito espalhados ao longo da linha de marcha. Têm bois, mulas, cavalos, mas bastante poucos. A maior parte deles estará a pé, mal armados e sem treino. É mais provável que as armas que transportam sejam de pedra e osso do que de aço. Estão sobrecarregados com mulheres, crianças, rebanhos de ovelhas e cabras, e todos os seus bens materiais. Em suma, embora sejam numerosos, são vulneráveis... e *não sabem que estamos aqui*. Ou pelo menos temos que rezar para que não saibam.

Eles sabem, pensou Chett. *Seu maldito saco velho de pus, eles sabem, é tão certo como o nascer do Sol. Qhorin Meia-Mão não voltou, pois não? Nem Jarman*

Buckwell. Se algum deles foi apanhado, sabes bem como um raio que os selvagens já lhes arrancaram uma cantilena ou duas por esta altura.

Smallwood deu um passo em frente.

— Mance Rayder planeia quebrar a Muralha e levar uma guerra sangrenta aos Sete Reinos. Bem, esse é um jogo que pode ser jogado por dois. De manhã, levamos a guerra até ele.

— Partimos à alvorada com todas as nossas forças — disse o Velho Urso, enquanto um murmúrio percorria a assembleia. — Avançaremos para norte, curvando depois para oeste. A vanguarda de Harma já terá passado há muito pelo Punho quando virarmos. O sopé dos Colmilhos de Gelo está repleto de vales estreitos e sinuosos, perfeitos para emboscadas. A linha de marcha deles estender-se-á ao longo de muitas milhas. Cairemos sobre eles em vários locais ao mesmo tempo, e obrigá-los-emos a jurar que somos três mil homens, e não trezentos.

— Atacaremos em força, e estaremos longe antes que os seus cavaleiros consigam formar para nos enfrentar — disse Thoren Smallwood. — Se vierem no nosso encalço, dar-lhes-emos que fazer durante algum tempo, e depois faremos meia volta para voltar a atacar a coluna, mais abaixo. Queimar-lhes-emos as carroças, dispersar-lhes-emos os rebanhos, e mataremos tantos selvagens quantos pudermos. O próprio Mance Rayder também, se o encontrarmos. Se quebrarem e regressarem às suas cabanas, ganhámos. Se não, atormentá-los-emos ao longo de todo o caminho até à Muralha, certificando-nos de que deixem um trilho de cadáveres a marcar o seu progresso.

— *Eles são milhares* — gritou alguém de detrás de Chett.

— Vamos morrer. — Era a voz de Maslyn, verde de medo.

“*Morrer*”, gritou o corvo de Mormont, batendo as asas negras. “*Morrer, morrer, morrer.*”

— Muitos de nós, sim — disse o Velho Urso. — Talvez mesmo todos. Mas tal como outro Senhor Comandante disse há mil anos, é por isso que nos vestem de preto. Lembrai-vos das vossas palavras, irmãos. Pois nós somos as espadas na escuridão, os vigilantes nas muralhas...

— O fogo que arde contra o frio. — Sor Mallador Locke puxou pela espada.

— A luz que traz consigo a alvorada — responderam outros, e mais espadas foram puxadas das bainhas.

E então todos eles estavam a pegar nas armas, e eram quase trezentas espadas erguidas para o céu e outras tantas vozes a gritar: “*A trombeta que acorda os que dormem! O escudo que defende os reinos dos homens!*” Chett não teve outra hipótese que não fosse juntar a sua voz às dos outros. Havia uma neblina no ar vinda da respiração dos homens, e a luz da fogueira rebrilhava

no aço. Sentiu-se contente por ver que Lark, o Pé-Leve e o Doce Donnel Hill também se juntavam, como se fossem uns palermas tão grandes como os restantes. Isso era bom. Não era sensato chamar as atenções, quando a hora estava tão próxima.

Quando os gritos se silenciaram, voltou-se a ouvir o som do vento a dedilhar a muralha anelar. As chamas rodopiaram e estremeeceram, como se também elas tivessem frio, e no súbito silêncio, o corvo do Velho Urso crocitou sonoramente e disse, uma vez mais: “Morrer”.

Pássaro esperto, pensou Chett enquanto os oficiais ordenavam o dispersar, dizendo a todos para ingerirem uma boa refeição e terem um longo descanso naquela noite. Chett enfiou-se nas suas peles perto dos cães, com a cabeça cheia de coisas que podiam correr mal. E se aquele maldito idiota tivesse feito um dos seus mudar de ideias? Ou se o Paul Pequeno se esquecesse e tentasse matar Mormont durante o segundo turno e não no terceiro? Ou se Maslyn perdesse a coragem, ou se alguém se transformasse em informador, ou...

Deu por si a escutar a noite. O vento realmente soava como uma criança a chorar, e de tempos a tempos conseguia ouvir vozes de homens, o relincho de um cavalo, um bocado de lenha a crepitar na fogueira. Mas nada mais. *Tanto silêncio.*

Conseguia ver a cara de Bessa a flutuar à sua frente. *Não era a faca que queria espetar em ti*, desejou dizer-lhe. *Apanhei flores para te dar, rosas silvestres, tanásias e copodouros, levei toda a manhã.* Tinha o coração a bater como um tambor, com tanta força que temeu que o barulho acordasse o acampamento. Gelo solidificara na sua barba, em torno da boca. *De onde veio isto da Bessa?* Sempre que pensara nela antes, fora apenas para se lembrar da expressão do seu rosto enquanto morria. Que se passava consigo? Quase não conseguia respirar. Teria adormecido? Pôs-se de joelhos, e algo húmido e frio tocou-lhe o nariz. Chett olhou para cima.

Nevava.

Sentiu as lágrimas a congelar na sua cara. *Não é justo*, quis gritar. A neve arruinaria tudo aquilo para que trabalhara, todos os seus cuidadosos planos. Era um grande nevão, com grandes flocos brancos que caíam a toda a volta. Como encontrariam os esconderijos de comida no meio da neve, ou o trilho que planeavam seguir para leste? *E eles também não vão precisar nem de Dywen nem de Bannen para nos dar caça, se nos perseguirem em neve fresca.* E a neve escondia a forma do terreno, especialmente durante a noite. Um cavalo podia tropeçar numa raiz, partir uma perna numa pedra. *Estamos feitos, compreendeu. Feitos antes de começar. Estamos perdidos.* Não haveria vida de lorde para o filho do caçador de sanguessugas, não haveria uma fortaleza a que chamasse sua, nem esposas, nem coroas. Só uma espa-

da de selvagem espetada na barriga, e depois uma sepultura não assinalada. *A neve roubou-me tudo... a maldita neve...*

A neve já o arruinara uma vez antes. A neve e o seu porco de estimação.

Chett pôs-se em pé. Tinha as pernas hirtas, e os flocos de neve que caíam transformavam os archotes distantes em vagos clarões cor-de-laranja. Sentiu-se como se estivesse a ser atacado por uma nuvem de pálidos bichos frios. Assentavam nos seus ombros e cabeça, e depois escorriam-lhe para o nariz e os olhos. Praguejando, esfregou-os. *Samwell Tarly*, recordou. *Ainda posso tratar do Sor Porquinho*. Enrolou o cachecol em torno da cara, puxou o capuz por sobre a cabeça e pôs-se a atravessar o acampamento para o local onde o cobarde dormia.

A neve caía tão intensamente que se perdeu entre as tendas, mas por fim distinguiu o pequeno quebra-ventos aconchegado que o gordo construía para si entre um rochedo e as gaiolas dos corvos. O Tarly encontrava-se enterrado sob um monte de cobertores negros de lã e peles hirsutas. A neve entrara no abrigo e começava a cobri-lo. Parecia uma espécie de montanha mole e redonda. Aço sussurrou em couro, ténue como a esperança, quando Chett desembainhou o punhal. Um dos corvos soltou um *quorc*. “*Snow*”, resmungou outro, espreitando através das barras com olhos negros. O primeiro acrescentou um “*Snow*” ao do parceiro. Chett passou por eles, colocando os pés no chão com cautela. Apertaria a boca do gordo com a mão esquerda para lhe abafar os gritos, e depois...

Uuuuuuuuuuuuhooooooooooooo.

Parou a meio de um passo, engolindo a praga enquanto o som do corno estremecia pelo acampamento, ténue e longínquo, mas inconfundível. *Agora não. Malditos sejam os deuses, agora NÃO!* O Velho Urso escondera olheiros num anel de árvores em torno do Punho, a fim de ser avisado de qualquer coisa que se aproximasse. *Jarman Buckwell* voltou da *Escada do Gigante*, supôs Chett, *ou Qhorin Meia-Mão do Passo dos Guinchos*. Um único sopro no corno significava irmãos de regresso. Se fosse o Meia-Mão, Jon Snow podia estar com ele, vivo.

Sam Tarly sentou-se, de olhos inchados, e olhou confuso para a neve. Os corvos crocitavam ruidosamente, e Chett ouvia os seus cães a ladrar. *Metade do maldito acampamento está acordado*. Os seus dedos enluvados apertaram o cabo do punhal enquanto esperava que o som se desvanecesse. Mas assim que desapareceu, surgiu de novo, com mais força e durante mais tempo.

Uuuuuuuuuuuuuuuuhooooooooooooooooooooo.

— Deuses — ouviu Sam Tarly choramingar. O gordo pôs-se de joelhos, com os pés enredados no manto e mantas. Afastou-os com um ponta-

pé e estendeu a mão para um lorigão que pendurara do rochedo ali perto. Enquanto enfiava pela cabeça aquela enorme tenda e se contorcia lá para dentro, deitou uma olhadela a Chett, que não se movera. — Foram dois? — perguntou. — Sonhei que tinha ouvido dois sopros...

— Não foi sonho — disse Chett. — Dois sopros para pôr a Patrulha em armas. Dois sopros para indicar que inimigos se aproximam. Há um machado lá fora com *Porquinho* escrito nele, gordo. Dois sopros quer dizer *selvagens*. — O medo naquela grande cara de lua deu-lhe vontade de rir. — Fodam-se todos até aos sete infernos. Maldita Harma. Maldito Mance Rayder. Maldito Smallwood, que disse que só iam chegar cá daqui a...

Uuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuhoo.

O som durou, durou e durou, até parecer que nunca terminaria. Os corvos batiam as asas e guinchavam, voando nas suas gaiolas e esbarrando nas barras, e por todo o acampamento os irmãos da Patrulha da Noite levantavam-se, vestiam as armaduras, prendiam cintos de espadas, estendiam as mãos para machados de batalha e arcos. Samwell Tarly desatou a tremer, com a cara da mesma cor da neve que caía, rodopiando, a toda a volta.

— Três — guinchou para Chett —, aquilo foram três, ouvi três. Nunca fazem soar três. Há centenas e milhares de anos que não fazem soar três. Três quer dizer...

— ...*Outros*. — Chett soltou um som que era metade gargalhada e metade soluço, e de súbito a roupa de baixo estava molhada, sentia o mijo a escorrer-lhe pela perna, e via vapor a evaporar-se da frente das suas bragas.

Um vento de leste soprou-lhe através do cabelo emaranhado, tão suave e perfumado como os dedos de Cersei. Ouvia aves a cantar, e sentia o rio a deslocar-se debaixo do barco, à medida que os movimentos dos remos os aproximavam da pálida alvorada cor-de-rosa. Depois de passar tanto tempo na escuridão, o mundo era tão encantador que Jaime Lannister se sentia tonto. *Estou vivo, e bêbado de sol.* Uma gargalhada atravessou-lhe os lábios, súbita como uma codorniz espantada do esconderijo.

— Silêncio — resmungou a rapariga, carregando o sobrolho. Carrancas adequavam-se mais à sua cara grosseira do que um sorriso. Não que Jaime a tivesse visto sorrir alguma vez. Divertia-se imaginando-a vestida com um dos vestidos de seda de Cersei em vez do justilho de couro com tachas que envergava. *Tanto faz vestir de seda uma vaca como esta tipa.*

Mas a vaca remava bem. Por baixo das suas bragas de tecido grosseiro e castanho, havia barrigas de pernas que eram como cordões de madeira, e os longos músculos dos seus braços estendiam-se e contraíam-se com cada batida dos remos. Mesmo depois de remar metade da noite, não mostrava sinais de cansaço, o que era mais do que se podia dizer do primo de Jaime, Sor Cleos, que se afadigava com o outro remo. *Uma grande e forte camponesa, pelo aspecto, mas fala como alguém de nascimento elevado e usa espada e punhal. Ah, mas saberá usá-los?* Jaime tencionava descobrir, assim que se livrasse daqueles grillhões.

Usava grillhetas de ferro nos pulsos e um par a combinar nos tornozelos, unidos por um bocado de pesada corrente que não tinha mais de trinta centímetros de comprimento.

— Julgar-se-ia que a minha palavra de Lannister não é suficientemente boa — gracejara quando o tinham prendido. Nesse momento estava muito bêbado, graças a Catelyn Stark. Recordava apenas bocados desenhados da fuga de Correrrio. Houvera um problema qualquer com o carcereiro, mas a rapariga grande dominara-o. Depois disso tinham subido uma escadaria que não parecia ter fim, às voltas e às voltas. As suas pernas estavam fracas como relva, e tropeçara duas ou três vezes, até que a rapariga lhe oferecera um braço a que se apoiar. A dado ponto, fora enrolado num manto de viajante e atirado para o fundo de um esquife. Lembrava-se de ouvir a voz da Senhora Catelyn a ordenar a alguém que erguesse a porta levadiça do Portão da Água. Num tom que não admitia discussões, decla-

rara que estava a enviar Sor Cleos Frey de regresso a Porto Real com novas condições para a rainha.

Nessa altura, devia ter adormecido. O vinho dera-lhe sono, e soubera-lhe bem estender-se, um luxo que as correntes não lhe tinham permitido na cela. Jaime aprendera há muito a dormir na sela durante uma marcha. Aquilo não era mais difícil. *Tyrion vai morrer a rir quando souber como dormi durante a minha própria fuga.* Mas agora estava acordado, e as grillhetas eram penosas.

— Senhora — chamou —, se me tirásseis estas correntes, eu tomaria o vosso lugar a esses remos.

Ela voltou a carregar o sobrolho, com uma cara que era toda dentes de cavalo e suspeita carrancuda.

— Ireis usar as vossas correntes, Regicida.

— Tencionas remar até Porto Real, rapariga?

— Chamar-me-eis Brienne. E não *rapariga*.

— O meu nome é Sor Jaime. Não Regicida.

— Negais que matastes um rei?

— Não. Negas o teu sexo? Se assim for, desata essas bragas e mostra-me. — Dirigiu-lhe um sorriso inocente. — Pedir-te-ia para abrir o corpete, mas olhando para ti, julgo que isso não provaria grande coisa.

Sor Cleos mostrou-se insatisfeito.

— Primo, lembrai-vos da boa educação.

O sangue Lannister é fino nas veias deste. Cleos era filho da sua tia Gen-na e daquele cretino do Emmon Frey, que vivera aterrorizado pelo Lorde Tywin Lannister desde o dia em que casara com a sua irmã. Quando o Lorde Walder Frey trouxera as Gémeas para a guerra do lado de Correrrio, Sor Emmon escolhera as ligações da mulher em detrimento das do pai. *O Rochedo Casterly ficou prejudicado por esse negócio,* reflectiu Jaime. Sor Cleos parecia uma doninha, lutava como um ganso, e tinha a coragem de uma ovelha particularmente ousada. A Senhora Stark prometera-lhe a liberdade se entregasse a sua mensagem a Tyrion, e Sor Cleos jurara solenemente fazê-lo.

Tinham todos prestado uma boa dose de juramentos naquela cela, principalmente Jaime. Fora o preço que a Senhora Catelyn exigira por perdê-lo. Encostara a ponta da espada da rapariga grande ao coração de Jaime e dissera:

— Jurai que não voltareis a pegar em armas contra Stark ou Tully. Jurai que forçareis o vosso irmão a honrar a sua promessa de devolver as minhas filhas em segurança e incólumes. Jurai pela vossa honra como cavaleiro, pela vossa honra como Lannister, pela vossa honra como Irmão Ajuramentado da Guarda Real. Jurai pela vida da vossa irmã, e pela do vos-

so pai e do vosso filho, pelos deuses antigos e modernos, e eu enviar-vos-ei de volta à vossa irmã. Recusai, e far-vos-ei correr o sangue. — Lembra-va-se do aço a picar através dos farrapos que usava quando ela torcera a ponta da espada.

Pergunto a mim próprio o que terá o Alto Septão a dizer quanto à santidade de juramentos prestados quando se está a cair de bêbado, acorrentado a uma parede e com uma espada encostada ao peito. Não que Jaime estivesse realmente preocupado com essa gorda fraude ou com os deuses que ele dizia servir. Lembra-va-se do balde que a Senhora Catelyn derrubara com um pontapé na cela. Uma estranha mulher, para confiar as filhas a um homem que tinha merda no lugar da honra. Se bem que estivesse a confiar nele o mínimo que se atrevia. *Está a colocar as suas esperanças em Tyrion, não em mim.*

— Talvez ela não seja assim tão estúpida, afinal — disse em voz alta.

A sua captora compreendeu-o mal.

— Não sou estúpida. Nem surda.

Mostrou-se gentil para com ela. Troçar daquela mulher seria tão fácil que não traria qualquer divertimento.

— Estava a falar comigo, não contigo. É um hábito em que é fácil cair numa cela.

Ela olhou-o de sobrolho franzido, empurrando os remos para a frente, puxando-os para trás, empurrando-os para a frente, sem nada dizer.

Tão fluente de língua como é bela de rosto.

— Pela tua maneira de falar, julgar-te-ia de nascimento nobre.

— O meu pai é Selwyn de Tarth, pela graça dos deuses senhor do Entardecer. — Até aquilo foi dito de má vontade.

— Tarth — disse Jaime. — Um rochedo horripelantemente grande no Mar Estreito, se bem me lembro. E o Entardecer está ajuramentado a Ponta Tempestade. Como é que serves Robb de Winterfell?

— Quem eu sirvo é a Senhora Catelyn. E ela ordenou-me que vos entregasse a salvo ao vosso irmão Tyrion em Porto Real, não que trocasse palavras convosco. Silenciai-vos.

— Já tive uma barrigada de silêncio, mulher.

— Então falai com Sor Cleos. Não tenho conversa para monstros.

Jaime soltou um grito.

— Há monstros por aqui? Escondidos debaixo de água, talvez? Na-quele grupo de salgueiros? E eu sem a minha espada!

— Um homem capaz de violar a sua própria irmã, matar o seu rei e atirar uma criança inocente para a morte não merece outro nome.

Inocente? O maldito rapaz estava a espiar-nos. Tudo o que Jaime quisera fora uma hora a sós com Cersei. A viagem para norte fora um longo

tormento; vê-la todos os dias, sem ter a possibilidade de tocá-la, sabendo que Robert entrava aos tropeções de bêbado na sua cama todas as noites, naquela grande casa rolante que rangia por todos os lados. Tyrion fizera o que pudera para o manter de bom humor, mas não fora o bastante.

— Serás cortês no que toca a Cersei, rapariga — avisou-a.

— O meu nome é Brienne, não *rapariga*.

— Que te importa o que um monstro te chama?

— O meu nome é Brienne — repetiu, obstinada como um cão de caça.

— Senhora Brienne? — A rapariga fez uma expressão tão desconfortável que Jaime pressentiu um ponto fraco. — Ou seria *Sor Brienne* mais a teu gosto? — Soltou uma gargalhada. — Não, temo que não. Pode-se adornar uma vaca leiteira com retranca, crinete e testeira e albardá-la toda de seda, mas isso não quer dizer que se possa montá-la em batalha.

— Primo Jaime, por favor, não devíeis falar tão rudemente. — Sob o manto, *Sor Cleos* usava um sobretudo esquartelado com as torres gémeas da Casa Frey e o leão dourado de Lannister. — Temos um longo caminho a percorrer, não devíamos querelar entre nós.

— Quando querelo faço-o com uma espada, primo. Estava a falar com a senhora. Diz-me, rapariga, as mulheres de Tarth são todas tão rústicas como tu? Se assim for, sinto pena dos homens. Talvez não conheçam o aspecto de verdadeiras mulheres, vivendo numa montanha desolada no mar.

— Tarth é bela — resmungou a rapariga entre remadas. — Chamam-lhe a Ilha Safira. Ficai calado, monstro, a menos que queirais que vos amordace.

— Ela também é rude, não é, primo? — perguntou Jaime a *Sor Cleos*. — Se bem que tenha aço na espinha, admito. Não há muitos homens que se atrevam a chamar-me monstro na cara. — *Apesar de por trás das minhas costas falarem com bastante liberdade, não duvido.*

Sor Cleos tossiu nervosamente.

— A Senhora Brienne ouviu tais mentiras de Catelyn Stark, certamente. Os Stark não têm esperança de vos derrotar com espadas, sor, portanto agora fazem a guerra com palavras envenenadas.

Eles derrotaram-me com espadas, seu cretino sem queixo. Jaime fez um sorriso sabedor. Se se deixar, os homens lêem todo o tipo de coisas de um sorriso sabedor. *Terá o primo Cleos realmente engolido aquela panela de bosta, ou estará a tentar cair nas minhas boas graças? Que temos nós aqui, uma honesta cabeça oca ou um bajulador?*

Sor Cleos continuou jovialmente a tagarelar.

— Qualquer homem que acredite que um Irmão Ajuramentado da

Guarda Real seria capaz de fazer mal a uma criança não conhece o significado da honra.

Bajulador. Em boa verdade, Jaime tinha acabado por lamentar ter atirado Brandon Stark daquela janela. Depois daquilo, Cersei dera-lhe um sem-fim de recriminações, quando o rapaz se recusara a morrer.

— Ele tinha *sete anos*, Jaime — ralhara-lhe. — Mesmo se tivesse compreendido o que vira, devíamos ter sido capazes de o assustar o suficiente para que guardasse silêncio.

— Não pensei que quisesses...

— Tu *nunca* pensas. Se o rapaz acordar e contar ao pai o que viu...

— Se se se. — Puxara-a para o colo. — Se acordar, diremos que estava a sonhar, chamar-lhe-emos mentiroso, e se o pior acontecer, eu mato o Ned Stark.

— E nessa altura, o que imaginas que *Robert* fará?

— Robert que faça o que bem entender. Far-lhe-ei guerra, se tiver de ser. Os cantores chamar-lhe-ão a Guerra Pela Cona de Cersei.

— Jaime, larga-me! — enraivecera-se ela, lutando por se levantar.

Em vez disso, beijara-a. Por um momento, ela resistira, mas então a boca dela abria-se sob a sua. Lembrava-se do sabor a vinho e a cravinho da sua língua. Estremecera. Levava a mão ao corpete dela e puxara, rasgando a seda para que os seios se derramassem, livres, e durante algum tempo o rapaz Stark fora esquecido.

Ter-se-ia Cersei lembrado dele mais tarde e teria contratado aquele homem de que a Senhora Catelyn falara, para se assegurar de que o rapaz nunca acordasse? *Se o quisesse morto, ter-me-ia enviado a mim. E não é próprio dela escolher um homem que metesse os pés pelas mãos daquela maneira.*

A jusante do rio, o Sol nascente cintilava na superfície da água, varrida pelo vento. A margem sul era de barro vermelho, lisa como uma estrada. Rios mais pequenos alimentavam o maior, e os troncos em putrefacção de árvores afogadas aderiam às margens. A margem norte era mais selvagem. Grandes escarpas rochosas elevavam-se a seis metros acima deles, coroadas por grupos de faias, carvalhos e castanheiros. Jaime vislumbrou uma torre de vigia nas elevações, mais à frente, aumentando de tamanho a cada remada. Muito antes de passarem por ela, soube que se encontrava abandonada, com as pedras desgastadas cobertas por rosas trepadeiras.

Quando o vento mudou, Sor Cleos ajudou a grande rapariga a içar a vela, um triângulo de boa tela às riscas vermelhas e azuis. Cores Tully, que lhes causariam problemas certos se encontrassem alguma força Lannister no rio, mas era a única vela que possuíam. Brienne pegou na cana do leme. Jaime atirou à água a bolina de bordo, fazendo chocalhar as correntes ao

mover-se. Depois disso, a velocidade aumentou, passando a fuga a ser favorecida tanto pelo vento como pela corrente do rio.

— Podíamos poupar alguma viagem se me entregasses ao meu pai e não ao meu irmão — fez notar.

— As filhas da Senhora Catelyn estão em Porto Real. E eu ou regresso com as raparigas ou não regresso.

Jaime virou-se para Sor Cleos.

— Primo, emprestai-me a vossa faca.

— Não. — A mulher ficou tensa. — Não vos quero armado. — A voz era inflexível como pedra.

Ela teme-me, mesmo a ferros.

— Cleos, parece que terei de pedir-vos que me rapeis o cabelo. Deixai a barba, mas tirai-me o cabelo da cabeça.

— Quereis rapar o cabelo por completo? — perguntou Cleos Frey.

— O reino conhece Jaime Lannister como um cavaleiro sem barba e com um longo cabelo dourado. Um careca com uma barba amarela e porca pode passar despercebido. Prefiro não ser reconhecido enquanto estiver a ferros.

O punhal não estava tão afiado como seria desejável. Cleos cortou intrepidamente, abrindo caminho pelos nós do cabelo e atirando-o borda fora. Os caracóis dourados flutuaram à superfície da água, ficando gradualmente para trás. Enquanto o cabelo ia desaparecendo, um piolho arrastou-se-lhe pelo pescoço abaixo. Jaime apanhou-o e esmagou-o na unha. Sor Cleos tirou-lhe mais do couro cabeludo e atirou-os à água. Jaime mergulhou a cabeça no rio e obrigou Sor Cleos a amolar a lâmina antes de o deixar rapar os últimos dois centímetros de penugem amarela. Quando essa parte ficou feita, apararam-lhe também a barba.

O reflexo na água era de um homem que não conhecia. Não só era calvo, como também parecia que envelhecera cinco anos naquela masmorra; tinha a cara mais magra, com covas debaixo dos olhos e rugas de que não se lembrava. *Assim não me pareço muito com Cersei. Ela vai detestar isso.*

Por volta do meio-dia, Sor Cleos adormecera. Os seus roncos pareciam patos a acasalar. Jaime esticou-se para ver o mundo a passar; depois da cela escura, cada rochedo e árvore era uma maravilha.

Algumas choupanas de uma só divisão surgiram e desapareceram, empoleiradas no cimo de estacas altas que as faziam assemelhar-se a grous. Das pessoas que aí viviam não viram nem sinal. Aves voavam no alto, ou soltavam gritos das árvores que cresciam nas margens, e Jaime vislumbrou peixes prateados a cortar a água. *Truta Tully, aí está um mau presságio*, pensou, até ver outro pior — um dos troncos flutuantes por que passaram revelou ser um homem morto, exangue e inchado. O seu manto estava emaranha-

do nas raízes de uma árvore caída, e a cor era inconfundível: o carmim de Lannister. Perguntou a si próprio se o cadáver teria sido algum conhecido seu.

Os ramos do Tridente eram a forma mais simples de transportar bens e homens pelas terras fluviais. Em tempos de paz, teriam encontrado pescadores nos seus esquifes, barcaças de cereais a descer a corrente à vara, mercadores que vendiam agulhas e rolos de tecido de lojas flutuantes, talvez até um barco de pantomimeiros garridamente pintado, com velas de remendos de meia centena de cores, subindo o rio de aldeia em aldeia e de castelo em castelo.

Mas a guerra cobrara o seu preço. Passaram por aldeias mas não viram aldeões. Uma rede vazia, cortada, rasgada e pendurada num grupo de árvores, era o único sinal de pescadores. Uma jovem que dava de beber ao cavalo afastou-se assim que vislumbrou a vela deles. Mais tarde, passaram por uma dúzia de camponeses que escavavam à sombra do esqueleto de uma torre queimada. Os homens olharam-nos com olhos mortiços, e regressaram ao trabalho assim que decidiram que o esquife não constituía ameaça.

O Ramo Vermelho era largo e lento, um rio sinuoso de voltas e curvas, salpicado de minúsculas ilhotas arborizadas e frequentemente entupido por bancos de areia e obstáculos submersos que espreitavam logo abaixo da superfície da água. Mas Brienne parecia ter bom olho para os perigos, e parecia sempre encontrar o canal. Quando Jaime a elogiou pelo seu conhecimento do rio, ela olhou-o com suspeita e disse:

— Não conheço o rio. Tarth é uma ilha. Aprendi a manejar remos e velas antes de subir para cima de um cavalo.

Sor Cleos sentou-se e esfregou os olhos.

— Deuses, tenho os braços doridos. Espero que o vento dure. — Fajou-o. — Cheira-me a chuva.

Jaime acolheria com agrado uma boa chuvada. As masmorras de Correrrio não eram o sítio mais limpo dos Sete Reinos. Devia cheirar como um queijo maduro de mais.

Cleos semicerrou os olhos para jusante.

— Fumo.

Um fino dedo cinzento chamava-os, mais à frente. Erguia-se da margem sul, a várias milhas de distância, retorcendo-se e enrolando-se. Por baixo, Jaime distinguiu os restos fumegantes de um grande edifício, e um carvalho vivo cheio de mulheres mortas.

Os corvos quase ainda não tinham começado a atacar os cadáveres. As cordas finas abriam sulcos profundos na pele suave das suas gargantas, e quando o vento soprava, viravam-se e oscilavam.

— Isto não foi cavalheiresco — disse Brienne quando se aproximaram o suficiente para ver com clareza. — Nenhum verdadeiro cavaleiro perdoaria uma tal cruel carnificina.

— Os verdadeiros cavaleiros vêem coisas piores sempre que partem para a guerra, rapariga — disse Jaime. — E, sim, *fazem* coisas piores.

Brienne virou o leme para a margem.

— Não deixarei inocentes como comida para corvos.

— Uma rapariga sem coração. Os corvos também precisam de comer. Fica no rio e deixa os mortos em paz, mulher.

Acostaram a montante do local onde o grande carvalho se inclinava sobre a água. Enquanto Brienne baixava a vela, Jaime trepou para terra, desajeitado devido às correntes. O Ramo Vermelho encheu-lhe as botas e empapou-lhe as bragas esfarrapadas. Rindo, caiu de joelhos, mergulhou a cabeça na água e ergueu-se, ensopado e a pingar. Tinha as mãos cheias de sujidade seca, e depois de as esfregar na corrente, pareceram-lhe mais magras e mais pálidas do que as recordava. Sentiu também as pernas perras e pouco firmes quando apoiou nelas o seu peso. *Passai tempo a mais na maldita masmorra de Hoster Tully.*

Brienne e Cleos arrastaram o esquife para a margem. Os cadáveres pendiam sobre as suas cabeças, amadurecendo na morte como frutos fétidos.

— Um de nós terá de cortar aquelas cordas — disse a rapariga.

— Eu trepo. — Jaime subiu para terra, a tinir. — Basta que me tires estas correntes.

A rapariga estava a fitar uma das mortas. Jaime aproximou-se com os seus passinhos hesitantes, o único tipo de passo que a corrente permitia. Quando viu a tosca tabuleta pendurada do pescoço do cadáver mais alto, sorriu.

— *Deitaram-se Com Leões* — leu. — Oh, sim, mulher, isto foi muito pouco *cavalheiresco*... mas foi feito pelo vosso lado e não pelo meu. Pergunto a mim próprio quem seriam estas mulheres.

— Raparigas de taberna — disse Sor Cleos Frey. — Isto era uma estalagem, recordo agora. Alguns dos homens da minha escolta passaram aqui a noite quando regressámos a Correrrio. — Nada restava do edifício além das fundações de pedra e de um emaranhado de vigas caídas e negras de carvão. Ainda saía fumo das cinzas.

Jaime deixava os bordéis e as prostitutas para o irmão Tyrion. Cersei era a única mulher que alguma vez desejara.

— As raparigas deram prazer a alguns dos soldados do senhor meu pai, ao que parece. Talvez lhes tenham servido comida e bebida. Foi assim que ganharam os seus colares de traidoras, com um beijo e um copo de

cerveja. — Olhou de relance para montante e para jusante do rio, para se certificar de que estavam sós. — Isto é terra Bracken. O Lorde Jonos pode ter ordenado a sua morte. O meu pai queimou-lhe o castelo, temo que não goste de nós.

— Pode ser obra de Marq Piper — disse Sor Cleos. — Ou do fogaréu dos bosques, Beric Dondarrion, muito embora eu tenha ouvido dizer que ele só mata soldados. Talvez um bando de nortenhos de Roose Bolton?

— Bolton foi derrotado pelo meu pai no Ramo Verde.

— Derrotado mas não destruído — disse Sor Cleos. — Voltou a descer para sul quando o Lorde Tywin se pôs em marcha contra os vaus. Segundo se dizia em Correrrio, tomou Harrenhal a Sor Amory Lorch.

Jaime não gostou nem um pouco daquilo.

— Brienne — disse, concedendo-lhe a cortesia do nome na esperança de a fazer escutá-lo —, se o Lorde Bolton detém Harrenhal, tanto o Tridente como a Estrada de Rei estão provavelmente vigiados.

Pensou ver um toque de incerteza nos grandes olhos azuis da rapariga.

— Estais sob a minha protecção. Teriam de matar-me.

— Não me parece que isso lhes causasse engulhos.

— Sou tão boa lutadora como vós — disse ela em tom defensivo. — Era um dos sete escolhidos do Rei Renly. Com as suas próprias mãos me prendeu o manto de seda listada da Guarda Arco-Íris.

— A Guarda *Arco-Íris*? Eras tu e mais seis raparigas, não? Um cantor disse um dia que todas as donzelas são belas vestidas de seda... mas nunca te viu, pois não?

A mulher ficou vermelha.

— Temos sepulturas a cavar. — E subiu à árvore.

Os ramos mais baixos do carvalho eram suficientemente grandes para ela caminhar por eles, uma vez trepado o tronco. Deslocou-se por entre as folhas, de punhal em punho, cortando as cordas de que os cadáveres pendiam. Moscas esvoaçavam em torno dos corpos quando caíam, e o fedor foi piorando à medida que o trabalho avançava.

— Isto é uma grande trabalhadeira por causa de prostitutas — queixou-se Sor Cleos. — Com o que é suposto cavarmos? Não temos pás, e eu não usarei a espada, não...

Brienne soltou um grito. Saltou para o chão em vez de descer pelo tronco.

— Para o barco. Depressa. Uma vela.

Apressaram-se o mais que puderam, embora Jaime quase não conseguisse correr e tivesse de ser puxado para dentro do esquife pelo primo. Brienne empurrou o barco para a água com um remo e içou apressadamente a vela.

— Sor Cleos, vou precisar de que remeis também.

Ele fez o que lhe era pedido. O esquife começou a cortar as águas um pouco mais depressa; corrente, vento e remos, todos trabalhavam a seu favor. Jaime ficou sentado, acorrentado, a espreitar para montante. Só o topo da outra vela se encontrava visível. Devido ao modo como o Ramo Vermelho se contorcia, parecia encontrar-se do outro lado do campo, movendo-se para norte por trás de um biombo feito de árvores enquanto eles se deslocavam para sul, mas Jaime sabia que a aparência era enganadora. Ergueu ambas as mãos para proteger os olhos do Sol.

— Vermelho de lama e azul de água — anunciou.

A grande boca de Brienne movia-se sem som, dando-lhe o aspecto de uma vaca a ruminar.

— Mais depressa, sor.

A estalagem desapareceu rapidamente atrás deles, e também perderam de vista o topo da vela, mas isso não queria dizer nada. Assim que os perseguidores fizessem a curva, tornar-se-iam de novo visíveis.

— Suponho que podemos ter esperança de que os nobres Tully parem para enterrar as rameiras mortas. — A ideia de regressar à sua cela não entusiasmava Jaime. *Tyrion poderia pensar agora em qualquer coisa inteligente, mas tudo o que me ocorre é atacá-los com uma espada.*

Durante quase uma hora jogaram às escondidas com os perseguidores, navegando pelas curvas do rio e por entre pequenas ilhas arborizadas. Precisamente no momento em que começavam a ganhar a esperança de que de algum modo tivessem deixado para trás aqueles que seguiam no seu encalço, eis que a vela distante se tornou de novo visível. Sor Cleos fez uma pausa nas remadas.

— Que os Outros os levem. — E limpou o suor da testa.

— Remai! — disse Brienne.

— Aquilo que vem atrás de nós é uma galé de rio — anunciou Jaime depois de a observar durante algum tempo. A cada remada parecia crescer um pouco mais. — Nove remos de cada lado, o que significa dezoito homens. Mais, se embarcaram soldados além dos remadores. E velas maiores do que as nossas. Não é possível fugir-lhes.

Sor Cleos imobilizou-se aos remos.

— Dissestes dezoito?

— Seis para cada um de nós. Eu pediria oito, mas estas pulseiras engravam-me um pouco. — Jaime ergueu os pulsos. — A menos que a Senhora Brienne tenha a gentileza de me soltar?

Ela ignorou-o, colocando todos os seus esforços na remada.

— Tínhamos meia noite de avanço sobre eles — disse Jaime. — Têm vindo a remar desde a alvorada, descansando dois remos de cada vez. De-

vem estar exaustos. Verem agora a nossa vela renovou-lhes as forças, mas isso não durará. Devemos ser capazes de matar bastantes.

A boca de Sor Cleos abriu-se.

— Mas... eles são *dezoito*.

— Pelo menos. O mais certo é serem vinte ou vinte e cinco.

O primo gemeu.

— Não podemos esperar derrotar dezoito homens.

— E eu disse que podíamos? O melhor que podemos esperar é morrer de espada na mão. — Estava a ser completamente sincero. Jaime Lannister nunca tivera medo da morte.

Brienne parou de remar. O suor colara-lhe à testa madeixas do seu cabelo cor de linho, e o seu esgar fazia-a parecer mais rústica do que nunca.

— Estais sob a minha protecção — disse, com a voz tão carregada de ira que era quase um rosnido.

Ele não conseguiu evitar rir-se de tanta ferocidade. *Ela é o Cão de Caça com mamas*, pensou. *Ou seria, se tivesse mamas que se vissem*.

— Então protege-me, rapariga. Ou liberta-me para que me proteja a mim próprio.

A galé pairava pelo rio abaixo, como uma grande libélula de madeira. A água em seu redor estava transformada em espuma branca pelos furiosos movimentos dos seus remos. Estava a aproximar-se visivelmente, e os homens no convés aglomeravam-se à vante. Metal cintilava nas suas mãos, e Jaime via também arcos. *Arqueiros*. Detestava arqueiros.

À proa da galé encontrava-se um homem entroncado com uma cabeça calva, espessas sobranceiras grisalhas e braços musculosos. Sobre a cota de malha usava um sobretudo branco sujo com um salgueiro chorão bordado em verde-claro, mas o manto estava preso por uma truta prateada. *O capitão dos guardas de Correrrio*. No seu tempo, Sor Robin Ryger fora um lutador notavelmente tenaz, mas o seu tempo tinha passado; tinha a mesma idade de Hoster Tully, e envelhecera com o seu senhor.

Quando os barcos se aproximaram a cinquenta metros um do outro, Jaime pôs as mãos em concha em redor da boca e gritou por sobre a água.

— *Viestes desejar-me boa viagem, Sor Robin?*

— *Vim levar-vos de volta, Regicida* — berrou Sor Robin Ryger. — *Como foi que perdestes o vosso cabelo dourado?*

— *Espero cegar os inimigos com o brilho da cabeça. Funcionou bastante bem convosco.*

Sor Robin não sorriu. A distância entre esquife e galé encolhera para quarenta metros.

— *Atirai ao rio os remos e as armas, e ninguém precisa de se magoar.*

Sor Cleos virou-se.

— Jaime, dizei-lhe que fomos libertados pela Senhora Catelyn... uma troca de cativos, legítima...

Jaime disse-lhe, por descargo de consciência.

— *A Senhora Catelyn não governa em Correrrio* — gritou Sor Robin de volta. Quatro arqueiros apertaram-se de ambos os lados do velho cavaleiro, dois ajoelhados e dois em pé. — *Arremessai as espadas à água.*

— *Não tenho espada* — retorquiu — *mas se tivesse, espetá-la-ia na vossa barriga e cortaria os tomates a esses quatro cobardes.*

A resposta foi um grupo de setas. Uma espetou-se no mastro, duas perfuraram a vela e a quarta faliu Jaime por trinta centímetros.

Outra das grandes voltas do Ramo Vermelho aproximou-se à frente deles. Brienne atravessou-a em ângulo, a verga girou quando viraram e a vela estalou ao encher-se de vento. À frente, uma grande ilha estendia-se a meio da corrente. O canal principal fluía pela direita. À esquerda, um rápido recente corria entre a ilha e as escarpas elevadas da margem norte. Brienne moveu a cana do leme e o esquife cortou para a esquerda, com a vela a ondular. Jaime observou-lhe os olhos. *Olhos bonitos, pensou, e calmos.* Sabia ler os olhos de um homem. Sabia qual o aspecto do medo. *Ela está determinada, não desesperada.*

Trinta metros para trás, a galé estava a entrar na curva.

— Sor Cleos, tomai o leme — ordenou a rapariga. — Regicida, pegai num remo e mantende-nos afastados das rochas.

— Às ordens da minha senhora. — Um remo não era uma espada, mas a pá podia quebrar a cara a um homem, se bem brandida, e o cabo podia ser usado para parar estocadas.

Sor Cleos enfiou o remo na mão de Jaime e gatinhou até à ré. Passaram pela ponta da ilha e entraram no rápido com uma curva apertada, atirando uma onda contra a escarpa enquanto o barco se inclinava. A ilha era densamente arborizada, um emaranhado de salgueiros, carvalhos e grandes pinheiros que lançavam profundas sombras sobre a água, escondendo rochas e os troncos apodrecidos de árvores afogadas. À esquerda, a falésia erguia-se abrupta e rochosa, e no sopé, o rio espumava, branco, em volta de pedregulhos quebrados e montes de rochas caídas da face da escarpa.

Passaram do sol para a sombra, escondidos da vista da galé pela muralha verde das árvores e pela escarpa rochosa cinzenta-acastanhada. *Alguns momentos de alívio das setas,* pensou Jaime, afastando-os de um pedregulho meio submerso.

O esquife baloiçou. Ouviu uma suave pancada na água e quando olhou em volta Brienne tinha desaparecido. Um momento mais tarde

voltou a vê-la, içando-se de dentro de água na base da escarpa. Atravessou um charco pouco profundo, trepou algumas rochas e começou a escalar. Sor Cleos arregalava os olhos, de boca aberta. *Idiota*, pensou Jaime.

— Ignorai a rapariga — exclamou para o primo. — Guiai o barco.

Já viam a vela a mover-se atrás das árvores. A galé de rio surgiu à vista no topo do rápido, vinte e cinco metros atrás deles. A sua proa baloiçou violentamente quando ela virou, e meia dúzia de flechas levantaram voo, mas passaram todas bastante longe. Os movimentos dos dois barcos estavam a causar dificuldades aos arqueiros, mas Jaime sabia que aprenderiam a compensar dentro de pouco tempo. Brienne encontrava-se a meio da escarpa, içando-se de apoio em apoio. *Ryger vê-la-á com certeza, e assim que o faça, ordenará àqueles arqueiros que a abatam*. Jaime decidiu verificar se o orgulho do velho o tornava estúpido.

— *Sor Robin* — gritou —, *escutai-me por um momento*.

Sor Robin ergueu uma mão e os arqueiros baixaram os arcos.

— *Dizei o que quiserdes, Regicida, mas dizei depressa*.

O esquife baloiçou por entre uma confusão de pedras quebradas enquanto Jaime gritava:

— *Conheço uma maneira melhor de arrumar este assunto... combate singular. Vós e eu*.

— *Não nasci esta manhã, Lannister*.

— *Não, mas é provável que morrais esta tarde*. — Jaime ergueu as mãos para que o outro pudesse ver as grilhetas. — *Lutarei convosco acorrentado. Que tendes a temer?*

— *Vós não, sor. Se a escolha fosse minha, nada me agradaria mais, mas foi-me ordenado que vos levasse de volta vivo se possível. Arqueiros*. — Fez-lhes sinal para avançar. — *Encaixar. Puxar. Larg...*

A distância era inferior a vinte metros. Os arqueiros dificilmente teriam falhado, mas no momento em que puxavam os arcos uma cascata de seixos choveu à sua volta. Pequenas pedras matraquearam no convés, ricochetearam nos seus elmos, e mergulharam na água, de ambos os lados da proa. Os que tinham esperteza suficiente para compreender ergueram os olhos no preciso instante em que um pedregulho do tamanho de uma vaca se desprendia do topo da escarpa. Sor Robin gritou, consternado. O pedregulho girou no ar, atingiu a face da falésia, partiu-se em dois e esmagou-se sobre eles. O bocado maior quebrou o mastro, atravessou a vela, atirou dois dos arqueiros ao rio e esmagou a perna de um remador no momento em que ele se dobrava sobre o remo. A rapidez com que a galé se começou a encher de água sugeria que o fragmento mais pequeno tinha atravessado o casco. Os gritos dos remadores ecoaram na escarpa enquanto os arqueiros esbracejavam violentamente na corrente. Ajuizando pelo modo como cha-

pinhavam na água, nem uns nem outros sabiam nadar. Jaime soltou uma gargalhada.

Quando emergiram do rápido, a galé afundava-se por entre charcos, remoinhos e obstáculos submersos, e Jaime Lannister decidira que os deuses eram bons. Sor Robin e os seus triplamente malditos arqueiros teriam uma longa caminhada molhada de regresso a Correrrio, e também se tinha visto livre da grande rapariga rústica. *Eu próprio não poderia ter planeado isto melhor. Assim que me livre destes ferros...*

Sor Cleos soltou um grito. Quando Jaime olhou para cima, Brienne deslocava-se pelo topo da escarpa bem à frente deles, depois de cortar por um istmo enquanto o barco seguia a curva do rio. Atirou-se do rochedo, e pareceu quase graciosa enquanto girava para um mergulho. Teria sido descortês ter esperança de que ela esmagasse a cabeça numa pedra. Sor Cleos virou o esquife na sua direcção. Felizmente, Jaime ainda tinha o remo. *Uma boa cacetada quando ela chapinhar para dentro do barco, e fico livre dela.*

Mas em vez disso deu por si a estender o remo por cima da água. Brienne agarrou-se-lhe e Jaime puxou-a para dentro. Enquanto a ajudava a subir para o esquife, água escorreu-lhe do cabelo e pingou das suas roupas empapadas, fazendo uma poça no convés. *Ainda é mais feia molhada. Quem o julgaria possível?*

— És uma rapariga estúpida como o raio — disse-lhe. — Podíamos ter continuado sem ti. Suponho que esperas que te agradeça?

— Não quero nenhum agradecimento vosso, Regicida. Prestei o juramento de vos levar a salvo até Porto Real.

— E pretendes mesmo mantê-lo? — Jaime concedeu-lhe o mais resplandecente dos seus sorrisos. — Isso é que é uma maravilha.

Sor Desmond Grell servira a Casa Tully toda a sua vida. Era escudeiro quando Catelyn nascera, cavaleiro quando aprendera a andar, a montar a cavalo e a nadar, mestre-de-armas no dia em que casara. Vira a pequena Cat do Lorde Hoster transformar-se numa jovem, na senhora de um grande lorde, na mãe de um rei. *E agora viu-me também tornada traidora.*

O irmão de Catelyn, Edmure, nomeara Sor Desmond castelão de Correrrio quando partira para a batalha, por isso coube-lhe a ele lidar com o seu crime. A fim de aliviar o seu desconforto, trouxe consigo o intendente do pai, o severo Utherydes Wayn. Os dois homens pararam e fitaram-na; Sor Desmond corpulento, corado, embaraçado, Utherydes grave, lúgubre, melancólico. Cada um esperava que o outro falasse. *Deram as suas vidas ao serviço do meu pai, e eu paguei-lhes com a desonra,* pensou fatigadamente Catelyn.

— Os vossos filhos — disse por fim Sor Desmond. — O Mestre Vyman contou-nos. Pobres rapazes. Terrível. Terrível. Mas...

— Partilhamos a vossa dor, senhora — disse Utherydes Wayn. — Todo o Correrrio sofre convosco, mas...

— A notícia deve ter-vos enlouquecido — interrompeu Sor Desmond —, uma loucura de desgosto, uma loucura de *mãe*, os homens compreenderão. Não sabíeis...

— Sabia — disse firmemente Catelyn. — Compreendia o que estava a fazer e sabia que era traiçoeiro. Se não me punirdes, os homens pensarão que conspirámos para libertar Jaime Lannister. O acto foi meu e apenas meu, e só eu devo responder por ele. Coloquei-me os ferros vazios do Regicida, e usá-los-ei com orgulho, se for assim que tiver de ser.

— Grilhetas? — A própria palavra pareceu chocar o pobre Sor Desmond. — Para a mãe do rei, e filha do meu senhor? Impossível.

— Talvez — disse o intendente Utherydes Wayn — a senhora consentisse em ficar confinada aos seus aposentos até ao regresso de Sor Edmure. Passar algum tempo só, para rezar pelos filhos assassinados?

— Sim, confinada — disse Sor Desmond. — Confinada a uma cela na torre, isso chegará.

— Se tenho de ficar confinada, que seja nos aposentos do meu pai, para que possa confortá-lo nos seus últimos dias.

Sor Desmond reflectiu por um momento.

— Muito bem. Não vos faltará conforto ou respeito, mas ser-vos-á negada a liberdade de castelo. Visitai o septo se necessitardes, mas fora isso permaneci nos aposentos de Lorde Hoster até que o Lorde Edmure regressasse.

— Às vossas ordens. — O irmão não era lorde algum enquanto o pai vivesse, mas Catelyn não o corrigiu. — Colocai um guarda a vigiar-me se for necessário, mas comprometo-me a não tentar fugir.

Sor Desmond assentiu, claramente contente por despachar aquela desagradável tarefa, mas Utherydes Wayn deixou-se ficar por um momento, de olhos tristes, depois de o castelão se ter retirado.

— O que fizestes foi grave, senhora, mas não serviu de nada. Sor Desmond enviou Sor Robin Ryger atrás deles, para trazer de volta o Regicida... ou, caso não seja possível, a sua cabeça.

Catelyn não esperara outra coisa. *Que o Guerreiro dê força ao teu braço da espada, Brienne*, rezou. Tinha feito tudo o que podia; nada restava a não ser ter esperança.

As suas coisas foram mudadas para o quarto do pai, dominado pela grande cama de dossel em que Catelyn nascera, com as colunas esculpidas em forma de trutas a saltar. O pai fora mudado para meia volta de escada mais abaixo, e a sua cama de doente fora colocada de frente para a varanda triangular de onde podia ver os rios que sempre amara tanto.

O Lorde Hoster dormia quando Catelyn entrou. Saiu para a varanda e pousou uma mão na áspera balaustrada de pedra. Para lá do ponto onde se erguia o castelo, o rápido Pedregoso juntava-se ao plácido Ramo Vermelho, e via-se um longo trecho de rio para jusante. *Se uma vela listada chegar de leste, será Sor Robin a regressar*. De momento, a superfície das águas encontrava-se vazia. Agradeceu aos deuses por isso, e voltou para dentro, para se sentar com o pai.

Catelyn não saberia dizer se o Lorde Hoster sabia que ela se encontrava ali, ou se a sua presença lhe trazia algum conforto, mas sentia-se consolada por estar com ele. *Que diríeis se soubésseis do meu crime, pai?*, interrogou-se. *Teríeis feito o que eu fiz se fosse Lysa e eu a estarmos nas mãos dos nossos inimigos? Ou também me condenaríeis, chamando ao acto loucura de mãe?*

Havia um cheiro a morte no quarto; um cheiro pesado, doce e desagradável, que se agarrava às coisas. Fazia-a lembrar-se dos filhos que perdera, do seu querido Bran e do pequeno Rickon, mortos às mãos de Theon Greyjoy, que fora protegido de Ned. Ainda sofria por Ned, sofreria sempre por Ned, mas serem-lhe roubados também os seus bebés...

— Perder um filho é uma monstruosa crueldade — sussurrou suavemente, mais para si do que para o pai.

Os olhos de Lorde Hoster abriram-se.

— *Tansy* — rouquejou, numa voz espessa de dor.

Ele não me reconhece. Catelyn já se acostumara a que ele a confundisse com a mãe ou a irmã *Lysa*, mas *Tansy* era um nome que lhe era estranho.

— É a *Catelyn* — disse. — É a *Cat*, pai.

— Perdoa-me... o sangue... oh, por favor... *Tansy*...

Teria havido outra mulher na vida do pai? Talvez alguma donzela de aldeia que seduzira quando jovem? *Poderá ele ter achado conforto nos braços dalguma rapariga de servir depois de a mãe morrer?* Era um pensamento estranho, perturbador. De súbito sentiu-se como se não conhecesse o pai de todo.

— Quem é *Tansy*, senhor? Quereis que a mande chamar, pai? Onde encontrarei a mulher? Ainda é viva?

O *Lorde Hoster* gemeu.

— *Morta.* — A mão dele procurou a sua aos apalpoes. — Terás outros... bebés amorosos, e legítimos.

Outros? pensou *Catelyn*. *Ter-se-á esquecido de que Ned está morto? Ainda está a falar com Tansy, ou fala agora comigo, com a Lysa ou com a mãe?*

Quando ele tossiu, a expectoração veio ensanguentada. Agarrou-lhe os dedos.

— ... sê uma boa esposa e os deuses abençoar-te-ão... filhos... filhos legítimos... *aaahhh.* — O súbito espasmo de dor fez com que a mão de *Lorde Hoster* se apertasse. As unhas enterraram-se na mão dela, e ele soltou um grito abafado.

O *Meistre Vyman* chegou depressa, para misturar outra dose de leite da papoila e ajudar o seu senhor a engoli-la. Pouco depois, o *Lorde Hoster Tully* voltava a cair num sono pesado.

— Ele estava a perguntar por uma mulher — disse *Cat*. — *Tansy*.

— *Tansy?* — O *Meistre* olhou-a sem expressão.

— Não conheceis ninguém com esse nome? Uma criada, uma mulher de alguma aldeia próxima? Talvez alguém de há anos? — *Catelyn* passara muito tempo afastada de *Correrrio*.

— Não, senhora. Posso investigar, se quiserdes. *Utherydes Wayn* certamente saberá se uma pessoa assim alguma vez serviu em *Correrrio*. É *Tansy*, dizeis? O povo dá frequentemente o nome de ervas e flores às filhas¹. — O *Meistre* fez uma expressão pensativa. — Houve uma viúva, ao que me lembro, que costumava vir ao castelo em busca de sapatos velhos com necessidade de solas novas. O nome dela era *Tansy*, agora que penso nisso. Ou seria *Pansy*? Algo assim. Mas há muitos anos que não vem.

¹ “*Tansy*” significa “*tanásia*” (N. do T.).

— O nome dela era Violet — disse Catelyn, que se lembrava muito bem da velha.

— Era? — O Mestre fez uma expressão de desculpa. — Os meus perdões, Senhora Catelyn, mas não posso ficar. Sor Desmond decretou que só devemos falar convosco no âmbito dos nossos deveres.

— Então deveis fazer o que ele ordena. — Catelyn não podia culpar Sor Desmond, dera-lhe poucas razões para confiar nela, e o homem sem dúvida temia que ela pudesse usar a lealdade que muitos dos habitantes de Correrrio ainda nutriam pela filha do seu senhor para fazer mais algum estrago. *Pelo menos estou livre da guerra*, disse a si própria, *mesmo que por pouco tempo*.

Depois de o Mestre partir, vestiu um manto de lã e voltou a sair para a varanda. A luz do Sol cintilava nos rios, dourando a superfície das águas que passavam a rodopiar pelo castelo. Catelyn defendeu os olhos do clarão, em busca de uma vela distante, temendo vê-la. Mas nada havia, e esse nada queria dizer que as suas esperanças ainda se mantinham vivas.

Passou o dia inteiro a vigiar o rio, e também boa parte da noite, até lhe doerem as pernas de estar em pé. Um corvo chegou ao castelo ao fim da tarde, descendo para a colónia em grandes asas negras. *Asas escuras, palavras escuras*, pensou, lembrando-se da última ave que chegara e do horror que trouxera.

O Mestre Vyman regressou ao cair da noite para administrar os remédios ao Lorde Tully e trazer a Catelyn um modesto jantar de pão, queijo, e carne de vaca cozida com rábano picante.

— Falei com Utherydes Wayn, senhora. Ele está bastante seguro de que nenhuma mulher chamada Tansy esteve em Correrrio desde que está ao serviço.

— Vi que chegou hoje um corvo. Jaime foi recapturado? — *Ou morto, que os deuses não o permitam?*

— Não, senhora, não recebemos notícias do Regicida.

— Então é outra batalha? Edmure está em dificuldades? Ou Robb? Por favor, sede gentil, ponde em descanso os meus receios.

— Senhora, eu não devia... — Vyman olhou em volta, como que para se certificar de que não estava mais ninguém no quarto. — O Lorde Tywin abandonou as terras fluviais. Tudo está sossegado nos vaus.

— De onde veio então o corvo?

— Do Oeste — respondeu ele, atarefando-se com a roupa de cama de Lorde Hoster e evitando os olhos de Catelyn.

— Eram notícias de Robb?

Ele hesitou.

— Sim, senhora.

— Há algo de errado. — Soube-o pelos seus modos. O homem estava a esconder-lhe algo. — Dizei-me. É Robb? Ele está ferido? — *Morto não, deuses sede bons, por favor não me digais que ele está morto.*

— Sua Graça foi ferido no assalto ao Despenhadeiro — disse o Mestre Vyman, ainda evasivo — mas escreve que não é motivo de preocupações, e que espera regressar em breve.

— Um ferimento? Que tipo de ferimento? Com que gravidade?

— Não é motivo de preocupações, escreve ele.

— Todos os ferimentos me preocupam. Ele está a ser tratado?

— Estou certo de que sim. O Mestre no Despenhadeiro cuidará dele, não tenho dúvidas.

— Onde foi ferido?

— Senhora, foi-me ordenado que não falasse convosco. Lamento. — Recolhendo as suas poções, Vyman saiu apressadamente, e Catelyn foi uma vez mais deixada só com o pai. O leite da papoila cumprira a sua função, e o Lorde Hoster encontrava-se mergulhado num sono pesado. Um fino fio de saliva escorria-lhe de um canto da boca aberta e ia humedecer a almofada. Catelyn pegou num quadrado de linho e limpou-o com suavidade. Quando lhe tocou, o Lorde Hoster gemeu.

— Perdoa-me — disse, numa voz tão baixa que Catelyn quase não conseguiu ouvir as palavras. — Tansy... sangue... o sangue... deuses, sede bons...

Aquelas palavras perturbaram-na mais do que podia expressar, embora não conseguisse dar-lhes sentido. *Sangue*, pensou. *Terá tudo de acabar em sangue? Pai, quem era essa mulher, e que lhe haveis feito que exija tanto perdão?*

Nessa noite, Catelyn dormiu aos bocados, assombrada por sonhos sem estrutura sobre os filhos, os perdidos e os mortos. Muito antes do romper do dia, acordou com as palavras do pai a ecoar nos ouvidos. *Bebés amorosos, e legítimos... porque diria aquilo, a não ser... será possível que tenha gerado um bastardo com esta mulher, Tansy?* Não podia acreditar. O irmão Edmure, sim; não a surpreenderia saber que Edmure tinha uma dúzia de filhos ilegítimos. Mas o pai não, o Lorde Hoster Tully não, nunca.

Poderá Tansy ser algum nome carinhoso que tenha dado a Lysa, da mesma forma que me chamava Cat? O Lorde Hoster já antes a confundira com a irmã. *Terás outros, disse ele. Bebés amorosos, e legítimos.* Lysa abortara cinco vezes, duas no Ninho de Águia, três em Porto Real... mas nunca em Correrio, onde o Lorde Hoster estaria à mão para a confortar. *Nunca, a não ser... a não ser que esperasse uma criança, daquela primeira vez...*

Ela e a irmã tinham casado no mesmo dia e tinham sido deixadas ao cuidado do pai quando os novos esposos partiram para se voltarem a juntar

à rebelião de Robert. Mais tarde, quando o seu sangue de lua não chegou na altura do costume, Lysa tagarelara alegremente sobre os filhos que estava certa de que ambas esperavam.

— O teu filho será herdeiro de Winterfell e o meu do Ninho de Águia. Oh, serão os melhores amigos, como o teu Ned e o Lorde Robert. Serão mais irmãos do que primos, verdade, eu sei que sim. — *Estava tão feliz.*

Mas o sangue de Lysa chegara não muito mais tarde, e toda a alegria a abandonara. Catelyn sempre pensara que Lysa estivera simplesmente um pouco atrasada, mas se *tivesse* estado grávida...

Recordou a primeira vez que entregara Robb para a irmã segurar; pequeno, corado e numa grande chiadeira, mas já então forte, cheio de vida. Bastara a Catelyn pousar o bebé nas mãos da irmã para a cara de Lysa se dissolver em lágrimas. Devolvera apressadamente o bebé a Catelyn e fugira.

Se tivesse perdido um filho antes, isso poderia explicar as palavras do pai, e muitas outras coisas... O casamento de Lysa com o Lorde Arryn fora arranjado à pressa, e já então Jon era um velho, mais velho do que o pai de ambas. Um velho sem um herdeiro. As suas duas primeiras esposas tinham-no deixado sem filhos, o filho do irmão fora assassinado com Brandon Stark em Porto Real, o seu galante primo morrera na Batalha dos Sinos. Precisava de uma esposa jovem para a Casa Arryn perdurar... *uma esposa jovem que se soubesse que era fértil.*

Catelyn pôs-se em pé, vestiu um roupão e desceu os degraus até ao aposento privado escurecido, parando junto ao pai. Uma sensação de terror impotente encheu-a.

— Pai — disse —, pai, sei o que fizestes. — Já não era uma noiva inocente com a cabeça cheia de sonhos. Era uma viúva, uma traidora, uma mãe de luto, e conhecedora, sabedora dos costumes do mundo. — Obrigaste-lo a aceitá-la — sussurrou. — Lysa foi o preço que Jon Arryn teve de pagar pelas espadas e lanças da Casa Tully.

Pouco admirava que o casamento da irmã tivesse sido tão desprovido de amor. Os Arryn eram orgulhosos, e susceptíveis no que concernia à honra. O Lorde Jon podia casar-se com Lysa para unir os Tully à causa da rebelião, e na esperança de um filho, mas ter-lhe-ia sido difícil amar uma mulher que chegara à sua cama conspurcada e de má vontade. Teria sido atencioso, sem dúvida, cumpridor, sim; mas Lysa precisava de calor.

No dia seguinte, enquanto quebrava o jejum, Catelyn pediu uma pena e papel e começou uma carta para enviar à irmã, no Vale de Arryn. Contou a Lysa sobre Bran e Rickon, lutando com as palavras, mas escreveu principalmente sobre o pai. *Todos os seus pensamentos estão no mal que te fez, agora que os seus dias se encurtam. O Mestre Vyman diz que não se atreve a fazer*

o leite da papoila mais forte. É tempo de o pai pousar a espada e o escudo. É tempo para ele descansar. Mas continua a lutar, desesperadamente, não quer ceder. É por ti, penso eu. Precisa do teu perdão. A guerra tornou perigosa a estrada entre o Ninho de Águia e Correrrio, eu sei, mas decerto que uma poderosa força de cavaleiros seria capaz de te trazer em segurança através das Montanhas da Lua? Uma centena de homens, ou um milhar? E se não puderes vir, não quererás pelo menos escrever-lhe? Algumas palavras de amor, para que possa morrer em paz? Escreve o que quiseres, e eu ler-lhe-ei a carta, aliviando-lhe o percurso.

Já quando punha a pena de parte e pedia cera para selar a carta, Catelyn sentia que ela era provavelmente insuficiente e tardia. O Mestre Vyman não acreditava que o Lorde Hoster resistisse tempo bastante para que um corvo chegasse ao Ninho de Águia e regressasse. *Se bem que ele já antes tenha dito algo de muito semelhante...* Os homens Tully não se rendiam facilmente, fossem quais fossem as probabilidades. Depois de confiar o pergaminho aos cuidados do Mestre, Catelyn dirigiu-se ao septo e acendeu uma vela ao Pai de Cima pelo seu pai, uma segunda à Velha, que deixara entrar no mundo o primeiro corvo quando espreitara pela porta da morte, e uma terceira à Mãe, por Lysa e todos os filhos que ambas tinham perdido.

Mais tarde, enquanto estava sentada junto à cama de Lorde Hoster com um livro na mão, lendo a mesma passagem uma e outra vez, ouviu o som de vozes alteradas e um sopro de trombeta. *Sor Robin*, pensou de imediato, estremecendo. Foi até à varanda, mas nos rios nada havia para ver, embora pudesse ouvir com mais clareza as vozes lá de fora, o ruído de muitos cavalos, o tinir de armaduras, e de vez em quando uma aclamação. Catelyn subiu a escada em caracol até ao telhado da fortaleza. *Sor Desmond não me proibiu o telhado*, disse a si mesma enquanto subia.

Os sons vinham do lado mais distante do castelo, perto do portão principal. Um grupo de homens encontrava-se junto da porta levadiça enquanto esta se erguia aos solavancos, e nos campos mais além, fora do castelo, viam-se várias centenas de cavaleiros. Quando o vento soprou, ergueu-lhes os estandartes, e Catelyn tremeu de alívio ao ver a truta saltante de Correrrio. *Edmure*.

Passaram-se duas horas até que ele achasse por bem vir ter com ela. O castelo já ressoava ao som de ruidosos encontros à medida que os homens iam abraçando as mulheres e as crianças que haviam deixado para trás. Três corvos partiram da colónia, asas negras batendo o ar enquanto levantavam voo. Catelyn observou-os da varanda do pai. Lavara o cabelo, mudara de roupa, e preparara-se para as censuras do irmão... mas mesmo assim a espera era difícil.

Quando enfim ouviu sons junto à sua porta, sentou-se e dobrou as mãos no regaço. Lama vermelha seca salpicava as botas, as grevas e o sobre-

tudo de Edmure. Pelo aspecto que ele trazia, nunca seria possível adivinhar que ganhara a batalha. Estava magro e descomposto, com o rosto pálido, a barba descuidada e os olhos brilhantes de mais.

— Edmure — disse Catelyn, preocupada —, pareces doente. Aconteceu alguma coisa? Os Lannister atravessaram o rio?

— Repeli-os. Ao Lorde Tywin, a Sandor Clegane, a Addam Marbrand, rechacei-os a todos. Mas Stannis... — Fez uma careta.

— Stannis? Que há com Stannis?

— Perdeu a batalha em Porto Real — disse Edmure em tom infeliz. — A sua frota foi queimada, e o exército desbaratado.

Uma vitória Lannister era má notícia, mas Catelyn não podia partilhar a óbvia consternação do irmão. Ainda tinha pesadelos com a sombra que vira deslizar pela tenda de Renly e com o modo como o sangue jorrara através do aço do seu gorjal.

— Stannis não era mais amigo do que o Lorde Tywin.

— Não compreendes. Jardim de Cima declarou o seu apoio a Joffrey. Dorne também. Todo o Sul. — Apertou a boca. — E *tu* achas por bem libertar o Regicida. Não tinhas o direito.

— Tinha o direito de uma mãe. — A voz dela estava calma, embora a notícia sobre Jardim de Cima constituísse um fortíssimo golpe nas esperanças de Robb. Mas agora não podia pensar nisso.

— Não tinhas o direito — repetiu Edmure. — Ele era cativo de Robb, cativo do teu *rei*, e Robb encarregou-me de o manter a salvo.

— Brienne mantê-lo-á a salvo. Jurou-o pela sua espada.

— Aquela *mulher*?

— Ela entregará Jaime a Porto Real, e trar-nos-á em segurança Arya e Sansa.

— Cersei nunca abrirá mão delas.

— Cersei, não. Tyrion. Ele jurou fazê-lo, numa audiência aberta. E o Regicida também o jurou.

— A palavra de Jaime não vale nada. E quanto ao Duende, diz-se que apanhou com um machado na cabeça durante a batalha. Estará morto antes de a tua Brienne chegar a Porto Real, se é que ela chega.

— Morto? — Poderiam os deuses ser realmente assim tão impiedosos? Tinha obrigado Jaime a prestar uma centena de juramentos, mas fora à promessa do irmão que prendera as suas esperanças.

Edmure mostrou-se cego para a sua aflição.

— Jaime estava a *meu* cargo, e tenciono tê-lo de volta. Enviei corvos...

— Corvos a quem? Quantos?

— Três — disse ele — para que haja certeza de a mensagem chegar ao

Lorde Bolton. Por rio ou por estrada, o caminho de Correrrio a Porto Real tem de levá-los a passar perto de Harrenhal.

— Harrenhal. — A própria palavra parecia escurecer a sala. O horror tornou-lhe a voz pesada quando disse: — Edmure, sabes o que fizeste?

— Não tenhas medo, omiti o teu papel. Escrevi que Jaime fugiu, e ofereci mil dragões pela sua recaptura.

Pior e pior, pensou Catelyn, desesperada. *O meu irmão é um tolo*. Sem serem convidadas, indesejadas, lágrimas encheram-lhe os olhos.

— Se isto foi uma fuga — disse ela em voz baixa — e não uma troca de reféns, porque haverão os Lannister de entregar as minhas filhas a Brienne?

— Nunca chegará a esse ponto. O Regicida ser-nos-á devolvido, assegurei-me disso.

— Tudo aquilo de que te asseguraste foi que eu não volte a ver as minhas filhas. Brienne podia tê-lo levado em segurança até Porto Real... *desde que ninguém andasse em sua perseguição*. Mas agora... — Catelyn não conseguiu continuar. — Deixa-me, Edmure. — Não tinha qualquer direito de lhe dar ordens, ali no castelo que em breve seria do irmão, mas o tom que empregou não admitia discussões. — Deixa-me com o pai e a minha dor, nada mais tenho a dizer-te. Vai. Vai. — Tudo o que queria era deitar-se, fechar os olhos e dormir, e rezar para que nenhum sonho viesse.

O céu estava tão negro como as muralhas de Harrenhal atrás deles, e a chuva caía suave e constante, abafando o som dos cascos dos cavalos e escorrendo-lhes pelas caras.

Avançaram para norte, para longe do lago, seguindo uma estrada rural cheia de sulcos, através de campos destruídos e atravessando bosques e ribeiros. Arya tomou a dianteira, pondo o cavalo roubado a um imprudente trote rápido até que as árvores se fecharam à sua volta. O Tarte Quente e Gendry seguiram-na o melhor que conseguiram. Lobos uivavam à distância, e ela conseguia ouvir a respiração pesada do Tarte Quente. Ninguém falou. De tempos a tempos, Arya lançava um olhar de relance por sobre o ombro, para se certificar de que os dois rapazes não se tinham deixado ficar demasiado para trás, e para ver se eram perseguidos.

Sabia que o seriam. Roubara três cavalos dos estábulos e um punhal e um mapa do próprio aposento privado de Roose Bolton, e matara um guarda na poterna, rasgando-lhe a garganta quando ele ajoelhara para pegar na gasta moeda de ferro que Jaqen H'ghar lhe dera. Alguém o iria encontrar a jazer, morto, numa poça do seu próprio sangue, e então soaria o alarme. Acordariam o Lorde Bolton, e vasculhariam Harrenhal das ameias às adegas, e quando o fizessem, descobririam o desaparecimento do mapa e do punhal, além de algumas espadas do armeiro, pão e queijo das cozinhas, um ajudante de padeiro, um aprendiz de ferreiro e uma copeira chamada Ama... ou Doninha, ou Arry, dependendo de quem respondesse.

O Senhor do Forte do Pavor não viria atrás deles em pessoa. Roose Bolton ficaria na cama, com a pele pálida salpicada de sanguessugas, dando ordens na sua voz sussurrante. O seu subordinado Walton poderia dirigir a perseguição, aquele a quem chamavam Pernas d'Aço devido às grevas que usava sempre nas longas pernas. Ou talvez fosse o baboso Vargo Hoat e os seus mercenários, que chamavam a si próprios Bravos Companheiros. Os outros chamavam-lhes Saltimbancos Sangrentos (embora nunca na sua frente), e por vezes Homens dos Pés devido ao hábito que o Lorde Vargo tinha de cortar as mãos e pés dos homens que lhe desagradavam.

Se nos apanharem, vão cortar-nos as mãos e os pés, pensou Arya, *e depois Roose Bolton vai esfolar-nos.* Ainda trazia vestido o traje de pajem, e no peito, sobre o coração, tinha cosido o símbolo de Lorde Bolton, o homem esfolado do Forte do Pavor.

De todas as vezes que olhava para trás quase esperava ver um clarão de archotes a escorrer pelos distantes portões de Harrenhal, ou a correr ao longo do topo das enormes muralhas do castelo, mas nada se via. Harrenhal continuou a dormir, até se perder na escuridão e se esconder atrás das árvores.

Quando cruzaram o primeiro ribeiro, Arya virou o cavalo para o lado e levou-os para fora da estrada, seguindo o sinuoso curso de água ao longo de um quarto de milha até por fim subir uma margem pedregosa. Esperava que se os perseguidores trouxessem cães, isso talvez os fizesse perder-lhes o rasto. Não podiam ficar na estrada. *Há morte na estrada*, disse a si própria, *morte em todas as estradas*.

Gendry e o Tarte Quente não questionaram a sua opção. Afinal de contas, ela tinha o mapa, e o Tarte Quente parecia quase tão aterrorizado com ela como com os homens que podiam vir atrás deles. Vira o guarda que ela matara. *É melhor que tenha medo de mim*, disse a si própria. *Assim vai fazer o que eu disser, e não alguma coisa estúpida*.

Sabia que devia estar mais assustada do que estava. Tinha só dez anos, uma rapariguinha magricela num cavalo roubado com uma floresta escura à sua frente e atrás dela homens que de bom grado lhe cortariam os pés. Mas, sem saber porquê, sentia-se mais calma do que alguma vez se sentira em Harrenhal. A chuva lavara-lhe dos dedos o sangue do guarda, trazia uma espada a tiracolo, havia lobos a percorrer as trevas como esguias sombras cinzentas, e Arya Stark não tinha medo. *O medo corta mais profundamente do que as espadas*, sussurrou em surdina, as palavras que Syrio Forel lhe ensinara, e também as palavras de Jaqen, *valar morghulis*.

A chuva parou, recomeçou e voltou a parar e a recomeçar, mas tinham bons mantos para manter a água afastada. Arya manteve-os em movimento a um ritmo lento e regular. Estava demasiado escuro sob as árvores para avançar mais depressa; os rapazes não eram nenhuns cavaleiros, nenhum dos dois, e o terreno fofo e rasgado era traiçoeiro, cheio de raízes meio enterradas e de pedras escondidas. Atravessaram outra estrada, cujos profundos sulcos estavam cheios de água, mas Arya evitou-a. Levou-os para cima e para baixo ao longo das colinas arredondadas, através de sarças, espinheiros e arbustos, pelo fundo de barrancos estreitos, onde ramos pesados de folhas húmidas lhes esbofeteavam as caras ao passar.

A égua de Gendry perdeu uma vez o apoio na lama, caindo com força sobre os quartos traseiros e derrubando-o da sela, mas nem cavalo nem cavaleiro se feriram, e Gendry pôs aquela sua expressão teimosa no rosto e voltou logo a montar. Não muito tempo depois depararam com três lobos que devoravam o cadáver de um enho. Quando o cavalo do Tarte Quente detectou o cheiro, espantou-se e fugiu. Dois dos lobos fugiram também,

mas o terceiro ergueu a cabeça e mostrou os dentes, preparado para defender a caça.

— Recua — disse Arya a Gendry. — Devagar, para não o assustares. — Desviaram as montadas até que o lobo e o seu banquete ficaram fora de vista. Foi só então que ela fez meia volta para ir no encalço do Tarte Quente, que se agarrava desesperadamente à sela enquanto arremetia por entre as árvores.

Mais tarde passaram por uma aldeia incendiada, abrindo caminho com cuidado por entre as paredes vazias de choupanas enegrecidas e junto aos ossos de uma dúzia de mortos enforcados numa fileira de macieiras. Quando o Tarte Quente os viu, pôs-se a rezar, sussurrando uma frágil súplica pela misericórdia da Mãe, repetindo-a uma e outra vez. Arya ergueu os olhos para os mortos descarnados nas suas roupas molhadas e a apodrecer e pronunciou a sua própria prece. *Sor Gregor*, começava ela, *Dunsen*, *Polliver*, *Raff*, *o Querido*. *O Côcegas e o Cão de Caça*. *Sor Ilyn*, *Sor Meryn*, *Rei Joffrey*, *Rainha Cersei*. Terminou-a com *valar morghulis*, levou os dedos ao sítio onde a moeda de Jaqen se aninhava sob o cinto e depois ergueu a mão e colheu uma maçã de entre os mortos, ao passar por eles. Estava mole e madura de mais, mas comeu-a, com bicho e tudo.

Esse foi o dia sem alvorada. Lentamente, o céu foi clareando à volta deles, mas nunca chegaram a ver o Sol. O negro transformou-se em cinzento, e as cores regressaram timidamente ao mundo. Os pinheiros marciais vestiam-se de verdes sombrios, as árvores de folha caduca de vermelhos-escuros e dourados-desvanecidos, que já começavam a acastanhar. Pararam o tempo suficiente para dar água aos cavalos e comer um pequeno-almoço rápido e frio, desfazendo um dos pães que o Tarte Quente roubara das cozinhas, e passando de mão em mão bocados de duro queijo amarelo.

— Sabes para onde vamos? — perguntou-lhe Gendry.

— Para norte — disse Arya.

O Tarte Quente olhou em volta com ar incerto.

— Para que lado fica o norte?

Arya usou o queijo para apontar.

— Para ali.

— Mas não há Sol. Como é que sabes?

— Pelo musgo. Estás a ver como cresce principalmente de um dos lados das árvores? Isso é o sul.

— Que queremos nós com o norte? — quis saber Gendry.

— O Tridente. — Arya desenrolou o mapa roubado a fim de lhes mostrar. — Vês? Quando chegarmos ao Tridente, tudo o que temos de fazer é segui-lo para cima até chegarmos a Correrrio, aqui. — Traçou o percurso

com o dedo. — É um longo caminho, mas não é possível perdermo-nos, desde que sigamos o rio.

O Tarte Quente piscou os olhos para o mapa.

— Qual deles é Correrrio?

Correrrio estava pintado como uma torre de castelo, na junção entre as linhas azuis onduladas de dois rios, o Pedregoso e o Ramo Vermelho.

— Ali. — Arya tocou-lhe. — Diz *Correrrio*.

— Sabes ler coisas escritas? — disse-lhe ele com espanto, como se ela tivesse dito que conseguia caminhar sobre água.

Arya anuiu.

— Ficaremos seguros depois de chegarmos a Correrrio.

— Ah sim? Porquê?

Porque Correrrio é o castelo do meu avô, e o meu irmão Robb estará lá, quis ela dizer. Mordeu o lábio e enrolou o mapa.

— Porque sim. Mas só se chegarmos lá. — Foi a primeira a subir para a sela. Sentiu-se mal por esconder a verdade do Tarte Quente, mas não confiava nele o suficiente para lhe contar o seu segredo. Gendry sabia, mas isso era diferente. Gendry tinha o seu próprio segredo, embora nem mesmo ele parecesse saber qual era.

Nesse dia Arya aumentou o ritmo, mantendo os cavalos a trote o máximo de tempo que se atreveu, e por vezes pondo-os a galope, quando via uma extensão plana de terreno à frente do grupo. Mas isso acontecia raramente; à medida que avançavam, o terreno ia-se tornando mais acidentado. Os montes não eram altos, nem com declives particularmente acentuados, mas pareciam não ter fim, e em breve se cansaram de subir um e descer outro, dando por si a seguir a topografia, percorrendo os leitos de ribeiros e atravessando um labirinto de vales arborizados e pouco profundos, onde as árvores formavam um dossel sólido sobre as suas cabeças.

De tempos a tempos, mandava o Tarte Quente e Gendry em frente enquanto voltava para trás a fim de tentar confundir o rasto, sempre à escuta do primeiro sinal de perseguição. *Demasiado devagar*, pensou de si para si, mordendo o lábio, *vamos demasiado devagar, eles vão apanhar-nos pela certa*. Uma vez, do cume de uma serra, vislumbrou silhuetas escuras a atravessar um ribeiro no vale, atrás deles, e durante meio segundo temeu que os cavaleiros de Roose Bolton estivessem quase a alcançá-los, mas quando voltou a olhar, compreendeu que era apenas uma matilha de lobos. Pôs as mãos em concha em volta da boca e uivou-lhes, “*Ahuuuuuuuuuu, ahuuuuuuuuuuu*”. Quando o maior dos lobos levantou a cabeça e uivou de volta, o som fez Arya tremer.

Por volta do meio-dia, o Tarte Quente tinha começado a queixar-se.

Tinha o rabo dorido, disse-lhes, e a sela estava a deixá-lo em carne viva entre as pernas, e além disso tinha de dormir um bocado.

— Estou tão cansado que vou cair do cavalo.

Arya olhou para Gendry.

— Se ele cair, quem achas que o vai encontrar primeiro, os lobos ou os Saltimbancos?

— Os lobos — disse Gendry. — Narizes melhores.

O Tarte Quente abriu a boca e fechou-a. Não caiu do cavalo. A chuva recomeçou pouco depois. Ainda não tinham sequer vislumbrado o Sol. Estava a ficar mais frio, e pálidas neblinas brancas insinuavam-se entre os pinheiros e eram sopradas através dos campos nus e queimados.

Gendry estava quase em tantas dificuldades como o Tarte Quente, embora fosse demasiado teimoso para se queixar. Sentava-se desajeitadamente na sela, com uma expressão determinada no rosto por baixo do hirsuto cabelo negro, mas Arya via que ele não era bom cavaleiro. *Devia ter-me lembrado*, pensou de si para si. Arya montava desde que se conhecia, póneis quando era pequena e mais tarde cavalos, mas Gendry e o Tarte Quente tinham nascido na cidade, e na cidade o povo caminhava. Yoren dera-lhes montadas quando os levara de Porto Real, mas montar um burro e arrastar-se pela Estrada de Rei atrás de uma carroça era uma coisa. Dirigir um cavalo de caça através de bosques selvagens e campos queimados era outra.

Arya sabia que avançaria muito mais rapidamente sozinha, mas não podia abandoná-los. Eram a sua matilha, os seus amigos, os únicos amigos vivos que lhe restavam, e se não fosse ela, ainda estariam a salvo em Harrenhal, Gendry a suar na sua forja e o Tarte Quente nas cozinhas. *Se os Saltimbancos nos apanharem, digo-lhes que sou filha de Ned Stark e irmã do Rei no Norte. Ordeno-lhes que nos levem ao meu irmão e que não façam mal ao Tarte Quente e a Gendry*. Mas podiam não acreditar nela, e mesmo se acreditassem... o Lorde Bolton era vassalo do irmão, mas assustava-a mesmo assim. *Não deixarei que nos capturem*, jurou em silêncio, estendendo a mão por sobre o ombro para tocar o cabo da espada que Gendry roubara para ela. *Não deixarei*.

Ao fim dessa tarde, saíram de debaixo das árvores e deram por si nas margens de um rio. O Tarte Quente soltou um grito de alegria.

— O *Tridente!* Agora tudo o que temos a fazer é segui-lo na direcção da nascente, como disseste. Estamos quase lá!

Arya mordeu o lábio.

— Não me parece que este seja o Tridente. — O rio seguia cheio devido à chuva, mas mesmo assim não devia ter muito mais do que dez metros de largura. Lembrava-se do Tridente como um rio muito mais largo. — É

pequeno de mais para ser o Tridente — disse-lhes — e não avançámos o suficiente.

— Avançámos, pois — insistiu o Tarte Quente. — Cavalgámos o dia todo, e quase não parámos. Devemos ter avançado uma grande distância.

— Vamos dar outra olhadela a esse mapa — disse Gendry.

Arya desmontou, pegou no mapa e desenrolou-o. A chuva tamborilou na pele de ovelha e escorreu em Arroios.

— Estamos algures por aqui, acho eu — disse ela, apontando, enquanto os rapazes espreitavam por cima dos seus ombros.

— Mas — disse o Tarte Quente — isso não é distância quase nenhuma. Olha, Harrenhal está ali junto ao teu dedo, estás quase a *tocar-lhe*. E cavalgámos o dia inteiro!

— Há milhas e milhas antes de chegarmos ao Tridente — disse ela. — Não estaremos lá antes de se passarem *dias*. Este deve ser outro rio qualquer, um destes, olha. — Mostrou-lhe algumas das linhas azuis mais finas que o cartógrafo tinha pintado, todas elas com um nome pintado por baixo em letra pequena. — O Darry, o Maçã Verde, o Donzel... olha, este, o Salgueiro Pequeno, pode ser isso.

O Tarte Quente ergueu os olhos da linha e dirigiu-os ao rio.

— Não me parece assim tão pequeno.

Gendry também estava a franzir o sobrolho.

— Esse rio que estás a apontar corre para aquele, vês?

— O Salgueiro Grande — leu Arya.

— Seja o Salgueiro Grande. Olha, e o Salgueiro Grande corre para o Tridente, portanto podíamos seguir um deles até ao outro, mas tínhamos de descer o rio em vez de o subir. Só que se este rio *não for* o Salgueiro Pequeno, se for este aqui...

— Regato Encrespado — leu Arya.

— Olha, ele dá a volta e desce na direcção do lago, de volta a Harrenhal. — percorreu a linha com um dedo.

Os olhos do Tarte Quente esbugalharam-se.

— Não! Eles matam-nos de certeza.

— Temos de saber que rio é este — declarou Gendry com a sua voz mais obstinada. — Temos de saber.

— Bem, mas *não sabemos*. — O mapa podia ter nomes escritos junto às linhas azuis, mas ninguém escrevera um nome na margem do rio. — Não subimos nem descemos o rio — decidiu Arya, enrolando o mapa. — Atravessamos e continuamos a seguir para norte, como até aqui.

— Os cavalos sabem nadar? — perguntou o Tarte Quente. — Parece *profundo*, Arya. E se houver cobras?

— Tens a certeza que vamos para norte? — perguntou Gendry. — Todos aqueles montes... se virámos para trás...

— O musgo nas árvores...

Ele apontou para uma árvore próxima.

— Aquela árvore tem musgo de três lados, e a outra a seguir não tem musgo nenhum. Podemos estar perdidos, a andar em círculos.

— Podemos — disse Arya — mas vou atravessar o rio na mesma. Podeis vir, ou podeis ficar aqui. — Voltou a trepar para a sela, ignorando-os a ambos. Se não quisessem segui-la, podiam encontrar Correrrio sozinhos, muito embora fosse mais provável que os Saltimbancos os encontrassem a eles.

Teve de cavalgar uma boa meia milha ao longo da margem antes de finalmente encontrar um local onde parecia que talvez fosse seguro atravessar, e mesmo aí a égua mostrou-se relutante em entrar na água. O rio, fosse qual fosse o seu nome, corria turvo e rápido, e a parte profunda do meio ultrapassava a barriga do cavalo. Água encheu-lhe as botas, mas ela fez na mesma pressão com os calcanhares sobre o animal e saiu do rio na outra margem. Vindo de trás, ouviu um esparrinhar de água e o relincho nervoso de uma égua. *Então eles seguiram-me. Ótimo.* Virou-se para observar os rapazes a lutar por atravessar e a emergir, pingando, a seu lado.

— Não foi o Tridente — disse-lhes. — *Não foi.*

O rio seguinte era menos profundo e mais fácil de vadear. Esse também não era o Tridente, e ninguém discutiu com ela quando lhes disse que o iam atravessar.

Caía o ocaso quando pararam para voltar a dar descanso aos cavalos e partilhar outra refeição de pão e queijo.

— Tenho frio e estou molhado — queixou-se o Tarte Quente. — Agora estamos muito longe de Harrenhal, com certeza. Podíamos acender uma fogueira...

— *NÃO!* — disseram Arya e Gendry, precisamente no mesmo instante. O Tarte Quente vacilou um pouco. Arya deitou a Gendry um olhar de viés. *Ele disse-o comigo, como Jon costumava fazer lá em Winterfell.* De todos os irmãos, era de Jon Snow que sentia mais saudades.

— Pelo menos podíamos dormir? — perguntou o Tarte Quente. — Estou tão cansado, Arry, e tenho o rabo dorido. Acho que tenho bolhas.

— Vais ter mais do que isso se fores apanhado — disse ela. — Temos de continuar. Temos *mesmo*.

— Mas é quase noite, e nem sequer consegues ver a Lua.

— Volta para o cavalo.

Avançando penosamente a passo lento enquanto a luz se desvanecia à volta deles, Arya descobriu que a sua própria exaustão pesava bastante

sobre si. Precisava tanto de dormir como o Tarte Quente, mas não se atrevia. Se dormissem, podiam abrir os olhos e encontrar Vargo Hoat em pé ao lado deles com Shagwell, o bobo, o Fiel Urswyck, Rorge, o Dentadas e o Septão Utt e todos os seus outros monstros.

Mas ao fim de algum tempo, os movimentos do cavalo tornaram-se tão calmantes como o balançar de um berço, e Arya começou a ficar com os olhos pesados. Deixou-os fechar, só por um instante, depois voltou a abri-los, sobressaltada. *Não posso adormecer*, gritou em silêncio para si própria, *não posso, não posso*. Esfregou um olho com força para o manter aberto, segurando bem as rédeas e pondo a égua a galope ligeiro. Mas nem ela nem o cavalo conseguiram manter o ritmo, e passaram apenas alguns momentos até que voltassem ao passo, e alguns mais até que os seus olhos se fechassem uma segunda vez. Daquela vez não se abriram tão depressa como da primeira.

Quando se abriram, descobriu que o cavalo parara e estava a morder um tufo de erva, enquanto Gendry lhe abanava o braço.

— Deixaste-te dormir — disse-lhe.

— Estava só a descansar os olhos.

— Então descansaste-os durante um bom bocado. O teu cavalo estava a vaguear em círculo, mas foi só quando parou que percebi que estavas a dormir. O Tarte Quente está na mesma, foi de encontro a um ramo de árvore e foi derrubado do cavalo, devias tê-lo ouvido gritar. Nem mesmo isso te acordou. Precisas de parar e dormir.

— Posso continuar durante tanto tempo como tu. — E bocejou.

— Mentirosa — disse ele. — Continua se quiseres ser estúpida, mas eu vou parar. Fico com o primeiro turno. Tu, dorme.

— E o Tarte Quente?

Gendry apontou. O Tarte Quente já estava no chão, enrolado debaixo do manto numa cama de folhas húmidas e a rressonar baixinho. Tinha um grande bocado de queijo numa mão, mas parecia ter adormecido entre dentadas.

Arya compreendeu que não valia a pena discutir; Gendry tinha razão. *Os Saltimbancos também terão de dormir*, disse a si própria, esperando que fosse verdade. Estava tão cansada que precisou de lutar até para descer da sela, mas lembrou-se de prender o cavalo antes de encontrar um sítio debaixo de uma faia. O chão era duro e estava húmido. Perguntou a si própria quanto tempo passaria até voltar a dormir numa cama, com comida quente e um fogo para a aquecer. A última coisa que fez antes de fechar os olhos foi desembainhar a espada e pousá-la a seu lado.

— Sor Gregor — murmurou, bocejando. — Dunsen, Polliver, Raff, o Querido. O Cócegas e... o Cócegas... o Cão de Caça...

Os seus sonhos foram rubros e violentos. Os Saltimbancos andavam atrás deles, pelo menos quatro, um liseno pálido e um homem de Ib, escuro, brutal e com um machado, o senhor dos cavalos dothraki cheio de cicatrizes chamado Iggo e um homem de Dorne cujo nome nunca soubera. Avançavam e continuavam a avançar, cavalgando à chuva, vestidos com cota de malha que enferrujava e couro molhado, com as espadas e o machado a retinir contra as suas selas. Pensavam que andavam a persegui-la, soube Arya com toda a estranha e aguçada certeza dos sonhos, mas enganavam-se. Era ela que os perseguia a eles.

Ela não era uma rapariguinha no sonho; era uma loba, enorme e poderosa, e quando emergiu de debaixo das árvores à frente deles e arreganhou dos dentes, num rosnido grave e trovejante, sentiu o fedor repulsivo do medo, vindo quer dos cavalos, quer dos homens. A montada do liseno empinou-se e berrou o seu terror, e os outros gritaram uns para os outros em fala de homem, mas antes de terem tempo de agir, os outros lobos saíram precipitadamente da escuridão e da chuva, uma grande matilha, lúgubre, molhada e silenciosa.

A luta foi curta mas sangrenta. O homem peludo caiu no momento em que puxava pelo machado, o escuro morreu a encaixar uma seta no arco, e o homem pálido de Lys tentou fugir. Os irmãos e irmãs dela deram-lhe caça e apanharam-no, fazendo-o virar-se uma e outra vez, caindo sobre ele por todos os lados, abocanhando as pernas do seu cavalo e rasgando a garganta do cavaleiro quando ele se estatelou na terra.

Só o homem com os sinos deu luta. O cavalo escolheu uma das suas irmãs na cabeça, e ele cortou outra quase ao meio com a sua garra curva e prateada enquanto o seu cabelo tilintava baixinho.

Cheia de raiva, saltou sobre as suas costas, derrubando-o da sela, de cabeça. As maxilas fecharam-se-lhe no braço durante a queda, com os dentes a afundar-se através do couro, lã e carne mole. Quando chegaram ao chão, deu uma violenta sacudidela com a cabeça, e arrancou o membro do ombro. Exultante, abanou-o de um lado para o outro na boca, espalhando as mornas gótículas vermelhas pela fria chuva negra.

TYRION

Acordou com o rangido de velhas dobradiças de ferro.

— Quem? — coaxou. Pelo menos tinha a voz de volta, por mais áspera e rouca que fosse. A febre ainda o acompanhava, e Tyrion não fazia nenhuma ideia das horas que seriam. Quanto tempo teria dormido daquela vez? Estava tão fraco, tão abominavelmente fraco. — Quem? — voltou a chamar, com mais força. Luz de archotes derramava-se através da porta aberta, mas dentro do aposento a única luz vinha do toco de uma vela pousada ao lado da sua cama.

Quando viu uma silhueta a aproximar-se, Tyrion estremeceu. Ali, na Fortaleza de Maegor, todos os criados eram pagos pela rainha, e por isso qualquer visitante podia ser outra das ferramentas de Cersei, enviada para acabar o serviço que Sor Mandon começara.

Então o homem surgiu à luz da vela, olhou bem para a cara pálida do anão e soltou uma gargalhada.

— Cortaste-te a fazer a barba, foi?

Os dedos de Tyrion subiram ao grande golpe que ia de cima de um dos olhos até ao maxilar, atravessando o que lhe restava de nariz. A carne esponjosa ainda estava dorida e quente ao toque.

— Com uma navalha terrivelmente grande, sim.

O cabelo negro como carvão de Bronn estava lavado de fresco e escovado para trás, deixando a descoberto os traços duros do seu rosto, e ele trajava botas de cano alto feitas de couro suave e trabalhado, um cinto largo incrustado de pepitas de prata, e um manto de seda verde-clara. Na lã cinzenta-escura do seu gibão, uma corrente ardente estava bordada em diagonal com fio verde-claro.

— Onde tens estado? — perguntou-lhe Tyrion. — Mandei-te chamar... deve ter sido há uma quinzena.

— Quatro dias está mais perto da verdade — disse o mercenário — e já cá estive duas vezes, e encontrei-te morto para o mundo.

— Morto, não. Embora a minha querida irmã tenha tentado. — Talvez não devesse ter dito aquilo em voz alta, mas Tyrion já não se importava. Cersei estivera por detrás da tentativa que Sor Mandon fizera para o matar, sabia-o no seu âmago. — O que é essa coisa feia no teu peito?

Bronn fez um sorriso.

— O meu símbolo de cavaleiro. Uma corrente flamejante, de verde,

em campo de cinza-fumo. Por ordem do senhor teu pai, agora sou Sor Bronn da Água Negra, Duende. Vê se não te esqueces disso.

Tyrion apoiou as mãos ao colchão de penas e puxou-se alguns centímetros para trás, de encontro às almofadas.

— Quem te prometeu um grau de cavaleiro fui eu, lembras-te? — Não gostara mesmo nada daquele “*por ordem do senhor teu pai*”. O Lorde Tywin desperdiçara pouco tempo. Mudar o filho da Torre da Mão para a reclamar para si era uma mensagem que qualquer um podia ler, e esta era outra. — Eu perco metade do nariz e tu ganhas um grau de cavaleiro. Os deuses têm bastante por que responder. — A voz era amarga. — O meu pai armou-te pessoalmente?

— Não. Aqueles de nós que sobrevivemos à luta nas torres do guincho fomos ungidos pelo Alto Septão e armados pela Guarda Real. Levou metade do raio do dia, só com três das Espadas Brancas a conduzir as cerimónias.

— Já sabia que Sor Mandon morreu na batalha. — *Atirado ao rio por Pod, meio segundo antes de o traícoeiro filho da mãe conseguir enfiar-me a espada no coração.* — Quem mais se perdeu?

— O Cão de Caça — disse Bronn. — Não morreu, só desapareceu. Os homens de mantos dourados dizem que se acobardou e tu lideraste uma surtida no seu lugar.

Não foi uma das minhas melhores ideias. Tyrion sentiu o tecido da cicatriz a repuxar quando franziu o sobrolho. Indicou uma cadeira a Bronn com um gesto.

— A minha irmã confundiu-me com um cogumelo. Mantém-me no escuro e alimenta-me de merda. O Pod é um bom rapaz, mas o nó que tem na língua é do tamanho de Rochedo Casterly, e não confio em metade do que me diz. Mandei-o buscar o Sor Jacelyn e ele regressou dizendo-me que está morto.

— Ele e milhares de outros — Bronn sentou-se.

— Como? — quis saber Tyrion, sentindo-se bastante mais doente.

— Durante a batalha. Segundo a história que eu tenho ouvido, a tua irmã mandou os Kettleblack buscar o rei e levá-lo de volta para a Fortaleza Vermelha. Quando os homens de mantos dourados o viram partir, metade decidiu partir com ele. O Mão de Ferro barrou-lhes o caminho e tentou ordenar-lhes que voltassem para as muralhas. Dizem que Bywater lhes estava a dar com força e os tinha quase prontos a voltar quando alguém lhe espetou uma seta no pescoço. Assim já não parecia lá muito temível, e derrubaram-no do cavalo e mataram-no.

Outra dívida a depositar à porta de Cersei.

— O meu sobrinho — disse —, Joffrey. Ele correu algum perigo?

- Não mais do que alguns, e menos do que a maior parte.
- Sofreu algum dano? Foi ferido? Despenteou-se, deu uma topada com o dedo grande do pé, rachou uma unha?
- Que eu saiba, não.
- Preveni Cersei do que aconteceria. Quem comanda agora os homens de mantos dourados?
- O senhor teu pai entregou-os a um dos seus homens do Ocidente, um cavaleiro qualquer chamado Addam Marbrand.

Na maioria das circunstâncias os homens de mantos dourados ressentir-se-iam da colocação de um forasteiro acima deles, mas Sor Addam Marbrand era uma escolha judiciosa. Tal como Jaime, era o tipo de homem que os outros gostavam de seguir. *Perdi a Patrulha da Cidade.*

- Mandei Pod à procura de Shagga, mas ele não teve sorte.
- Os Corvos de Pedra ainda estão na Mataderrei. Shagga parece ter ganhado gosto pelo sítio. Timett levou os Homens Queimados para casa, com todo o saque que arranjaram no acampamento de Stannis depois da luta. Chella apareceu uma manhã no Portão da Água com uma dúzia de Orelhas Negras, mas os homens de mantos vermelhos do teu pai correram com eles enquanto os portorrealenses lhes atiravam bosta e aplaudiam.

Ingratos. Os Orelhas Negras morreram por eles. Enquanto Tyrion estive-
ra drogado e a sonhar, o seu próprio sangue pusera as garras de fora, uma por uma.

- Quero que vás ter com a minha irmã. O seu precioso filho sobreviveu incólume à batalha, de modo que Cersei já não tem necessidade de um refém. Jurou libertar Alayaya assim que...

— Libertou. Há oito, nove dias, depois das chicotadas.

Tyrion puxou-se mais para cima, ignorando a súbita punhalada de dor que lhe atravessou o ombro.

— *Chicotadas?*

— Ataram-na a um poste no pátio e flagelaram-na, e depois empurraram-na pelo portão fora, nua e ensanguentada.

Ela estava a aprender a ler, pensou Tyrion, absurdamente. Na cara, a cicatriz retesou-se, e por um momento sentiu que a cabeça estava a ponto de rebentar de raiva. Alayaya era uma prostituta, era certo, mas raramente conhecera rapariga mais doce, corajosa e inocente do que ela. Tyrion nunca lhe tocara; não passara de um véu para esconder Shae. No seu descuido, nunca pensara no que o papel lhe podia custar.

— Prometi à minha irmã que trataria Tommen como ela tratasse Alayaya — recordou em voz alta. Sentiu-se prestes a vomitar. — Como é que eu posso flagelar um rapaz de oito anos? — *Mas se não o fizer, Cersei ganha.*

— Não tens Tommen em teu poder — disse Bronn sem rodeios. — Assim que soube que o Mão de Ferro estava morto, a rainha mandou os Kettleblack buscá-lo, e ninguém em Rosby teve tomates para lhes dizer que não.

Outro golpe; mas também um alívio, tinha de admiti-lo. Gostava de Tommen.

— Era suposto que os Kettleblack fossem dos nossos — lembrou a Bronn com mais do que um toque de irritação.

— E foram, enquanto consegui dar-lhes dois dos teus dinheiros por cada um que recebiam da rainha, mas ela agora subiu a parada. Osney e Osfryd foram feitos cavaleiros depois da batalha, tal como eu. Só os deuses sabem porquê. Ninguém os viu lutar.

Os homens a meu soldo traem-me, os meus amigos são flagelados e envergonhados, e eu estou aqui a apodrecer, pensou Tyrion. *Pensava que tinha ganhado a maldita batalha. É este o sabor do triunfo?*

— É verdade que Stannis foi desbaratado pelo fantasma de Renly?

Bronn fez um ligeiro sorriso.

— Das torres do guincho, tudo o que vimos foram estandartes na lama e homens a deitar fora as lanças para fugir, mas há centenas de homens nas casas de pasto e nos bordéis que te podem contar como viram o Lorde Renly matar este ou aquele. A maior parte da hoste de Stannis começou por ser de Renly, e voltou a passar-se para o seu lado quando o viu naquela brilhante armadura verde.

Depois de todos os seus planos, depois da surtida e da ponte de navios, depois de ficar com a cara cortada em duas, Tyrion fora eclipsado por um morto. *Se é que Renly está realmente morto.* Mais uma coisa que teria de investigar.

— Como foi que Stannis escapou?

— Os seus lisenos mantiveram as galés na baía, para lá da tua corrente. Quando a batalha começou a correr mal, aportaram ao longo da costa da baía e levaram o máximo de homens que conseguiram. Para o fim, matavam-se para entrar a bordo.

— E Robb Stark, que tem ele andado a fazer?

— Alguns dos seus lobos vão abrindo caminho a fogo na direcção de Valdocaso. O teu pai mandou um tal Lorde Tarly tratar deles. Ando com ideias de me juntar a ele. Diz-se que é um bom soldado, e liberal com o saque.

A ideia de perder Bronn foi a última gota.

— Não. O teu lugar é aqui. És o capitão da guarda da Mão.

— Tu não és Mão — lembrou-lhe Bronn num tom penetrante. — É o teu pai que é Mão, e ele tem a sua própria maldita guarda.

— Que aconteceu a todos os homens que contrataste para mim?

— Alguns morreram nas torres do guincho. Aquele teu tio, Sor Kevan, pagou aos outros e correu connosco.

— Que bom da parte dele — disse Tyrion com acidez. — Isso quer dizer que perdeste o gosto pelo ouro?

— Isso era pouco provável.

— Ótimo — disse Tyrion —, porque acontece que ainda preciso de ti. Que sabes de Sor Mandon Moore?

Bronn riu-se.

— Sei que está bem afogado como um raio.

— Tenho para com ele uma grande dívida, mas como pagá-la? — Tocou o rosto, sentindo a cicatriz. — Em boa verdade, sei pouquíssimo sobre o homem.

— Tinha olhos de peixe e usava um manto branco. Que mais precisas de saber?

— Tudo — disse Tyrion — para começar. — O que queria era provas de que Sor Mandon fora um homem de Cersei, mas não se atrevia a dizê-lo em voz alta. Na Fortaleza Vermelha um homem fazia bem em controlar a língua. Havia ratazanas nas paredes, e passarinhos que falavam demasiado, e aranhas. — Ajuda-me a levantar — disse, lutando com a roupa da cama. — Já é tempo de fazer uma visita ao meu pai, e já é mais que tempo de voltar a deixar que me vejam.

— E que linda é a visão — troçou Bronn.

— O que é meio nariz numa cara como a minha? Mas a propósito de linda, Margaery Tyrell já chegou a Porto Real?

— Não. Mas vem a caminho, e a cidade está louca de amor por ela. Os Tyrell têm andado a trazer comida de Jardim de Cima e a dá-la em seu nome. Centenas de carroças por dia. Há milhares de homens Tyrell a pavonear-se por aí com rosinhas douradas cosidas aos gibões, e nem um deles paga o vinho que bebe. Esposas, viúvas ou rameiras, todas as mulheres andam a ceder as suas virtudes a qualquer rapazola quase sem buço que tenha uma rosa dourada no mamilo.

Cospem em mim, e pagam bebidas aos Tyrell. Tyrion deslizou da cama para o chão. As pernas começaram a vacilar debaixo do seu peso, o quarto pôs-se a girar, e teve de agarrar o braço de Bronn para evitar tombar de cabeça nas esteiras.

— *Pod!* — gritou. — Podrick Payne! Onde estás tu, com os sete infernos? — A dor mordeu-o como um cão sem dentes. Tyrion detestava a fraqueza, em especial a sua. Envergonhava-o, e a vergonha irritava-o. — *Pod, vem cá!*

O rapaz veio a correr. Quando viu Tyrion em pé e agarrado ao braço de Bronn, olhou-os de boca aberta.

— Senhor. Levantaste-vos. Isso quer... vós... precisais de vinho? Vinho dos sonhos? Devo ir chamar o Mestre? Disse que devíeis permanecer. Na cama, quero eu dizer.

— Permaneci na cama demasiado tempo. Traz-me um traje limpo qualquer.

— Traje?

Tyrion nunca conseguiria compreender como o rapaz conseguia ter uma cabeça tão limpa e ser tão expedito em batalha e tão confuso em todas as outras situações.

— Roupa — repetiu. — Túnica, gibão, bragas, meias. Para mim. Para me vestir. Para que possa sair desta maldita cela.

Foram precisos os três para o vestir. Por mais hedionda que a sua cara estivesse, o pior dos seus ferimentos era aquele que tinha na junção do braço ao ombro, onde a sua própria cota de malha fora empurrada para dentro do sovaco por uma seta. Pus e sangue ainda escorriam da carne descorada sempre que o Mestre Frenken mudava a ligadura, e qualquer movimento lhe causava uma punhalada de agonia.

Por fim, Tyrion decidiu-se por um par de bragas e um roupão de quarto grande de mais que pendia solto em volta dos seus ombros. Bronn enfiou-lhe as botas nos pés enquanto Pod ia à procura de um pau a que se apoiar. Bebeu uma taça de vinho de sonhos para ganhar forças. O vinho era adoçado com mel, com a quantidade de papoila apenas suficiente para lhe tornar os ferimentos suportáveis durante algum tempo.

Mesmo assim, estava tonto quando girou o trinco, e a descida pelos degraus de pedra em caracol fez-lhe as pernas tremer. Caminhou com o pau numa mão e a outra apoiada ao ombro de Pod. Uma criada vinha a subir quando eles desceram. Fitou-os com grandes olhos brancos, como se estivesse a olhar para um fantasma. *O anão ergueu-se de entre os mortos*, pensou Tyrion. *E olha, é mais feio do que nunca, corre a dizer aos teus amigos.*

A Fortaleza de Maegor era o sítio mais forte da Fortaleza Vermelha, um castelo dentro do castelo, rodeado por um profundo fosso seco coberto de espigões. Quando chegaram à porta, a ponte levadiça encontrava-se içada para a noite. Sor Meryn Trant encontrava-se à frente dela, na sua armadura clara e manto branco.

— Baixai a ponte — ordenou-lhe Tyrion.

— As ordens da rainha são para içar a ponte de noite — Sor Meryn sempre fora uma criatura de Cersei.

— A rainha está a dormir, e eu tenho assuntos a tratar com o meu pai.

Havia magia no nome do Lorde Tywin Lannister. Resmungando, Sor Meryn Trant deu a ordem, e a ponte levadiça foi descida. Um segundo ca-

valeiro da Guarda Real mantinha-se de sentinela do outro lado do fosso. Sor Osmond Kettleblack conseguiu fazer um sorriso quando viu Tyrion a bambolear-se na sua direcção.

— Estais a sentir-vos mais forte, s'nhor?

— Muito. Quando é a próxima batalha? Mal posso esperar.

Mas quando Pod e ele chegaram à escada em espiral, Tyrion só conseguiu olhá-la de boca aberta, desanimado. *Nunca subirei isto sozinho*, confessou a si próprio. Engolindo a dignidade, pediu que Bronn o carregasse, esperando contra toda a esperança que àquela hora não surgisse ninguém que o visse e sorrisse, ninguém para contar a história do anão a ser levado pelos degraus acima como um bebé ao colo.

O pátio exterior estava repleto de tendas e pavilhões, às dezenas.

— Homens Tyrell — explicou Podrick Payne enquanto abriam caminho por um labirinto de seda e tela. — E também do Lorde Rowan e do Lorde Redwyne. Não havia espaço que chegasse para todos. No castelo, quero eu dizer. Alguns arranjaram quartos. Quartos na cidade. Em estalagens, e assim. Estão cá para o casamento. O casamento do rei, do Rei Joffrey. Estareis suficientemente forte para estar presente, senhor?

— Nem doninhas esfomeadas me conseguiriam manter afastado. — Os casamentos tinham, pelo menos, uma vantagem sobre as batalhas; era menos provável que alguém nos cortasse o nariz.

Luzes ainda ardiam tenuemente atrás dos postigos corridos das janelas da Torre da Mão. Os homens que se encontravam à porta usavam os mantos carmesim e os elmos encimados por leões da guarda doméstica do pai de Tyrion. Este conhecia-os a ambos, e os homens deixaram-no passar assim que o viram... embora o anão tivesse notado que nenhum aguentara olhá-lo por muito tempo.

Lá dentro, encontraram Sor Addam Marbrand, que vinha a descer a escada em caracol com a ornamentada placa de peito negra e manto de fio de ouro de um oficial da Patrulha da Cidade.

— Senhor — disse ele —, como é bom ver-vos a pé. Ouvi...

— ...rumores sobre uma pequena campa a ser cavada? Eu também. Sob tais circunstâncias, pareceu-me melhor levantar-me. Ouvi dizer que sois comandante da Patrulha da Cidade. Devo dar-vos parabéns ou condolências?

— Temo que ambos. — Sor Addam sorriu. — A morte e a deserção deixaram-me com cerca de quatro mil e quatrocentos homens. Só os deuses e o Mindinho sabem como nos arranharemos para pagar o soldo a tantos homens, mas a vossa irmã proíbe-me de mandar alguns embora.

Ainda ansiosa, Cersei? A batalha terminou, os homens de mantos dourados não te ajudarão agora.

— Vindes dos aposentos do meu pai? — perguntou.

— Venho. Temo não o ter deixado no melhor dos humores. O Lorde Tywin acha que quatro mil e quatrocentos guardas são mais do que suficientes para encontrar um escudeiro perdido, mas o vosso primo Tyrek continua desaparecido.

Tyrek era filho do falecido tio Tygett, um rapaz de treze anos. Desaparecera no tumulto, não muito tempo depois de casar com a Senhora Ermesande, uma bebé de peito que calhava ser a última herdeira sobrevivente da Casa Hayford. *E provavelmente a primeira noiva na história dos Sete Reinos a tornar-se viúva antes de ser desmamada.*

— Também não fui capaz de encontrá-lo — confessou Tyrion.

— Está a dar de comer aos vermes — disse Bronn com o seu tacto habitual. — O Mão de Ferro andou à procura dele, e o eunuco fez chocalhar uma boa bolsa gorda. Não tiveram mais sorte do que nós. Desisti, sor.

Sor Addam olhou para o mercenário com desagrado.

— O Lorde Tywin é teimoso no que concerne ao seu sangue. Quer o rapaz, vivo ou morto, e eu tenciono fazer-lhe a vontade. — Voltou a olhar para Tyrion. — Encontrareis o vosso pai no seu aposento privado.

No meu aposento privado, pensou Tyrion.

— Creio que conheço o caminho.

O caminho era mais degraus para cima, mas daquela vez subiu-os com as suas próprias forças, mantendo embora uma mão apoiada no ombro de Pod. Bronn abriu-lhe a porta. O Lorde Tywin Lannister estava sentado sob a janela, escrevendo sob o clarão de uma candeia de azeite. Ergueu os olhos ao ouvir o trinco.

— Tyrion. — Calmamente, pousou a pena.

— Agrada-me que vos lembreis de mim, senhor. — Tyrion largou Pod, apoiou o peso ao pau, e aproximou-se a bambolear. *Há algo de errado,* soube de imediato.

— Sor Bronn — disse o Lorde Tywin —, Podrick. Talvez fosse melhor se esperásseis lá fora até terminarmos.

O olhar que Bronn deitou ao Mão foi pouco menos que insolente; apesar disso, fez uma vénia e retirou-se, com Pod na sua peugada. A pesada porta fechou-se atrás deles, e Tyrion Lannister ficou só com o pai. Mesmo com as janelas do aposento privado fechadas contra a noite, o frio naquela sala era palpável. *Que tipo de mentiras tem andado Cersei a contar-lhe?*

O Senhor de Rochedo Casterly era tão esguio como um homem vinte anos mais novo, e era até bem-parecido, ao seu modo austero. Rijos pêlos louros cobriam-lhe as bochechas, enquadrando uma cara severa, uma cabeça calva, uma boca dura. Em volta da garganta usava uma corrente de mãos douradas, com os dedos de cada uma a agarrar o pulso da seguinte.

— Essa é uma bela corrente — disse Tyrion. *Embora me ficasse melhor a mim.*

O Lorde Tywin ignorou o aparte.

— É melhor que te sentes. Terá sido sensato saíres da tua cama de doente?

— A minha cama de doente deixa-me doente. — Tyrion sabia o quanto o pai desprezava a fraqueza. Apropriou-se da cadeira mais próxima. — Tendes uns aposentos tão agradáveis. Acreditaríeis se vos dissesse que enquanto eu estava a morrer, alguém me mudou para uma celazinha escura em Maegor?

— A Fortaleza Vermelha transborda de convidados para o casamento. Assim que eles partam, arranjar-te-emos instalações mais adequadas.

— Gostava bastante *destas* instalações. Já haveis marcado uma data para essa grande boda?

— Joffrey e Margaery casar-se-ão no primeiro dia do novo ano, que calha ser também o primeiro dia do novo século. A cerimónia anunciará o alvorecer de uma nova era.

Uma nova era Lannister, pensou Tyrion.

— Oh, que aborrecimento, temo que tenha feito outros planos para esse dia.

— Vieste cá só para te queixares do teu quarto e fazeres os teus gracejos sem graça? Tenho cartas importantes a terminar.

— Cartas *importantes*. Certamente.

— Algumas batalhas ganham-se com espadas e lanças, outras com penas e corvos. Poupa-me a essas censuras veladas, Tyrion. Visitei a tua cama de doente tão frequentemente quanto o Mestre Ballabar permitiu, quando parecia provável que morresses. — Juntou os dedos por baixo do queixo. — Por que motivo dispensaste Ballabar?

Tyrion encolheu os ombros.

— O Mestre Frenken não está tão decidido a manter-me inanimado.

— Ballabar chegou à cidade na comitiva do Lorde Redwyne. Um curandeiro de talento, segundo se diz. Foi gentil da parte de Cersei pedir-lhe que cuidasse de ti. Ela temia pela tua vida.

Temia que eu pudesse conservá-la, queres tu dizer.

— Foi sem dúvida por isso que nunca saiu de junto do meu leito.

— Não sejas impertinente. Cersei tem um casamento real a planear, eu travo uma guerra, e tu estás livre de perigo há pelo menos uma quinzena. — O Lorde Tywin estudou o rosto desfigurado do filho, sem hesitação nos olhos verdes-claros. — Se bem que o ferimento seja bastante horrível, admito. Que loucura te possuiu?

— O inimigo estava junto ao portão com um aríete. Se Jaime tivesse liderado a surtida, chamar-lhe-íeis valor.

— Jaime nunca seria insensato ao ponto de tirar o elmo numa batalha. Confio que tenhas matado o homem que te cortou?

— Oh, o desgraçado está bastante morto. — Embora tivesse sido Podrick Payne quem matara Sor Mandon, atirando-o ao rio para se afogar sob o peso da armadura. — Um inimigo morto é uma alegria que perdura para sempre — disse Tyrion alegremente, se bem que Sor Mandon não tivesse sido o seu verdadeiro inimigo. O homem não tinha motivo algum para o querer morto. *Era só uma garra, e creio que sei a que gato pertencia. Ela disse-lhe para se certificar de que eu não sobreviveria à batalha.* Mas sem provas, o Lorde Tywin nunca daria ouvidos a uma tal acusação. — Porque estais aqui na cidade, pai? — perguntou. — Não devíeis andar por longe a lutar com o Lorde Stannis, Robb Stark ou qualquer outro? — *E quanto mais depressa, melhor.*

— Até que o Lorde Redwyne traga a sua frota do Sul, não dispomos de navios para assaltar Pedra do Dragão. Não importa. O sol de Stannis Baratheon pôs-se na Água Negra. Quanto ao Stark, o rapaz continua no Oeste, mas uma grande força de nortenhos sob o comando de Helman Tallhart e Robett Glover encaminha-se para Valdocaso. Mandeí o Lorde Tarly ao seu encontro, enquanto Sor Gregor sobe a Estrada de Rei para lhes cortar a retirada. Tallhart e Glover serão apanhados entre ambos, com um terço das forças dos Stark.

— Valdocaso? — Nada havia em Valdocaso que valesse um tal risco. Teria finalmente o Jovem Lobo disparatado?

— Não é nada com que tenhas de te preocupar. Tens a cara pálida como a morte, e sangue a escorrer das ligaduras. Diz o que queres e volta para a cama.

— O que eu quero... — Sentia a garganta irritada e apertada. O que era que *realmente* queria? *Mais do que tu possas alguma vez dar-me, pai.* — O Pod disse-me que o Mindinho foi feito Senhor de Harrenhal.

— Um título vazio, enquanto Roose Bolton defender o castelo em nome de Robb Stark, mas o Lorde Baelish estava desejoso dessa honraria. Prestou-nos bons serviços na questão do casamento Tyrell. Um Lannister paga as suas dívidas.

O casamento Tyrell fora na verdade ideia de Tyrion, mas pareceria grosseiro tentar agora reclamar o crédito.

— Esse título pode não ser tão vazio como julgais — preveniu. — O Mindinho nada faz sem bons motivos. Mas não importa. Creio que dissesstes qualquer coisa sobre pagar dívidas?

— E tu queres a tua recompensa, é isso? Muito bem. Que queres de mim? Terras, um castelo, um cargo qualquer?

— O raio de um bocado de gratidão seria um começo agradável.

O Lorde Tywin fitou-o sem pestanejar.

— Saltimbancos e macacos precisam de aplausos. Aerys também precisava, já agora. Tu fizeste o que te foi ordenado, e estou certo de teres usado o melhor das tuas capacidades. Ninguém nega o papel que desempenhaste.

— O *papel* que desempenhei? — Aquilo que restava a Tyrion de narinas devia certamente ter-se dilatado. — Salvei a vossa maldita cidade, segundo me parece.

— A maior parte das pessoas parece pensar que foi o meu ataque ao flanco do Lorde Stannis que virou a maré da batalha. Os Lordes Tyrell, Rowan, Redwyne e Tarly também lutaram nobremente, e segundo me disseram, foi a tua irmã Cersei quem pôs os piromantes a fazer o fogovivo que destruiu a frota Baratheon.

— Enquanto que tudo o que eu fiz foi aparar os pêlos do nariz, é isso? — Tyrion não conseguiu manter a amargura afastada da voz.

— A tua corrente foi um golpe inteligente, e crucial para a nossa vitória. Era isso que querias ouvir? Disseram-me que também te devemos a nossa aliança com Dorne. Podes gostar de saber que Myrcella chegou em segurança a Lançosolar. Sor Arys Oakheart escreve que ela simpatizou muito com a Princesa Arianne, e que o Príncipe Trystane está encantado com ela. Não gosto de dar um refém à Casa Martell, mas suponho que isso não podia ser evitado.

— Teremos também o nosso refém — disse Tyrion. — Um lugar no conselho também faz parte do acordo. A não ser que o Príncipe Doran traga um exército quando vier reclamá-lo, estará a colocar-se em nosso poder.

— Seria bom que um lugar no conselho fosse tudo o que o Martell vem reclamar — disse o Lorde Tywin. — Também lhe prometeste vingança.

— Prometi-lhe justiça.

— Chama-lhe o que quiseres. Resume-se na mesma a sangue.

— Decerto não é artigo de que haja escassez? Patinhei através de lagos disso durante a batalha. — Tyrion não via razão para não ir direito ao assunto. — Ou tereis passado a gostar tanto de Gregor Clegane que não possais suportar separar-vos dele?

— Sor Gregor tem os seus usos, tal como o irmão tinha. Todos os senhores têm necessidade de um animal de vez em quando... uma lição que tu pareces ter aprendido, julgando por Sor Bronn e por aqueles teus homens dos clãs.

Tyrion pensou no olho queimado de Timett, em Shagga com o seu

machado, em Chella com o seu colar de orelhas secas. E em Bronn. Acima de tudo em Bronn.

— A floresta está cheia de animais — fez lembrar ao pai. — As vielas também.

— É verdade. Talvez outros cães também queiram caçar. Vou pensar nisso. Se não há mais nada...

— Tendes cartas importantes, pois. — Tyrion ergueu-se sobre pernas inseguras, fechou os olhos por um instante quando uma onda de tontura o varreu, e deu um passo trémulo na direcção da porta. Mais tarde, iria pensar que devia ter dado um segundo, e depois um terceiro. Em vez disso, virou-se.

— Que quero eu, perguntais? Eu digo-vos o que quero. Quero o que é meu por direito. Quero Rochedo Casterly.

A boca do pai endureceu.

— O direito de nascença do teu irmão?

— Os cavaleiros da Guarda Real estão proibidos de casar, de gerar filhos, e de possuir terras, sabeis disso tão bem como eu. No dia em que Jaime prendeu aquele manto branco aos ombros, renunciou à sua pretensão a Rochedo Casterly, mas vós não o haveis reconhecido nem uma vez. Já é mais que tempo. Quero que vos ergais perante o reino e proclameis que eu sou vosso filho e vosso legítimo herdeiro.

Os olhos de Lorde Tywin eram verdes-claros salpicados de ouro, tão luminosos como desprovidos de compaixão.

— Rochedo Casterly — declarou ele num tom monocórdico, frio e morto. E depois: — Nunca.

A palavra pairou entre eles, enorme, acerada, envenenada.

Sabia a resposta antes de pedir, pensou Tyrion. Passaram-se dezoito anos desde que Jaime se juntou à Guarda Real e não levantei o assunto nem uma vez. Devia saber. Devia saber desde sempre.

— Porquê? — forçou-se a perguntar, embora soubesse que se arrependeria de o fazer.

— E perguntas isso? Tu, que mataste a tua mãe para vir ao mundo? És uma criaturinha mal feita, tortuosa, desobediente, desprezível, uma criaturinha cheia de inveja, luxúria e baixa astúcia. As leis dos homens dão-te o direito de usar o meu nome e ostentar as minhas cores, visto que não posso provar que não és meu filho. A fim de me ensinarem humildade, os deuses condenaram-me a ver-te bambolear-te por aí usando esse orgulhoso leão que era o símbolo do meu pai e do seu pai antes dele. Mas nem os deuses nem os homens me obrigarão algum dia a deixar que transformes Rochedo Casterly no teu bordel.

— O meu *borderel*? — Rebentou a alvorada; Tyrion compreendeu su-

bitamente de onde aquela bÍlis tinha vindo. Fez ranger os dentes e disse:
— Cersei contou-vos acerca de Alayaya.

— É esse o nome dela? Confesso que não sou capaz de me lembrar dos nomes de todas as tuas rameiras. Qual foi aquela com que casaste em rapaz?

— Tysha. — Cuspiu a resposta, em desafio.

— É aquela seguidora de acampamentos no Ramo Verde?

— Que vos importa? — perguntou, sem querer nem mesmo proferir o nome de Shae na sua presença.

— Não importa. Não mais do que me importa que elas vivam ou morram.

— Fostes vós quem mandou chicotear Yaya. — Não era uma pergunta.

— A tua irmã falou-me das tuas ameaças contra o meu neto. — A voz do Lorde Tywin era mais fria do que gelo. — Mentiu?

Tyrion não o negaria.

— Fiz ameaças, sim. Para manter Alayaya a salvo. Para que os Kettleblack não a destratassem.

— Para salvar a virtude de uma rameira, ameaçaste a tua própria Casa, a tua própria família? É assim que as coisas são?

— Fostes vós quem me ensinou que uma boa ameaça é frequentemente mais eficaz do que um golpe. Não que Joffrey não me tenha tentado sobremaneira algumas centenas de vezes. Se estais assim tão ansioso por chicotear gente, começai por ele. Mas Tommen... porque haveria de fazer mal a Tommen? Ele é bom rapaz e do meu próprio sangue.

— Tal como a tua mãe era. — O Lorde Tywin ergueu-se abruptamente da cadeira e aproximou-se do filho anão. — Volta para a tua cama, Tyrion, e não me voltes a falar do *teu direito* a Rochedo Casterly. Terás a tua recompensa, mas aquela que eu considerar apropriada aos teus serviços e posição. E não tenhas ilusões: esta foi a última vez que tolerarei que trouxesses vergonha à Casa Lannister. *Acabaram-se* as rameiras. A próxima que encontrar na tua cama, enforcá-la-ei.

DAVOS

Viu a vela crescer durante muito tempo, tentando decidir se preferia viver ou morrer.

Sabia que morrer seria mais fácil. Tudo o que tinha a fazer era rastejar para dentro da sua gruta e deixar que o navio passasse, e a morte encontrá-lo-ia. Havia vários dias que a febre o queimava, transformando-lhe as tripas em água castanha e fazendo-o tremer num sono inquieto. Cada manhã o encontrava mais fraco. *Não demorará muito mais tempo*, habituara-se a dizer a si próprio.

Se a febre não o matasse, a sede certamente mataria. Ali não tinha água doce além da chuva ocasional que se acumulava em buracos na rocha. Havia apenas três dias (ou teriam sido quatro? Naquele rochedo era difícil distinguir os dias), as poças tinham secado como osso velho, e ver a baía a ondular em verde e cinza a toda a volta quase fora mais do que podia suportar. Sabia que uma vez que começasse a beber água do mar, o fim chegaria rapidamente, mas mesmo assim quase tomara o primeiro gole, tão ressequida tinha a garganta. Uma súbita chuvada salvara-o. Enfraquecera tanto por essa altura que tudo o que pudera fazer fora deitar-se à chuva de olhos fechados e boca aberta, e deixar a água cair sobre os seus lábios rachados e língua inchada. Mas depois sentira-se um pouco mais forte, e as poças, falhas e fendas do rochedo tinham voltado a encher-se de vida.

Mas isso fora há três dias (ou talvez quatro), e a maior parte da água já voltara a desaparecer. Alguma evaporara-se, e ele sugara o resto. Na manhã seguinte estaria de novo a saborear a lama, e a lambar as pedras húmidas e frias do fundo das depressões.

E se não fosse a sede ou a febre, a fome matá-lo-ia. A sua ilha nada mais era do que um pináculo que se projectava da imensidão da Baía da Água Negra. Quando a maré estava baixa, conseguia por vezes encontrar minúsculos caranguejos ao longo da praia pedregosa onde fora depositado pelo mar depois da batalha. Mordiam-lhe dolorosamente os dedos antes de os esmagar nas rochas para sugar a carne das suas garras e as entranhas das suas conchas.

Mas a praia desaparecia sempre que a maré subia, e Davos tinha de trepar o rochedo para evitar ser arrastado de volta para a baía. A ponta da elevação erguia-se cinco metros acima de água na maré alta, mas quando a baía se encrespava, os borrifos subiam ainda mais alto e não havia maneira

de se manter seco, nem mesmo na sua gruta (que na verdade nada mais era do que uma concavidade por baixo de uma saliência de rocha). Nada crescia no rochedo além de líquenes, e até as aves marinhas evitavam o sítio. De vez em quando, algumas gaivotas pousavam no topo do pináculo e Davos tentava apanhar uma, mas eram demasiado rápidas para se conseguir aproximar. Resolveu atirar-lhes pedras, mas estava fraco de mais para atirar com muita força, e mesmo quando as pedras acertavam no alvo, as gaivotas limitavam-se a gritar-lhe, aborrecidas, e levantavam voo.

Outros rochedos eram visíveis do seu refúgio, elevações de rocha distantes, mais altas do que a sua. Estimou que a mais próxima subia a uns bons doze metros acima de água, embora fosse difícil ter a certeza àquela distância. Uma nuvem de gaivotas rodopiava constantemente em seu redor, e Davos pensava frequentemente em nadar até lá para lhes assaltar os ninhos. Mas a água ali era fria, as correntes fortes e traiçoeiras, e sabia que não tinha forças para um tal esforço. Seria uma morte tão certa como beber água do mar.

Lembrava-se, de anos passados, que o Outono no Mar Estreito era frequentemente húmido e chuvoso. Os dias não eram maus desde que o Sol brilhasse, mas as noites estavam a ficar mais frias e por vezes o vento soprava com força na baía, empurrando à sua frente uma fileira de ondinhas, e pouco depois Davos estaria ensopado e a tremer. Febre e arrepios assaltavam-no à vez, e nos últimos dias tinha desenvolvido uma tosse persistente e torturante.

A sua gruta era todo o abrigo de que dispunha, e bem pouco era. Madeira flutuante e bocados de detritos carbonizados eram empurrados para a praia durante a maré baixa, mas não tinha maneira de fazer saltar uma faísca ou acender uma fogueira. Uma vez, em desespero, tentara esfregar dois bocados de madeira um no outro, mas a madeira encontrava-se apodrecida, e os seus esforços só lhe conquistaram bolhas. Tinha também a roupa encharcada, e perdera uma das botas algures na baía antes de dar à costa naquele sítio.

Sede; fome; exposição aos elementos. Eram essas as suas companheiras, presentes a qualquer hora de todos os dias, e com o tempo começara a pensar nelas como amigas. Em breve, uma ou outra das suas amigas apiedar-se-ia dele e libertá-lo-ia daquela miséria sem fim. Ou talvez se limitasse a entrar um dia na água, e se dirigisse à costa que sabia ficar algures para norte, para lá da sua vista. Era longe de mais para nadar, fraco como se encontrava, mas não importava. Davos sempre fora marinheiro; estava destinado a morrer no mar. *Os deuses debaixo das águas têm estado à minha espera*, dizia a si próprio. *Já é mais que tempo que vá ter com eles.*

Mas agora havia uma vela; apenas uma mancha no horizonte, mas a

crescer. Um navio onde não devia haver navios. Sabia mais ou menos onde ficava aquele rochedo; pertencia a uma série de montanhas submarinas que se erguiam do fundo da Baía da Água Negra. A mais alta projectava-se a trinta metros acima da maré, e uma dúzia de montes menores subia entre dez e vinte metros. Os marinheiros chamavam-lhes *lanças do rei bacalhau*, e sabiam que por cada uma que rompia a superfície, uma dúzia espreitava traiçoeiramente logo abaixo. Qualquer capitão com juízo mantinha a sua rota bem afastada delas.

Davos observou a vela a inchar através de olhos pálidos e debruados de vermelho, e tentou ouvir o som do vento capturado na tela. *Ela vem para cá*. A menos que mudasse de rumo em breve, passaria à distância de um grito do seu estéril refúgio. Podia significar a vida. Se a quisesse. Não tinha a certeza de querer.

Porque haverei de viver? pensou enquanto lágrimas lhe embaciavam a visão. *Pela bondade dos deuses, porquê? Os meus filhos estão mortos, Dale e Allard, Maric e Matthos, talvez também Devan. Como pode um pai sobreviver a tantos filhos fortes e jovens? Como poderia prosseguir? Sou uma carapaça vazia, o caranguejo está morto, nada resta lá dentro. Eles não sabem disso?*

Tinham entrado na Torrente da Água Negra, exibindo o coração flamejante do Senhor da Luz. Davos e a *Betha Negra* tinham estado na segunda linha de batalha, entre o *Espectro* de Dale e Allard na *Senhora Marya*. Maric, o seu terceiro filho, era mestre dos remadores na *Fúria*, no centro da primeira linha, enquanto Matthos servia como imediato do pai. Sob as muralhas da Fortaleza Vermelha, as galés de Stannis Baratheon tinham travado batalha com a frota mais pequena do rei rapaz, Joffrey, e durante alguns momentos o rio ressoara com os disparos dos arcos e o estrondo de espigões de ferro a despedaçar tanto remos como cascos.

E então um grande animal desconhecido soltara um rugido, e havia chamas verdes a toda a volta: fogueiro, mijo de piromante, o demónio de jade. Matthos estava em pé ao seu lado quando o navio parecera erguer-se da água. Davos dera por si no rio, a esbracejar enquanto a corrente o agarra e o fazia rodopiar, às voltas e às voltas. Para montante, as labaredas tinham rasgado o céu, a quinze metros de altura. Vira a *Betha Negra* em chamas, e também a *Fúria*, e uma dúzia de outros navios, vira homens a arder a saltar para dentro de água para aí se afogarem. O *Espectro* e a *Senhora Marya* tinham desaparecido, afundados, despedaçados, ou escondidos por um véu de fogueiro, e não havia tempo de os procurar, porque estava quase na foz do rio, e os Lannister tinham erguido uma grande corrente de ferro na embocadura. De margem a margem nada havia além de navios a arder e fogueiro. Aquela visão parecera parar-lhe o coração por um momento, e ainda se lembrava do ruído, o crepitar das chamas, o silvo do vapor, os gritos

dos moribundos, e o bater daquele terrível calor contra a sua cara quando a corrente do rio o arrastara para baixo, na direcção do inferno.

Só teria tido de não fazer nada. Alguns momentos mais, e estaria agora com os filhos, a descansar na fria lama verde do fundo da baía, com peixes a mordiscar-lhe o rosto.

Mas em vez disso, inspirara um grande trago de ar e mergulhara, batendo os pés na direcção do fundo do rio. A sua única esperança era passar por baixo da corrente, dos navios a arder e do fogovivo que flutuava à superfície da água, nadar com força em busca da segurança da baía que se estendia do outro lado. Davos sempre fora um bom nadador, e naquele dia não usara aço além do elmo que perdera quando perdera a *Betha Negra*. Enquanto cortava através da escuridão verde, vira outros homens a lutar debaixo de água, puxados para baixo, afogando-se sob o peso de armaduras e cotas de malha. Davos passou por eles a nadar, batendo os pés com todas as forças que restavam às suas pernas, entregando-se à corrente, com a água a encher-lhe os olhos. Desceu mais fundo, e mais fundo, e ainda mais fundo. A cada braçada tornava-se mais difícil manter a respiração presa. Lembrou-se de ter visto o fundo, suave e indistinto, quando um rio de bolhas explodira dos seus lábios. Algo lhe tocara a perna... uma raiz submersa, um peixe ou um homem que se afogava, não sabia dizer.

Nessa altura já precisava de ar, mas tinha medo. Já teria ultrapassado a corrente, estaria já na baía? Se subisse por baixo de um navio, afogar-se-ia, e se chegasse à superfície entre as manchas flutuantes de fogovivo, a sua primeira inspiração crestar-lhe-ia os pulmões transformando-os em cinzas. Virara-se na água para olhar para cima, mas nada havia para ver além de uma escuridão verde, e então já virara demasiado e de súbito deixara de conseguir distinguir o que era em cima do que ficava em baixo. O pânico dominara-o. As suas mãos tinham batido contra o fundo do rio, levantando uma nuvem de lama que o cegara. O peito apertava-se-lhe mais a cada instante. Arranhou a água, batendo os pés, empurrando-se, virando, com os pulmões a gritar por ar, batendo os pés, batendo os pés, agora perdido na escuridão do rio, batendo os pés, batendo os pés, batendo os pés até já não conseguir batê-los mais. Quando abrisse a boca para gritar, a água jorrara lá para dentro, sabendo a sal, e Davos Seaworth soubera que se estava a afogar.

Quando voltara a si, o Sol encontrava-se no céu, e ele jazia numa praia pedregosa por baixo de uma projecção de rocha nua, com a baía vazia a toda a volta e um mastro quebrado, uma vela queimada e um cadáver inchado ao seu lado. O mastro, a vela e o morto desapareceram com a maré-cheia seguinte, deixando Davos sozinho no seu rochedo entre as *lanças do rei bacalhau*.

Os seus longos anos como contrabandista tinham feito com que as águas em redor de Porto Real lhe fossem mais familiares do que qualquer lar que alguma vez tivera, e compreendera que o seu refúgio nada mais era do que um ponto nos mapas, num lugar de onde os navegantes honestos se afastavam em vez de se aproximar... embora o próprio Davos tivesse andado por ali uma ou duas vezes nos seus dias de contrabando, a fim de passar mais despercebido. *Quando me encontrarem aqui morto, se alguma vez me encontrarem, talvez dêem ao rochedo o meu nome, pensara. Chamar-lhe-ão o Rochedo da Cebola; será a minha lápide e o meu legado.* Não merecia mais. *O Pai protege os seus filhos,* ensinavam os septões, mas Davos enviara os filhos para o fogo. Dale nunca daria à sua esposa o filho por que tinham rezado, e Allard, com a sua rapariga em Vilavelha, a sua rapariga em Porto Real e a sua rapariga em Bravos, fá-las-ia a todas chorar em breve. Matthos nunca capitanearia o seu próprio navio, como sonhara fazer. Maric nunca seria ordenado cavaleiro.

Como posso viver quando eles morrerem? Morreram tantos bravos cavaleiros e senhores poderosos, homens melhores do que eu, e bem-nascidos. Rasteja para a tua gruta, Davos. Rasteja lá para dentro e encolhe-te, e o navio ir-se-á embora, e nunca mais te incomodarás com ninguém. Adormece na tua almofada de pedra, e deixa que as gaivotas te arranquem os olhos enquanto os caranguejos se banqueteam com a tua carne. Já te banqueteaste com bastantes dos seus, tens uma dívida para com eles. Esconde-te, contrabandista. Esconde-te, fica calado, e morre.

A vela já quase se encontrava ao lado do rochedo. Alguns momentos mais, e o navio teria passado em segurança, e ele poderia morrer em paz.

Estendeu a mão para a garganta, em busca da pequena bolsa de couro que usava sempre em volta do pescoço. Guardava lá dentro os ossos dos quatro dedos que o seu rei lhe encurtara, no dia em que armara Davos cavaleiro. *A minha sorte.* Os seus dedos encurtados deram pancadinhas no peito, apalpando, sem nada encontrar. A bolsa tinha desaparecido, e os ossos dos dedos desapareceram com ela. Stannis nunca conseguira compreender por que motivo Davos tinha conservado os ossos.

— Para me recordar da justiça do meu rei — sussurrou através de lábios rachados. Mas agora tinham desaparecido. *O fogo levou-me a sorte como me levou os filhos.* Nos seus sonhos o rio ainda estava em chamas e demónios dançavam sobre as águas com chicotes flamejantes nas mãos, enquanto homens enegreciam e ardiam sob o látego. — Mãe, tende mercê — rezou Davos. — Salvai-me, Mãe gentil, salvai-nos a todos. A minha sorte partiu, tal como os meus filhos. — Estava agora a chorar livremente, com lágrimas salgadas a correr-lhe pela cara. — O fogo levou tudo... o fogo...

Talvez fosse apenas o vento a soprar contra a rocha, ou o som do mar na costa, mas por um instante Davos Seaworth ouviu a sua resposta.

— Tu chamaste o fogo — sussurrou ela, com uma voz tão ténue como o som das ondas num búzio, triste e suave. — Tu queimaste-nos... queimaste-nos... queimasssste-nossss.

— Foi *ela!* — gritou Davos. — Mãe, não nos abandoneis. Foi ela quem vos queimou, a mulher vermelha, Melisandre, *ela!* — Conseguia vê-la; a cara em forma de coração, os olhos vermelhos, o longo cabelo acobreado, o seu vestido vermelho a mover-se como chamas quando ela caminhava, um turbilhão de seda e cetim. Viera de Asshai, no Leste, viera para Pedra do Dragão e conquistara Selyse e os homens da rainha para o seu deus estrangeiro, e depois o rei, o próprio Stannis Baratheon. Chegara ao ponto de colocar o coração flamejante nos seus estandartes, o coração flamejante de R'hllor, Senhor da Luz e Deus da Chama e da Sombra. Por insistência de Melisandre, arrastara os Sete para fora do seu septo em Pedra do Dragão e queimara-os à frente dos portões do castelo, e mais tarde queimara também o bosque sagrado em Ponta Tempestade, e até queimara a árvore-coração, um enorme represeiro branco com uma cara solene.

— Foi obra dela — voltou Davos a dizer, com menos força. *Obra dela e tua, cavaleiro da cebola. As tuas remadas levaram-na a Ponta Tempestade noite cerrada, para que ela pudesse libertar o seu filho de sombra. Não estás sem culpa, oh, não. Cavalgaste sob o seu estandarte e içaste-o no teu mastro. Viste os Sete arder em Pedra do Dragão e nada fizeste. Ela entregou ao fogo a justiça do Pai, e a misericórdia da Mãe, e a sabedoria da Velha. Ferreiro e Estranho, Donzela e Guerreiro, queimou-os a todos para glória do seu deus cruel, e tu ficaste quieto e de boca fechada. Mesmo quando ela matou o velho Mestre Cressen, mesmo então, nada fizeste.*

A vela estava a cem metros de distância e deslocava-se rapidamente pela baía. Alguns momentos mais e passaria por ele, e começaria a minuar.

Sor Davos Seaworth começou a trepar o rochedo.

Içou-se com mãos trementes, com a cabeça a nadar de febre. Duas vezes os seus dedos estropiados deslizaram na pedra húmida e ele quase caiu, mas sem saber como, conseguiu segurar-se à sua rocha. Se caísse, estava morto, e tinha de sobreviver. Pelo menos durante um pouco mais. Havia uma coisa que tinha de fazer.

O cimo do rochedo era estreito de mais para que se pusesse em pé com segurança, fraco como estava, por isso acocorou-se e acenou com os seus braços descarnados.

— *Ó do navio* — gritou ao vento. — *Ó do navio, aqui, aqui!* — Daquele ponto elevado conseguia ver o navio com mais clareza; o casco esguio e

listado, a figura de proa em bronze, a vela cheia. Havia um nome pintado no seu casco, mas Davos nunca aprendera a ler. — *Ó do navio* — voltou a chamar —, *ajudai-me, AJUDAI-ME!*

Um tripulante no castelo de proa viu-o e apontou. Davos ficou a ver outros marinheiros deslocarem-se até ao talabardão e fitarem-no de boca aberta. Pouco depois, a vela da galé desceu, os remos deslizaram para fora, e ela deu a volta na direcção do seu refúgio. O navio era grande de mais para se aproximar muito do rochedo, mas a trinta metros de distância lançou um pequeno barco. Davos agarrou-se ao seu rochedo e observou o barco a deslizar na sua direcção. Quatro homens remavam, enquanto um quinto estava sentado à proa.

— Tu — gritou o quinto homem quando já estavam a poucos metros da ilha —, tu aí na rocha. Quem és?

Um contrabandista que ascendeu acima de si próprio, pensou Davos, um tolo que amou demasiado o seu rei e esqueceu os seus deuses.

— Eu... — Tinha a garganta ressequida, e esquecera-se de como se falava. As palavras causaram-lhe uma sensação estranha na língua e soaram ainda mais estranhas aos ouvidos. — Estive na batalha. Era... um capitão, um... um cavaleiro, era um cavaleiro.

— Sim, sor — disse o homem —, e ao serviço de que rei?

Davos apercebeu-se de súbito que a galé podia pertencer a Joffrey. Se proferisse agora o nome errado, ela abandoná-lo-ia ao seu destino. Mas não, o casco do navio era listado. Era uma galé lisena, era de Salladhor Saan. A Mãe enviara-a para ali, a Mãe na sua misericórdia. Tinha uma tarefa para ele desempenhar. *Stannis está vivo*, soube então. *Ainda tenho um rei. E filhos. Tenho outros filhos, e uma esposa leal e dedicada.* Como era possível que se tivesse esquecido? A Mãe era realmente misericordiosa.

— Stannis — gritou aos lisenos. — Deuses, sede bons, sirvo o Rei Stannis.

— Sim — disse o homem no barco — e nós também.

O convite parecia bastante inocente, mas, sempre que Sansa o lia, a sua barriga dava um nó. *Ela agora vai ser rainha, é bela e rica e toda a gente a adora, porque quereria jantar com a filha de um traidor?* Supunha que podia ser curiosidade; talvez Margaery Tyrell quisesse tirar as medidas à rival que afastara. *Será que se ressent de mim? Será que pensa que lhe tenho má vontade...*

Sansa observara das muralhas do castelo a subida de Margaery Tyrell pela Colina de Aegon. Joffrey recebera a sua futura noiva no Portão do Rei, para lhe dar as boas-vindas à cidade, e seguiram a cavalo, lado a lado, através de multidões que os aclamavam, com Joff a cintilar numa armadura dourada e a rapariga Tyrell magnificamente vestida de verde com um manto de flores outonais a florescer-lhe dos ombros. Tinha dezasseis anos, cabelos e olhos castanhos, era esbelta e bela. O povo gritava o seu nome ao passar, erguia os filhos para que ela os abençoasse, e espalhava flores sob os cascos do seu cavalo. A mãe e a avó seguiam-na de perto, numa alta casa rolante cujos flancos tinham esculpida uma centena de rosas entrelaçadas, todas douradas e a brilhar. O povo também as aclamava a elas.

O mesmo povo que me arrancou de cima do cavalo e que me teria matado se não fosse o Cão de Caça. Sansa nada fizera para os plebeus a odiarem, não mais do que Margaery Tyrell fizera para conquistar o seu amor. *Querirá ela que eu também a ame?* Estudou o convite, que parecia ter sido escrito pela mão da própria Margaery. *Desejará ela a minha bênção?* Sansa perguntou a si própria se Joffrey estaria ciente daquele jantar. Tanto quanto sabia, aquilo podia bem ser obra dele. A ideia encheu-a de medo. Se Joff estivesse por detrás do convite, teria alguma partida cruel planeada para a envergonhar aos olhos da rapariga mais velha. Iria ordenar à Guarda Real que a despiesse de novo? Da última vez que o fizera, o tio Tyrion impedira-o, mas o Duende não a podia salvar agora.

Ninguém me pode salvar, a não ser o meu Florian. Sor Dontos prometera que a ajudaria a fugir, mas não antes da noite do casamento de Joffrey. Os planos estavam em marcha, assegurara-lhe o seu querido e devotado cavaleiro-feito-bobo; nada havia a fazer até lá além de aguentar, e contar os dias.

E jantar com a minha substituta...

Talvez estivesse a cometer uma injustiça para com Margaery Tyrell. O convite talvez não fosse mais do que uma simples atenção, um acto de

cortesias. *Pode ser só um jantar.* Mas aquilo era a Fortaleza Vermelha, aquilo era Porto Real, aquilo era a corte do Rei Joffrey Baratheon, o Primeiro de Seu Nome, e se havia alguma coisa que Sansa Stark aprendera ali, era a desconfiança.

Mesmo assim, tinha de aceitar. Agora não era nada, a filha rejeitada de um traidor e a irmã caída em desgraça de um senhor rebelde. Dificilmente podia dizer que não à futura rainha de Joffrey.

Gostava que o Cão de Caça estivesse aqui. Na noite da batalha, Sandor Clegane viera aos seus aposentos para a levar da cidade, mas Sansa recusara. Por vezes ficava acordada à noite, perguntando a si própria se teria feito bem. Escondera o manto branco e manchado dele numa arca de cedro, por baixo das suas sedas de verão. Não saberia dizer por que motivo o guardara. Ouvira dizer que o Cão de Caça se acobardara; no auge da batalha ficara tão bêbado que o Duende tivera de levar os seus homens. Mas Sansa compreendia. Conhecia o segredo da sua cara queimada. *Ele só temia o fogo.* Naquela noite, o fogo vivo incendiara o próprio rio, e enchera o ar de chamas verdes. Até no castelo, Sansa sentira medo. Lá fora... quase nem conseguia imaginar.

Suspirando, pegou numa pena e num tinteiro e escreveu a Margaery Tyrell uma graciosa nota de aceitação.

Quando a noite marcada chegou, outro membro da Guarda Real veio buscá-la, um homem tão diferente de Sandor Clegane como... *bem, como uma flor de um cão.* Ver Sor Loras Tyrell, em pé, à soleira da sua porta, fez o coração de Sansa bater um pouco mais depressa. Aquela era a primeira vez que estava tão perto dele desde o seu regresso a Porto Real, à frente da vanguarda da hoste do pai. Por um momento, não soube o que dizer.

— Sor Loras — conseguiu enfim pronunciar —, vós... vós estais muito bonito.

Ele deitou-lhe um olhar baralhado.

— A senhora é demasiado amável. E também bela. A minha irmã espera-vos ansiosamente.

— Aguardei o nosso jantar com tanta expectativa.

— O mesmo fez Margaery, e também a senhora minha avó. — Tomou-lhe o braço e levou-a na direcção dos degraus.

— A vossa avó? — Sansa estava a achar difícil caminhar, conversar e pensar ao mesmo tempo, com Sor Loras a tocar-lhe o braço. Sentia o calor da sua mão através da seda.

— A Senhora Olenna. Ela também deverá jantar convosco.

— Oh — disse Sansa. *Estou a falar com ele, e ele está a tocar-me, está a segurar-me o braço e a tocar-me.* — Chamam-lhe a Rainha dos Espinhos. Não é verdade?

— É. — Sor Loras soltou uma gargalhada. *Ele tem a mais quente das gargalhadas*, pensou Sansa enquanto o jovem prosseguia — Mas é melhor que não useis esse nome na sua presença, caso contrário é provável que sejais picada.

Sansa corou. Qualquer idiota teria compreendido que nenhuma mulher ficaria feliz por ser chamada “Rainha dos Espinhos”. *Talvez eu seja mesmo tão estúpida como Cersei Lannister diz*. Tentou desesperadamente pensar em algo de inteligente e encantador para lhe dizer, mas a esperteza abandonara-a. Quase lhe disse como era belo, antes de se lembrar de que já o tinha feito.

Mas ele *era* belo. Parecia mais alto do que quando o vira pela primeira vez, mas mantinha a agilidade e a graciosidade, e Sansa nunca vira outro rapaz com uns olhos tão maravilhosos. *Mas ele não é rapaz nenhum, é um homem feito, um cavaleiro da Guarda Real*. Achou que tinha ainda melhor aspecto de branco do que com os verdes e dourados da Casa Tyrell. O único ponto de cor que havia agora nele era o broche que lhe prendia o manto; a rosa de Jardim de Cima trabalhada em ouro mole amarelo, aninhada numa base de delicadas folhas verdes de jade.

Sor Balon Swann abriu a porta de Maegor para eles passarem. Estava também todo de branco, embora não o usasse tão bem como Sor Loras, nem de perto. Para lá do fosso dos espigões, duas dúzias de homens treinavam com espadas e escudos. Com o castelo tão cheio, o pátio exterior fora dado aos visitantes, para aí erguerem as suas tendas e pavilhões, deixando apenas os pátios interiores, mais pequenos, para os treinos. Um dos gêmeos Redwyne estava a ser empurrado por Sor Tallad, com os olhos postos no seu escudo. O atarracado Sor Kennos, de Kayce, que mostrava os dentes e bufava sempre que erguia a espada, parecia estar a defender-se bem contra Osney Kettleblack, mas o irmão de Osney, Sor Osfryd, castigava violentamente o escudeiro da cara de rã, Morros Slynt. Com espadas embotadas ou sem elas, Slynt teria uma rica colheita de nódoas negras na manhã seguinte. Sansa estremeceu só de ver. *Eles praticamente acabaram de enterrar os mortos da última batalha, e já estão a treinar para a próxima*.

Na extremidade do pátio, um cavaleiro solitário com um par de rosas douradas no escudo defendia-se contra três oponentes. Precisamente na altura em que o observavam, golpeou um deles na parte lateral da cabeça, deixando-o sem sentidos.

— Aquele é o vosso irmão? — perguntou Sansa.

— É, senhora — disse Sor Loras. — Garlan treina frequentemente contra três homens, ou mesmo quatro. Diz que em batalha é raro que se lute um contra um, e por isso gosta de estar preparado.

— Deve ser muito corajoso.

— É um grande cavaleiro — respondeu Sor Loras. — Em boa verdade, é melhor espadachim do que eu, embora eu seja melhor lanceiro.

— Eu lembro-me — disse Sansa. — Cavalgais maravilhosamente, sor.

— A senhora é amável por dizer tal coisa. Quando foi que me haveis visto montar?

— No torneio da Mão, não vos recordais? Montastes um corcel branco, e a vossa armadura era feita de uma centena de espécies diferentes de flores. Destes-me uma rosa. Uma rosa *vermelha*. Nesse dia atirastes rosas brancas às outras raparigas. — Falar daquilo fazia-a corar. — Dissestes que nenhuma vitória possuía sequer metade da minha beleza.

Sor Loras dirigiu-lhe um sorriso modesto.

— Disse apenas uma verdade simples, que qualquer homem com olhos pode ver.

Ele não se lembra, compreendeu Sansa, sobressaltada. *Está só a ser gentil comigo, não se lembra de mim, da rosa ou seja do que for*. Tivera tanta certeza de que o acontecimento tivera algum significado, de que tivera *todo* o significado. Uma rosa *vermelha*, e não branca.

— Foi depois de terdes derrubado Sor Robar Royce — disse ela, desesperada.

Ele tirou a mão do seu braço.

— Matei Robar em Ponta Tempestade, senhora. — Não era uma vanglória; a sua voz soava triste.

A ele e a outro dos homens da Guarda Arco-Íris do Rei Renly, sim. Sansa ouvira as mulheres falar disso em volta do poço, mas por um momento esquecera-se.

— Foi quando o Lorde Renly foi morto, não foi? Que coisa terrível para a vossa pobre irmã.

— Para Margaery? — A voz dele estava tensa. — Com certeza. Mas ela estava em Pontamarga. Nada viu.

— Mesmo assim, quando ouviu a notícia...

Sor Loras afagou ligeiramente o cabo da espada com a mão. O punho era de couro branco, o botão uma rosa de alabastro.

— Renly está morto. Robar também. Que interessa falar deles?

A aspereza no seu tom apanhou-a desprevenida.

— Eu... senhor, eu... não pretendia ofender-vos, sor.

— Nem poderíeis fazê-lo, Senhora Sansa — respondeu Sor Loras, mas todo o calor tinha desaparecido da sua voz. Nem voltou a tomar-lhe o braço.

Subiram a escada em espiral num profundo silêncio.

Oh, porque tive eu de mencionar Sor Robar? pensou Sansa. *Estraguei tudo.*

Ele agora está zangado comigo. Tentou pensar em alguma coisa que pudesse dizer para fazer as pazes, mas todas as palavras que lhe ocorriam eram pouco convincentes e fracas. *Fica calada, senão ainda é pior,* disse a si própria.

O Lorde Mace Tyrell e a comitiva tinham sido alojados atrás do septo real, na longa fortaleza de telhado de lousa que era chamada Arcada das Donzelas desde que o Rei Baelor, o Abençoado, confinara aí as irmãs, para que a visão delas não o tentasse a ter pensamentos carniais. Junto às suas portas altas e esculpidas encontravam-se dois guardas com meios-elmos dourados e mantos verdes debruados a cetim de ouro, com a rosa dourada de Jardim de Cima cosida ao peito. Ambos tinham mais de dois metros e dez de altura e eram largos de ombros e estreitos de cintura, magnificamente musculados. Quando Sansa se aproximou o suficiente para lhes ver as caras, não foi capaz de os distinguir um do outro. Possuíam os mesmos maxilares fortes, os mesmos profundos olhos azuis, os mesmos densos bigodes vermelhos.

— Quem são? — perguntou a Sor Loras, momentaneamente esquecida da atrapalhão.

— A guarda pessoal da minha avó — disse-lhe ele. — A mãe deles chamou-lhes Erryk e Arryk, mas a Avó não os consegue distinguir, portanto chama-lhes Esquerdo e Direito.

Esquerdo e Direito abriram as portas, e a própria Margaery Tyrell surgiu e desceu numa corridinha o pequeno lanço de escadas, ao encontro dos recém-chegados.

— Senhora Sansa — gritou —, estou tão contente por terdes vindo. Sede bem-vinda.

Sansa ajoelhou aos pés da sua futura rainha.

— Concedeis-me uma grande honra, Vossa Graça.

— Porque não me chamais Margaery? Por favor, erguei-vos. Loras, ajuda a Senhora Sansa a pôr-se em pé. Posso chamar-vos Sansa?

— Se vos aprover. — Sor Loras ajudou-a a erguer-se.

Margaery mandou-o embora com um beijo fraternal, e pegou na mão de Sansa.

— Vinde, a minha avó espera, e ela não é a mais paciente das senhoras.

Um fogo crepitava na lareira, e tinham sido espalhadas pelo chão esteiras com um cheiro doce. Uma dúzia de mulheres sentava-se em volta da longa mesa de montar.

Sansa só reconheceu a alta e digna esposa de Lorde Tyrell, a Senhora Alerie, cuja longa trança prateada se encontrava presa com anéis incrustados de jóias. Margaery fez as outras apresentações. Havia três primas Tyrell, Megga, Alla e Elinor, todas com idades próximas da de San-

sa. A roliça Senhora Janna era irmã de Lorde Tyrell, e estava casada com um dos Fossoway da maçã verde; a graciosa Senhora Leonette, de olhos brilhantes, era também uma Fossoway, casada com Sor Garlan. A Septá Nysterica possuía uma cara modesta e marcada por borbulhas, mas parecia alegre. A pálida e elegante Senhora Graceford esperava criança, e a Senhora Bulwer *era* uma criança, com não mais de oito anos. E “Merry” era o que devia chamar à rudemente directa Meredyth Crane, mas decididamente *não* à Senhora Merryweather, uma apaixonada beleza de Myr, de olhos negros.

Após todas as outras, Margaery trouxe-a até junto de uma mulher encarquilhada de cabelos brancos, que mais parecia uma boneca, sentada à cabeceira da mesa.

— Tenho a honra de vos apresentar a minha avó, a Senhora Olenna, viúva do falecido Luthor Tyrell, Senhor de Jardim de Cima, cuja memória é um conforto para todos nós.

A idosa cheirava a água de rosas. *Oh, ela é uma coisinha minúscula.* Nada havia na mulher que fosse minimamente espinhoso.

— Beijai-me, filha — disse a Senhora Olenna, puxando pelo pulso de Sansa com uma mão suave e manchada. — É tanta gentileza vossa vir jantar comigo e com o meu tolo bando de galinhas.

Obedientemente, Sansa beijou a velha na cara.

— A gentileza foi vossa por me convidardes, senhora.

— Conheci o vosso avô, o Lorde Rickard, embora mal.

— Ele morreu antes de eu nascer.

— Sei disso, filha. Diz-se que o vosso avô Tully também está a morrer. O Lorde Hoster, certamente vo-lo terão dito? Um velho, embora não tão velho como eu. Seja como for, no fim a noite cai para todos nós, e cedo de mais para alguns. Deveis saber disso melhor do que a maior parte das pessoas, pobre criança. Tivestes a vossa conta de desgosto, eu sei. Lamentamos as vossas perdas.

Sansa olhou de relance para Margaery.

— Entristeceu-me saber da morte do Lorde Renly, Vossa Graça. Ele era muito galante.

— É bondade vossa dizê-lo — respondeu Margaery.

A avó bufou.

— Galante, sim, e encantador, e muito limpo. Sabia como vestir-se, sabia como sorrir e sabia como tomar banho, e, não se sabe bem como, arranjou a ideia de que isso o tornava apto a ser rei. Os Baratheon sempre tiveram umas ideias estranhas, certamente. Vem-lhes do sangue Targaryen, julgo eu. — Fungou. — Em tempos tentaram casar-me com um Targaryen, mas rapidamente pus fim a isso.

— Renly era bravo e gentil, avó — disse Margaery. — O pai também gostava dele, e Loras também.

— Loras é jovem — disse com vivacidade a Senhora Olenna — e muito bom a derrubar homens dos cavalos com um pau. Isso não faz dele sensato. Quanto ao teu pai, gostaria de ter nascido camponesa com uma grande colher de pau, porque talvez tivesse sido capaz de lhe enfiar à pancada algum juízo naquela cabeça gorda.

— Mãe — repreendeu a Senhora Alerie.

— Chiu, Alerie, não me fales nesse tom. E não me chames mãe. Se te tivesse dado à luz, certamente me lembraria. Só me podem culpar pelo teu marido, o lorde idiota de Jardim de Cima.

— Avó — disse Margaery —, tende tento nas palavras, senão o que pensará Sansa de nós?

— Pode pensar que possuímos alguma inteligência. Uma de nós, pelo menos. — A idosa mulher voltou a virar-se para Sansa. — É traição, preveni-os eu, Robert tem dois filhos e Renly um irmão mais velho, como seria *possível* que ele tivesse alguma pretensão àquela feia cadeira de ferro? Vá lá, diz o meu filho, não quereis que a vossa querida seja rainha? Vós, os Stark, fostes em tempos reis, os Arryn e os Lannister também, e até os Baratheon, pela linha feminina, mas os Tyrell não passavam de intendentess até chegar Aegon, o Dragão, e cozinhar o rei legítimo da Campina no Campo de Fogo. Em boa verdade, até a nossa pretensão a Jardim de Cima é um pouco aldrabada, como aqueles terríveis Florent andam sempre a choramingar. “Que importa”, perguntais, e certamente que não importa, excepto para idiotas como o meu filho. A ideia de um dia ver o neto com o cu no Trono de Ferro faz Mace inchar como... como é que se chama? Margaery, tu que és esperta, sê uma querida e diz à tua avó meio pateta o nome daquele peixe esquisito das Ilhas do Verão que quando se lhe toca incha como um balão até ficar com dez vezes o tamanho normal.

— Chamam-lhe peixe-balão, avó.

— Claro que chamam. A gente das Ilhas do Verão não tem imaginação nenhuma. O meu filho devia adoptar o peixe-balão como símbolo, em boa verdade. Podia pôr-lhe uma coroa, como os Baratheon fazem ao veado, isso talvez o deixasse feliz. Devíamos ter permanecido bem longe de toda esta sangrenta patetice, a meu ver, mas depois da vaca mungida não há maneira de lhe enfiar as natas de novo no úbere. Depois de o Lorde Peixe-Balão pousar aquela coroa na cabeça de Renly, estávamos enfiados nas papas até aos joelhos, portanto aqui estamos para levar as coisas até ao fim. E que dizeis vós a isso, Sansa?

A boca de Sansa abriu-se e fechou-se. Também se sentia bastante como um peixe-balão.

— Os Tyrell conseguem traçar a sua genealogia até Garth Greenhand — foi o melhor que conseguiu arranjar assim de repente.

A Rainha dos Espinhos fungou.

— Tal como os Florent, os Rowan, os Oakheart e metade das outras casas nobres do Sul. Garth gostava de plantar a sua semente em terreno fértil, segundo dizem. Não me surpreenderia que não fossem só as mãos que ele tinha verdes.

— *Sansa* — interrompeu a Senhora Alerie —, deveis ter muita fome. Comemos um pouco de javali juntas e alguns bolos de limão?

— Bolos de limão são os meus preferidos — admitiu *Sansa*.

— Foi o que nos foi dito — declarou a Senhora Olenna, que era claro que não tinha qualquer intenção de ser silenciada. — Aquela criatura chamada Varys pareceu pensar que nos devíamos sentir gratas por essa informação. Nunca entendi lá muito bem qual é o *objectivo* de um eunuco, em boa verdade. Parece-me que são só homens com os bocados úteis cortados. Alerie, mandas que nos sirvam a comida, ou tencionas matar-me à fome? Vinde cá, *Sansa*, sentai-vos aqui junto a mim, sou muito menos aborrecida do que essas outras. Espero que gosteis de bobos.

Sansa alisou as saias e sentou-se.

— Penso que... bobos, senhora? Falais de... do tipo que se veste às cores?

— Neste caso são penas. De que julgáveis que eu falava? Do meu filho? Ou destas adoráveis senhoras? Não, não coreis, com o cabelo que tendes faz-vos parecer uma romã. Todos os homens são bobos, em boa verdade, mas aqueles que se vestem às cores são mais divertidos do que os que usam coroas. Margaery, filha, manda chamar o Abetouro, vamos ver se ele não conseguirá fazer sorrir a Senhora *Sansa*. O resto de vós, sentai-vos, terei de vos dizer tudo? *Sansa* deve pensar que a minha neta é servida por um rebanho de ovelhas.

O Abetouro chegou antes da comida, vestido com um fato de bobo de penas verdes e amarelas com um barrete pendente. Um homem imensamente gordo e redondo, do tamanho de três Rapazes Lua, entrou a rebolar no salão, saltou para cima da mesa e depositou um gigantesco ovo à frente de *Sansa*.

— Quebrai-o, senhora — ordenou. Quando ela o fez, uma dúzia de pintos amarelos fugiram e desataram a correr em todas as direcções. — *Apanhai-os!* — exclamou o Abetouro. A pequena Senhora Bulwer capturou um e entregou-lho, de modo que ele o enfiou na sua enorme boca elástica, e pareceu engoli-lo inteiro. Quando arrotou, minúsculas penas amarelas voaram-lhe pelo nariz. A Senhora Bulwer desatou a chorar, aflita, mas as suas lágrimas transformaram-se num súbito guincho de leite quando o

pinto saiu a contorcer-se da manga do seu vestido e lhe correu pelo braço abaixo.

Quando os criados trouxeram um caldo de alho-porro e cogumelos, o Abetouro pôs-se a fazer malabarismos e a Senhora Olenna inclinou-se para a frente e apoiou os cotovelos na mesa.

— Conheceis o meu filho, Sansa? O Lorde Peixe-Balão de Jardim de Cima?

— É um grande senhor — respondeu polidamente Sansa.

— É um grande idiota — disse a Rainha dos Espinhos. — O pai também era um idiota. O meu esposo, o falecido Lorde Luthor. Oh, amei-o bastante, não me entendais mal. Era um homem gentil, e não lhe faltava habilidade no quarto, mas não deixava de ser um espantoso idiota. Conseguiu cair com o cavalo de uma falésia enquanto caçava com falcão. Dizem que ia a olhar para o céu, sem prestar nenhuma atenção a onde o cavalo o levava.

» E agora o idiota do meu filho está a fazer o mesmo, só que está a montar um leão em vez de um palafrém. Eu preveni-o de que é fácil montar um leão mas já não é tão fácil desmontar, mas ele só responde com risinhos. Se alguma vez tiverdes um filho, Sansa, batei-lhe com frequência para que aprenda a dar-vos ouvidos. Eu só tive um rapaz e quase não lhe bati, por isso agora presta mais atenção ao Abetouro do que a mim. Um leão não é um gato de colo, disse-lhe eu, e ele vem-me com um “vá-lá-mãe”. Há muito mais vá-lás neste reino do que devia haver, se quereis que vos diga. Todos estes reis fariam bastante melhor se depusessem as espadas e escutassem as mães.

Sansa apercebeu-se de que tinha de novo a boca aberta. Encheu-a com uma colher de caldo enquanto a Senhora Alerie e as outras mulheres se riam com o espectáculo que o Abetouro dava fazendo saltar laranjas com a cabeça, os cotovelos e o amplo traseiro.

— Quero que me conteis a verdade sobre este real rapaz — disse abruptamente a Senhora Olenna. — Este Joffrey.

Os dedos de Sansa apertaram-se em volta da colher. *A verdade? Não posso. Não me peçais a verdade, por favor, não posso.*

— Eu... eu... eu...

— Vós, sim. Quem melhor a conheceria? O moço parece bastante régio, admito. Um pouco cheio de si, mas isso deve vir-lhe do sangue Lan-nister. No entanto, ouvimos algumas histórias perturbadoras. Há alguma verdade nelas? Aquele rapaz maltratou-vos?

Sansa lançou um olhar nervoso em redor. O Abetouro enfiou uma laranja inteira na boca, mastigou e engoliu, deu uma palmada na cara e soprou grainhas pelo nariz. As mulheres riram-se. Criados iam e vinham, e a Arcada das Donzelas ecoava com o ruído das colheres e dos pratos. Um dos

pintos voltou a saltar para cima da mesa e atravessou a correr o caldo da Senhora Graceford. Ninguém parecia estar a prestar-lhes a mínima atenção, mas mesmo assim sentia-se assustada.

A Senhora Olenna estava a ficar impaciente.

— Porque estais a olhar para o Abetouro de boca aberta? Fiz-vos uma pergunta, espero uma resposta. Os Lannister roubaram-vos a língua, filha?

Sor Dontos prevenira-a para só falar à vontade no bosque sagrado.

— Joff... o Rei Joffrey, ele... Sua Graça é muito justo e bem-parecido, e... e bravo como um leão.

— Sim, todos os Lannister são leões, e quando um Tyrell se larga, cheira mesmo a rosas — exclamou a idosa. — Mas quão bondoso é ele? Quão inteligente? Tem um bom coração, uma mão gentil? É cavalheiresco como é próprio de um rei? Irá estimar Margaery e tratá-la com ternura, proteger a sua honra como protegeria a própria?

— Sim — mentiu Sansa. — Ele é muito... muito bonito.

— Já o haveis dito. Sabeis, filha, há quem diga que sois uma pateta tão grande como aqui o Abetouro, e eu começo a acreditar. *Bonito?* Ensinei à minha Margaery o que vale a beleza, espero eu. Um pouco menos do que uma bufa de saltimbanco. Aerion Fogo-Forte era bastante bonito, mas era na mesma um monstro. A questão é: o que é Joffrey? — Estendeu a mão para apanhar um criado que passava. — Não gosto de alho-porro. Leva este caldo e traz-me um pouco de queijo.

— O queijo será servido depois dos bolos, senhora.

— O queijo será servido quando eu quiser que ele seja servido, e quero-o servido já. — A velha voltou a virar-se para Sansa. — Estais assustada, filha? Não há necessidade disso, aqui somos só mulheres. Contai-me a verdade, nenhum mal vos acontecerá.

— O meu pai sempre disse a verdade. — Sansa falava em voz baixa, mas mesmo assim era difícil forçar as palavras a sair.

— O Lorde Eddard, sim, ele tinha essa reputação, mas mesmo assim lhe chamaram traidor e cortaram a cabeça. — Os olhos da velha furaram através dela, aguçados e brilhantes como pontas de espadas.

— Joffrey — disse Sansa. — Foi Joffrey quem o fez. Prometeu-me que seria misericordioso, e cortou a cabeça ao meu pai. Disse que *isso* era uma misericórdia, e levou-me até ao alto das muralhas e obrigou-me a olhar para ela. Para a cabeça. Queria que eu chorasse, mas... — Parou abruptamente e cobriu a boca. *Disse demasiado, oh, pela bondade dos deuses, eles saberão, eles ouvirão falar disto, alguém me denunciará.*

— Continuai. — Foi Margaery que pediu. A futura rainha de Joffrey. Sansa não sabia quanto teria ouvido.

— Não posso. — *E se ela lhe conta, e se ela conta? Ele então matar-me-á*

de certeza, ou dar-me-á a Sor Ilyn. — Não quis dizer... o meu pai era um traidor, o meu irmão também, tenho sangue de traidor, por favor, não me obrigueis a dizer mais.

— Acalmai-vos, filha — ordenou a Rainha dos Espinhos.

— Ela está aterrorizada, avó, olhai só para ela.

A velha gritou ao Abetouro.

— *Bobo!* Dá-nos uma canção. Uma longa, quer-me parecer. “O Urso e a Bela Donzela” servirá muito bem.

— Sim! — respondeu o enorme bobo. — Servirá deveras muito bem! Deverei cantá-la a fazer o pino, senhora?

— Isso fará com que soe melhor?

— Não.

— Nesse caso fica assente nos pés. Não queremos que o chapéu te caia. Se bem me lembro, nunca lavas o cabelo.

— Às vossas ordens, senhora. — O Abetouro fez uma profunda vénia, soltou um gigantesco arrote, e então endireitou-se, espetou a barriga e berrou: — *Havia um urso, um urso, um URSO! Preto e castanho e coberto de pêlo...*

A Senhora Olenna inclinou-se para a frente.

— Já quando eu era uma rapariga mais nova do que vós, era bem sabido que na Fortaleza Vermelha as próprias paredes têm ouvidos. Bem, ficarão entretidos com uma canção e entretanto nós, as raparigas, falaremos livremente.

— Mas — disse Sansa —, Varys... ele *sabe*, ele sempre...

— *Canta mais alto!* — gritou a Rainha dos Espinhos ao Abetouro. — Estes velhos ouvidos estão quase surdos, sabes? Estás a sussurrar para mim, bobo gordo? Não te pago por sussurros. *Canta!*

— ...*O URSO!* — trovejou o Abetouro, fazendo ecoar a sua sonora e profunda voz nas vigas do tecto. — *OH, VEM, DISSERAM, OH VEM AO CONCURSO! CONCURSO? DISSE ELE, MAS EU SOU UM URSO! PRETO E CASTANHO E COBERTO DE PÊLO!*

A engelhada velha senhora sorriu.

— Em Jardim de Cima temos muitas aranhas entre as flores. Desde que guardem as coisas para si, deixamo-las tecer as suas pequenas teias, mas se se põem debaixo dos nossos pés, pisamo-las. — Deu palmadinhas nas costas da mão de Sansa. — Agora, filha, a verdade. Que tipo de homem é este Joffrey, que chama a si mesmo Baratheon mas parece tão Lannister?

— *E DAQUI PARA LÁ AO LONGO DO PERCURSO. PERCURSO! PERCURSO! TRÊS MOÇOS, UM BODE E UMA DANÇA DE URSO!*

Sansa sentia-se como se o coração se lhe estivesse alojado na garganta. A Rainha dos Espinhos estava tão perto dela que conseguia cheirar-lhe o

mau hálito. Os dedos descarnados e finos da velha beliscavam-lhe o pulso. Do outro lado, Margaery também estava à escuta. Um arrepio percorreu-a.

— Um monstro — segredou, com uma voz tão trémula que quase não a conseguiu ouvir. — Joffrey é um monstro. Mentiu acerca do filho do carneiro e obrigou o meu pai a matar a minha loba. Quando lhe desagradou, manda a Guarda Real bater-me. É mau e cruel, senhora, é a verdade. E a rainha também.

A Senhora Olenna Tyrell e a neta trocaram um olhar.

— Ah — disse a velha —, isso é uma pena.

Oh, deuses, pensou Sansa, horrorizada. Se Margaery não casar com ele, Joff saberá que a culpa é minha.

— Por favor — suplicou —, não impeçais o casamento...

— Não tenhais medo, o Lorde Peixe-Balão está determinado a que Margaery seja rainha. E a palavra de um Tyrell vale mais do que todo o ouro de Rochedo Casterly. Pelo menos, assim era nos meus tempos. Seja como for, agradecemos-vos pela verdade, filha.

— ...*DANÇOU E GIROU 'TÉ CHEGAR AO CONCURSO! CONCURSO! CONCURSO!* — O Abetouro saltava, rugia e batia com os pés.

— Sansa, gostaríeis de visitar Jardim de Cima? — Quando Margaery Tyrell sorria, parecia-se muito com o irmão Loras. — Todas as flores de Outono estão em botão nesta época, e há bosques e fontes, pátios cheios de sombras, colunatas de mármore. O senhor meu pai mantém sempre cantores na corte, melhores do que aqui o Abinho, e também flautistas, rabequistas e harpistas. Temos os melhores cavalos e barcos de prazer para viajar ao longo do Vago. Praticais falcoaria, Sansa?

— Um pouco — admitiu.

— *OH, E ELA ERA DOCE E PURA E BELA! A DONZELA COM MEL NO CABELO!*

— Gostareis tanto de Jardim de Cima como eu, sei que sim. — Margaery empurrou para trás uma madeixa solta do cabelo de Sansa. — Assim que vejais o castelo, nunca mais quereis partir. E talvez não tenhais de o fazer.

— *CABELO! CABELO! A DONZELA COM MEL NO CABELO!*

— Chiu, filha — disse a Rainha dos Espinhos em tom penetrante. — Sansa nem sequer nos disse que gostaria de lá ir de visita.

— Oh, mas gostaria — disse Sansa. Jardim de Cima parecia ser como o lugar com que sempre sonhara, como a bela corte mágica que em tempos esperara encontrar em Porto Real.

— ...*CHEIROU O ODOR NO AR DE VERÃO. O URSO! O URSO! PRETO E CASTANHO E COBERTO DE PÊLO.*

— Mas a rainha — prosseguiu Sansa —, ela não me deixará ir...

— Deixará. Sem Jardim de Cima, os Lannister não têm esperança de manter Joffrey no trono. Se o meu filho, o lorde idiota, pedir, ela não terá outra hipótese que não seja conceder-lhe o pedido.

— Fá-lo-á? — perguntou Sansa. — Ele pedirá?

A Senhora Olenna franziu o sobrolho.

— Não vejo necessidade de lhe dar outra hipótese. Claro, ele não faz a mínima ideia do nosso verdadeiro propósito.

— *CHEIROU O ODOR NO AR DE VERÃO!*

Sansa enrugou a testa.

— O nosso verdadeiro propósito, senhora?

— *FUNGOU E RUGIU E CHEIROU-O, BABÃO! MEL NO AR DE VERÃO!*

— Tratar de vos casar em segurança, filha — disse a velha, enquanto o Abetouro berrava a velhíssima canção —, com o meu neto.

Casar com Sor Loras, oh... A respiração de Sansa prendeu-se-lhe na garganta. Lembrou-se de Sor Loras na sua cintilante armadura de safiras, a atirar-lhe uma rosa. Sor Loras vestido de seda branca, tão puro, inocente, belo. As covinhas nos cantos da boca quando sorria. A doçura do seu riso, o calor da sua mão. Só podia imaginar o que seria puxar-lhe a túnica pela cabeça e acariciar-lhe a pele lisa por baixo, pôr-se em bicos de pés e beijá-lo, fazer correr os dedos por aqueles espessos caracóis castanhos e afogar-se nos seus profundos olhos castanhos. Uma vermelhidão subiu-lhe pelo pescoço.

— *OH, SOU UMA DONZELA, E SOU PURA E BELA! NÃO DANÇAREI C'UM PELUDO URSO! UM URSO! UM URSO! NÃO DANÇAREI C'UM PELUDO URSO!*

— Gostaríeis de tal coisa, Sansa? — perguntou Margaery. — Nunca tive uma irmã, só irmãos. Oh, por favor, dizei que sim, por favor, dizei que consentireis em desposar o meu irmão.

As palavras precipitaram-se para fora da sua boca.

— Sim. Caso. Nada me agradaria mais. Casar com Sor Loras, amá-lo...

— Loras? — A Senhora Olenna fez uma expressão aborrecida. — Não sejas tola, filha. A Guarda Real nunca se casa. Não vos ensinaram nada em Winterfell? Estávamos a falar do meu neto Willas. Ele é um pouco velho para vós, com certeza, mas um rapaz adorável, apesar de tudo. Nem um bocadinho imbecil, e além disso, herdeiro de Jardim de Cima.

Sansa sentiu-se tonta; num instante tinha a cabeça cheia de sonhos sobre Loras, e no seguinte tinham-lhe sido todos tirados. *Willas? Willas?*

— Eu — disse, estupidamente. *A cortesia é a armadura de uma senhora. Não podes ofendê-los, tem cuidado com o que dizes.* — Eu não conheço o Sor

Willas. Nunca tive o prazer, minha senhora. Ele é... é um cavaleiro tão bom como os irmãos?

— ...*ERGUEU-A NO AR C'UMA MÃO! O URSO! O URSO!*

— Não — disse Margaery. — Nunca prestou juramento.

A avó franziu o sobrolho.

— Conta a verdade à rapariga. O pobre rapaz está estropiado, e é assim que as coisas são.

— Foi aleijado em escudeiro, ao participar no seu primeiro torneio — confidenciou Margaery. — O cavalo caiu e esmagou-lhe a perna.

— Quem teve a culpa foi aquela serpente de Dorne, aquele Oberyn Martell. E o seu Mestre também.

— *QUIS UM CAVALEIRO, MAS TU ÉS UM URSO! UM URSO! UM URSO! PRETO E CASTANHO E COBERTO DE PÊLO!*

— Willas tem uma má perna mas um bom coração — disse Margaery. — Costumava ler para mim quando eu era uma rapariguinha, e fazia-me desenhos das estrelas. Ireis amá-lo tanto como nós, Sansa.

— *'SPERNEOU E CHOROU, A DONZELA TÃO BELA, MAS ELE LAMBEU-LHE O MEL DO CABELO. CABELO! CABELO! LAMBEU-LHE O MEL DO CABELO!*

— Quando poderei conhecê-lo? — perguntou Sansa, hesitante.

— Em breve — prometeu Margaery. — Quando vierdes a Jardim de Cima, depois de Joffrey e eu estarmos casados. A minha avó levar-vos-á.

— Levarei — disse a velha, dando palmadinhas na mão de Sansa e fazendo um sorriso suave cheio de rugas. — Levarei mesmo.

— *ENTÃO SUSPIROU E GUINCHOU E ATÉ 'SPERNEOU! MEU URSO! CANTOU. MEU URSO TÃO BELO! E DAQUI PARA LÁ FORAM PELO PERCURSO, O URSO, O URSO E A BELA DONZELA.* — O Abetouro rugiu o último verso, deu um salto e caiu sobre ambos os pés com um estrondo que fez abanar as taças de vinho sobre a mesa. As mulheres riram e aplaudiram.

— Já julgava que esta terrível canção nunca mais acabava — disse a Rainha dos Espinhos. — Mas, olhai, aí vem o meu queijo.

O mundo era uma escuridão cinzenta, com cheiro a pinheiro, musgo e frio. Névoas pálidas erguiam-se da terra negra enquanto os cavaleiros abriam caminho pela confusão de pedras e árvores deformadas na direcção das bem-vindas fogueiras que se espalhavam como jóias pelo fundo do vale do rio, lá em baixo. Havia mais fogueiras do que Jon Snow conseguia contar, centenas de fogueiras, milhares, um segundo rio de luzes tremeluzentes ao longo das margens do Guadeleite, branco de gelo. Os dedos da sua mão da espada abriram e fecharam.

Desceram a vertente sem estandartes nem trombetas, num silêncio apenas interrompido pelo murmúrio distante do rio, pelo ruído dos cascos e pelos estalidos da armadura de ossos do Lorigão de Chocalho. Algures, lá no alto, uma águia pairava apoiada em grandes asas azuis-acinzentadas, enquanto em baixo seguiam homens, cães, cavalos e um lobo gigante branco.

Uma pedra rebolou pela encosta abaixo, perturbada por um casco de passagem, e Jon viu o Fantasma virar a cabeça ao ouvir o súbito som. Seguiu os cavaleiros à distância o dia todo, como era seu costume, mas quando a Lua se erguera sobre os pinheiros marciais, aproximara-se aos saltos, com os olhos vermelhos a brilhar. Os cães do Lorigão de Chocalho receberam-no com um coro de rosnidos e violentos latidos, como sempre, mas o lobo gigante não lhes deu importância. Seis dias antes, o maior dos cães atacara-o por trás, na altura em que os selvagens acampavam para a noite, mas o Fantasma virara-se e mordera-o, pondo o cão em fuga com um quadril ensanguentado. Depois disso, o resto da matilha passara a guardar uma distância saudável.

O garrano de Jon Snow relinchou baixinho, mas um toque e uma palavra calma rapidamente aquietaram o animal. Seria bom que os medos do homem fossem acalmados com tanta facilidade como os do animal. Estava todo vestido de negro, o negro da Patrulha da Noite, mas o inimigo acompanhava-o, à frente e atrás. *Selvagens, e eu estou com eles.* Ygritte usava o manto de Qhorin Meia-Mão. Lenyl tinha o seu lorigão, a grande esposa de lanças Ragwyle as suas luvas, um dos arqueiros as suas botas. O elmo de Qhorin fora ganho pelo pequeno rústico chamado Lança-Longa Ryk, mas encaixava-se mal na sua cabeça estreita, e ele dera-o também a Ygritte. E o Lorigão de Chocalho levava os ossos de Qhorin no saco, bem como a cabeça ensanguentada de Ebben, que partira com Jon para bater

o Passo dos Guinchos. *Mortos, todos mortos menos eu, e eu estou morto para o mundo.*

Ygritte seguia logo atrás dele. À frente ia o Lança-Longa Ryk. O Senhor dos Ossos fizera dos dois os seus guardas.

— Se o corvo fugir, também ferverão os vossos ossos — prevenira-os quando partiram, sorrindo através dos dentes tortos do crânio de gigante que usava como elmo.

Ygritte gritara-lhe.

— Queres ser tu a guardá-lo? Se queres que a gente o guarde, deixa-nos em paz e a gente guarda-o.

Esta é realmente uma gente livre, compreendera Jon. O Lorigão de Chocalho podia ser o seu líder, mas nenhum deles se acanhava em dar-lhe resposta.

O líder selvagem fitara-o com um olhar pouco amistoso.

— Pode ser que tenhas enganado estes tipos, corvo, mas não julgues que vais enganar o Mance. Ele há-de olhar uma vez p'ra ti e há-de ver que és um aldrabão. E quando isso acontecer, hei-de fazer um manto ali do teu lobo, e hei-de abrir a tua barriga mole de rapaz p'ra a coser com uma doninha lá dentro.

A mão da espada de Jon abrira-se e fechara-se, flectindo os dedos queimados sob a luva, mas o Lança-Longa Ryk limitara-se a rir.

— E onde é que tu ias achar uma doninha na neve?

Nessa primeira noite, após um longo dia a cavalo, tinham acampado numa concavidade pouco profunda de pedra, no topo de uma montanha sem nome, aninhando-se junto à fogueira enquanto a neve começava a cair. Jon pusera-se a observar os flocos a derreter enquanto pairavam sobre as chamas. Apesar das suas camadas de lã, peles e couro, sentia-se frio até aos ossos. Ygritte sentara-se a seu lado depois de comer, com o capuz subido e as mãos enfiadas nas mangas para aquecer.

— Quando o Mance ouvir dizer como deste cabo do Meia-Mão, vai receber-te bem depressa — dissera-lhe.

— Receber-me onde?

A rapariga rira-se com zombaria.

— Receber-te como um de nós. Achas que és o primeiro corvo a fugir da Muralha? Lá no fundo, vós todos só quereis voar livres.

— E quando eu for livre — disse ele lentamente —, serei livre de me ir embora?

— Claro que sim. — Ela tinha um sorriso quente, apesar dos dentes tortos. — E ele há-de ser livre p'ra te matar. Ser livre é *perigoso*, mas a maior parte acaba por gostar. — Pousou a mão enluvada na sua perna, logo acima do joelho. — Há-de ver.

Hei-de ver, pensou Jon. *Hei-de ver e de ouvir, e de aprender, e quando o tiver feito, levarei as novidades de volta para a Muralha.* Os selvagens tinham-no tomado por perjuro, mas no seu âmago continuava a ser um homem da Patrulha da Noite, a cumprir o último dever que Qhorin Meia-Mão depositara nele. *Antes de ser morto por mim.*

No fundo da encosta depararam com um pequeno ribeiro que descia do sopé dos montes e se ia juntar ao Guadeleite. Parecia todo feito de pedras e vidro, embora conseguissem ouvir o som da água a correr sob a superfície congelada. O Lorigão de Chocalho atravessou à frente deles, estilhaçando a fina crosta de gelo.

Os batedores de Mance Rayder rodearam-nos quando subiram para a margem. Jon tirou-lhes as medidas de um relance: oito cavaleiros, tanto homens como mulheres, vestidos de peles e couro fervido, com um elmo ou um pouco de cota de malha aqui e ali. Vinham armados com lanças e arpões endurecidos pelo fogo, todos menos o chefe, um louro carnudo com olhos aguados que usava uma grande gadanha curva de aço afiado. O Chorão, compreendeu de imediato. Os irmãos negros contavam histórias sobre aquele. Tal como o Lorigão de Chocalho, Harma Cabeça-de-Cão e Alfyn Mata-Corvos, era um conhecido assaltante.

— O Senhor dos Ossos — disse o Chorão quando os viu. Deitou uma olhadela a Jon e ao seu lobo. — E então este quem é?

— Um corvo que se passou p'ro lado de cá — disse o Lorigão de Chocalho, que preferia ser chamado Senhor dos Ossos devido à ruidosa armadura que usava. — ‘Tava com medo que eu roubasse os ossos dele como os do Meia-Mão. — Abanou o saco de troféus na direção dos outros selvagens.

— Ele matou Qhorin Meia-Mão — disse o Lança-Longa Ryk. — Ele e aquele seu lobo.

— E também deu cabo do Orell — disse o Lorigão de Chocalho.

— O moço é um *warg*, ou coisa cò valha — interveio Ragwyle, a grande esposa de lanças. — O lobo dele arrancou um bocado da perna do Meia-Mão.

Os olhos vermelhos e remelosos do Chorão deitaram outra olhadela a Jon.

— Ah sim? Bom, tem um certo ar de lobo, agora cò vejo de perto. Levai-o a Mance, pode ser que fique com ele. — Fez o cavalo dar meia volta e afastou-se a galope, com os companheiros logo atrás.

O vento soprava húmido e pesado quando atravessaram o vale do Guadeleite e avançaram em fila pelo acampamento. O Fantasma manteve-se perto de Jon, mas o seu cheiro seguia à frente do grupo como um arauto, e em breve havia cães dos selvagens a toda a volta, a rosnar

e a ladrar. Lenyl gritou-lhes que se calassem, mas não lhe prestaram atenção.

— Não gostam muito desse teu animal — disse o Lança-Longa Ryk a Jon.

— São cães e ele é um lobo — disse Jon. — Sabem que não pertencem à espécie deles. — *Tal como eu não pertença à tua.* Mas tinha de manter o seu dever em mente, a tarefa de que Qhorin Meia-Mão o encarregara enquanto partilhavam aquela última fogueira... desempenhar o papel de vira-casacas, e encontrar o que quer que fosse de que os selvagens tinham andado à procura na estéril desolação fria dos Colmilhos de Gelo. “*Algun poder*”, chamara-lhe Qhorin em conversa com o Velho Urso, mas morrera antes de saber que poder seria, ou se Mance Rayder o teria encontrado com as suas escavações.

Havia fogueiras para cozinhar ao longo de todo o rio, entre carros, carroças e trenós. Muitos dos selvagens tinham erguido tendas, com peles, de pele e de feltro. Outros abrigavam-se debaixo de rochedos em toldos improvisados, ou dormiam por baixo das suas carroças. Junto a uma fogueira, Jon viu um homem a endurecer as pontas de longas lanças de madeira e a atirá-las para uma pilha. Noutro ponto, dois jovens barbudos vestidos de couro fervido lutavam com varas, saltando um sobre o outro por cima das chamas, grunhindo de cada vez que um golpe acertava o alvo. Uma dúzia de mulheres estava sentada ali perto, preparando setas.

Setas para os meus irmãos, pensou Jon. Setas para o povo do meu pai, para o povo de Winterfell, Bosque Profundo e Última Lareira. Setas para o Norte.

Mas nem tudo o que via era guerreiro. Viu também mulheres a dançar, e ouviu um bebé a chorar, e um rapazinho passou a correr pela frente do seu garrano, todo enrolado em peles e sem fôlego, da brincadeira. Ovelhas e cabras vagueavam livremente, enquanto bois percorriam a margem do rio em busca de erva. O cheiro a carneiro assado pairava no ar, vindo de uma das fogueiras, e noutra viu um javali a rodar num espeto de madeira.

Num espaço aberto rodeado por grandes pinheiros marciais, o Lorigão de Chocalho desmontou.

— Acampamos aqui — disse a Lenyl, a Ragwyle e aos outros. — Dai de comer aos cavalos, depois aos cães, depois a vós. Ygritte, Lança-Longa, trazei o corvo para que Mance lhe possa dar a sua olhadela. Esventramo-lo depois.

Seguiram a pé o resto do caminho, passando por mais fogueiras e mais tendas, com o Fantasma a segui-los de perto. Jon nunca vira tantos selvagens. Perguntou a si próprio se alguém já teria visto. *O acampamento não tem fim, reflectiu, mas é mais uma centena de acampamentos do que um só, e cada um deles é mais vulnerável do que o anterior.* Espalhados ao longo de muitas léguas, os selvagens não tinham defesas de que valesse a pena

falar, nem fossos nem estacas aguçadas, só pequenos grupos de batedores a patrulhar os terrenos em redor. Cada grupo, clã ou aldeia simplesmente parara onde lhe apetecera, assim que vira os outros a parar ou encontrara um bom local. *O povo livre*. Se os seus irmãos os apanhassem em tal desordem, muitos pagariam tal liberdade com o sangue do seu corpo. Possuíam número, mas a Patrulha da Noite tinha disciplina, e em batalha, a disciplina vence o número nove vezes em dez, dissera-lhe o pai uma vez.

Não havia hipótese de dúvida quanto a qual das tendas pertencia ao rei. Era três vezes maior do que a segunda maior que vira, e ouvia-se música vinda lá de dentro. Tal como muitas das tendas menores, aquela era feita de peles cosidas ainda com pêlo, mas as de Mance Rayder eram as hirsutas peles brancas dos ursos das neves. Um enorme par de hastes de um dos alces gigantes que outrora vagueavam livremente pelos Sete Reinos, nos tempos dos Primeiros Homens, coroava a cobertura pontiaguda.

Pelo menos ali encontrou defensores; dois guardas junto à aba da tenda, apoiados em grandes lanças e com escudos redondos de couro atados aos braços. Quando viram o Fantasma, um deles baixou a lança e disse:

— Esse animal fica aqui.

— Fantasma, fica — ordenou Jon. O lobo gigante sentou-se.

— Lança-Longa, vigia o lobo. — O Lorigão de Chocalho puxou a aba da tenda e, com um gesto, ordenou a Jon e a Ygritte para entrarem.

A tenda estava quente e fumarenta. Nos quatro cantos havia cestos de turfa a arder, enchendo o ar com uma ténue luz avermelhada. Mais peles atapetavam o chão. Jon sentiu-se absolutamente só ali, em pé, vestido de negro, esperando a atenção do vira-casacas que chamava a si próprio Rei-para-lá-da-Muralha. Depois de os olhos se lhe ajustarem à luz vermelha e fumarenta, viu seis pessoas, nenhuma das quais lhe prestou qualquer atenção. Um jovem escuro e uma loura bonita partilhavam um corno de hidromel. Uma mulher grávida estava em pé junto a um braseiro, a cozinhar um par de galinhas, enquanto um homem grisalho com um esfarrapado manto preto e vermelho estava sentado numa almofada, de pernas cruzadas, a tocar um alaúde e a cantar:

*A mulher do dornês era bela como o Sol,
e seus beijos quentes como a Primavera.
Mas a espada do dornês era feita de aço negro,
e o seu beijo a dentada de uma fera.*

Jon conhecia a canção, embora fosse estranho ouvi-la ali, numa tenda de peles felpudas para lá da Muralha, a dez mil léguas das montanhas vermelhas e ventos quentes de Dorne.

O Lorigão de Chocalho tirou o seu elmo amarelecido enquanto esperava que a canção chegasse ao fim. Sob a sua armadura de osso e couro, era um homem pequeno, e a cara por baixo do crânio de gigante era simples, com um queixo nodoso, um bigode fino, e faces pálidas e chupadas. Os olhos eram pouco afastados, com uma sobrancelha que lhe cruzava toda a testa, e um cabelo escuro a rarear, recuando nas têmeoras.

*A mulher do dornês cantava no banho,
numa voz que era pêssego doce.
Mas a espada do dornês tinha a sua canção,
e mordida como se sanguessuga fosse.*

Ao lado do braseiro um homem baixo mas imensamente largo estava sentado num banco, a comer uma galinha directamente de um esteto. Gordura quente escorria-lhe pelo queixo e pela barba branca como a neve, mas ele sorria na mesma com um ar feliz. Três presilhas de ouro gravadas com runas cingiam-lhe os braços maciços, e usava um pesado lorigão de cota de malha negra que só podia ter vindo de um patrulheiro morto. Não muito longe dele, um homem mais alto e mais esguio, com uma camisa de couro com escamas de bronze, franzia o sobrolho sobre um mapa, com uma espada longa de duas mãos a tiracolo numa bainha de couro. Era recto como uma lança, todo ele longos músculos duros, escanhado, calvo, com um forte nariz direito e olhos cinzentos encovados. Podia ter sido bem-parecido se tivesse orelhas, mas perdera-as a ambas, Jon não sabia dizer se devido ao frio, se por causa da faca de algum inimigo. A falta delas fazia com que a cabeça do homem parecesse estreita e pontiaguda.

Quer o homem de barba branca, quer o calvo eram guerreiros, bastara a Jon um relance para que isso lhe fosse claro. *Estes dois são de longe mais perigosos do que o Lorigão de Chocalho.* Perguntou a si próprio qual dos dois seria Mance Rayder.

*Jazendo no chão, rodeado de escuridão,
o seu sangue ele saboreou,
Os irmãos ajoelharam e rezaram uma oração,
e ele sorriu e ele riu e cantou,
“Irmãos, oh irmãos, os meus dias estão no fim,
o dornês minha vida desfez,
Mas que importa, não há homem que não tenha de morrer,
e eu provei a mulher do dornês!”*

Enquanto as últimas notas de “A Mulher do Dornês” se desvaneciam, o homem calvo sem orelhas ergueu os olhos do mapa e fez uma carranca feroz para o Lorigão de Chocalho e Ygritte, com Jon entre eles.

— Que é isto? — disse ele. — Um corvo?

— O bastardo preto que esventrou Orell — disse o Lorigão de Chocalho — e também um maldito *warg*.

— Devias tê-los matado a todos.

— Este passou-se para o nosso lado — explicou Ygritte. — Matou Qhorin Meia-Mão com as suas próprias mãos.

— Este *rapaz*? — O homem sem orelhas irritou-se com a notícia. — O Meia-Mão devia ter sido meu. Tens um nome, corvo?

— Jon Snow, Vossa Graça. — Perguntou a si próprio se também esperavam que dobrasse o joelho.

— Vossa Graça? — O homem sem orelhas olhou para o grandalhão da barba branca. — Vês? Ele toma-me por um rei.

O barbudo riu-se com tanta força que espalhou bocados de galinha por toda a parte. Limpou a gordura da boca com as costas de uma mão enorme.

— Um rapaz cego, só pode ser. Quem já ouviu falar de um rei sem orelhas? Ora, a coroa caía-lhe até ao pescoço! Ha! — Dirigiu a Jon um sorriso, limpando os dedos nas bragas. — Fecha o bico, corvo. Dá meia volta e se calhar encontras quem vens procurar.

Jon virou-se.

O cantor pôs-se em pé.

— Sou Mance Rayder — disse ele, enquanto pousava o alaúde. — E tu és o bastardo de Ned Stark, o Snow de Winterfell.

Aturdido, Jon ficou sem fala por um momento, antes de recuperar o suficiente para dizer:

— Como... como poderíeis saber...

— Isso é uma história para mais tarde — disse Mance Rayder. — O que achaste da canção, moço?

— Gostei bastante. Já a tinha ouvido.

— *Mas que importa, não há homem que não tenha de morrer* — disse com ligeireza o Rei-para-lá-da-Muralha — *e eu provei a mulher do dornês*. Diz-me, o meu Senhor dos Ossos fala a verdade? Mataste o meu velho amigo, o Meia-Mão?

— Matei. — *Embora tenha sido mais obra dele do que minha*.

— A Torre Sombria nunca voltará a parecer tão temível — disse o rei com tristeza na voz. — Qhorin era meu inimigo. Mas também foi em tempos meu irmão. Por isso... devo agradecer-te por tê-lo matado, Jon Snow? Ou amaldiçoar-te? — Dirigiu a Jon um sorriso trocista.

O Rei-para-lá-da-Muralha não se parecia nada com um rei, e tampouco se parecia lá muito com um selvagem. Era de média altura, magro, com feições bem definidas, astutos olhos castanhos e um longo cabelo castanho que tinha na sua maior parte encanecido. Não havia coroa na sua cabeça, nem presilhas de ouro nos braços, nem jóias ao pescoço, nem mesmo uma cintilação de prata. Usava lã e couro, e o único traje digno de nota que trazia era o esfarrapado manto de lã negra, cujos longos rasgões estavam cosidos com seda vermelha desbotada.

— Devéis agradecer-me por matar o vosso inimigo — disse Jon por fim — e amaldiçoar-me por matar o vosso amigo.

— *Ha!* — trovejou o homem da barba branca. — Bem respondido!

— De acordo. — Mance Rayder fez um gesto para Jon se aproximar. — Se te queres juntar a nós, é melhor que nos conheças. O homem que confundiste comigo é Styr, Magnar de Thenn. *Magnar* significa “senhor” no Idioma Antigo. — O homem sem orelhas fitou friamente Jon enquanto Mance se virava para o da barba branca. — Aqui o nosso feroz papa-galinhas é o meu leal Tormund. A mulher...

Tormund pôs-se em pé.

— Espera. Trataste Styr pelo seu título, trata-me também pelo meu.

Mance Rayder soltou uma gargalhada.

— Como queiras. Jon Snow, perante vós encontra-se Tormund Terror dos Gigantes, Alto-falante, Soprador de Chifres e Quebrador de Gelo. Eis também Tormund Punho de Trovão, Esposo de Ursas, Rei-Hidromel de Solar Ruivo, Falador com os Deuses e Pai de Hostes.

— Isso já se parece mais comigo — disse Tormund. — Prazer em conhecer-te, Jon Snow. Acontece que gosto de *wargs*, apesar de não gostar nada dos Stark.

— A boa mulher junto ao braseiro — prosseguiu Mance Rayder — é Dalla. — A grávida fez um sorriso tímido. — Trata-a como tratarias qualquer rainha, porque espera um filho meu. — Virou-se para os últimos dois. — Esta beldade é a irmã de Dalla, Val. O jovem Jarl, a seu lado, é o seu último animalzinho de estimação.

— Não sou animal de estimação de homem nenhum — disse Jarl, sombrio e feroz.

— E Val não é homem nenhum — resfolegou o da barba branca, Tormund. — Por esta altura já devias ter reparado, moço.

— Então aqui nos tens, Jon Snow — disse Mance Rayder. — O Rei-para-lá-da-Muralha e a sua corte, tal como é. E agora algumas palavras vindas de ti, julgo eu. De onde vens?

— De Winterfell — disse Jon — via Castelo Negro.

— E o que te traz ao vale do Guadeleite, tão longe dos fogos da tua

casa? — Não esperou pela resposta de Jon, olhando de imediato para o Lorigão de Chocalho. — Quantos eram?

— Cinco. Três ‘tão mortos e o rapaz ‘tá aqui. O outro subiu uma encosta onde nenhum cavalo podia segui-lo.

Os olhos de Rayder voltaram a encontrar-se com os de Jon.

— Éreis só os cinco? Ou há mais dos teus irmãos escondidos por aí?

— Éramos quatro e o Meia-Mão. Qhorin valia por vinte homens comuns.

O Rei-para-lá-da-Muralha sorriu ao ouvir aquilo.

— Havia quem pensasse assim. Seja como for... um rapaz de Castelo Negro com patrulheiros da Torre Sombria? Como foi que isso aconteceu?

Jon tinha a mentira pronta.

— O Senhor Comandante mandou-me ter com o Meia-Mão para ganhar experiência, e por isso ele levou-me em patrulha.

Styr, o Magnar, carregou o cenho ao ouvir aquilo.

— Chamas a isso patrulha... porque haveriam corvos de vir patricular pelo Passo dos Guinchos acima?

— As aldeias estavam desertas — disse Jon, honestamente. — Era como se todo o povo livre tivesse desaparecido.

— Desaparecido, pois — disse Mance Rayder. — E não só o povo livre. Quem vos disse onde estávamos, Jon Snow?

Tormund resfolegou.

— Se não foi o Craster, eu sou uma donzela corada. Eu disse-te, Mance, aquela criatura precisa de ficar uma cabeça mais curta.

O rei deitou ao homem mais velho um olhar irritado.

— Tormund, um destes dias experimenta pensar antes de falares. Eu sei que foi o Craster. Perguntei a Jon para ver se ele nos diria a verdade.

— Ha. — Tormund escarrou. — Bem, meti a pata na poça! — Dirigiu um sorriso a Jon. — ‘Tás a ver, moço, é por isto que ele é rei e eu não sou. Bebo melhor, luto melhor e canto melhor do que ele, e o meu membro é três vezes maior do que o dele, mas o Mance tem astúcia. Foi educado como corvo, sabes, e o corvo é um pássaro cheio de truques.

— Gostaria de falar com o rapaz a sós, meu Senhor dos Ossos — disse Mance Rayder ao Lorigão de Chocalho. — Deixai-nos, todos vós.

— O quê, eu também? — disse Tormund.

— Não, especialmente tu — disse Mance.

— Não como num salão onde não sou bem-vindo. — Tormund pôs-se em pé. — Eu e as galinhas vamos embora. — Apanhou outra galinha do braseiro, enfiou-a num bolso cosido ao forro do seu manto, disse “Ha”, e saiu a lamber os dedos. Os outros seguiram-no, todos menos a mulher chamada Dalla.

— Senta-te, se quiseres — disse Rayder depois de eles partirem. — Tens fome? Tormund deixou-nos pelo menos duas aves.

— Agradar-me-ia comer, Vossa Graça. E obrigado.

— Vossa Graça? — O rei sorriu. — Isso não é tratamento que se ouça com frequência vindo dos lábios do povo livre. Para a maioria sou Mance. O Mance para alguns. Bebes um corno de hidromel?

— De bom grado — disse Jon.

Foi o próprio rei a servir enquanto Dalla cortava as galinhas estaladiças e as trazia, ambas abertas ao meio. Jon descalçou as luvas e comeu com os dedos, arrancando ao osso todos os bocadinhos de carne.

— Tormund falou a verdade — disse Mance Rayder enquanto abria um pão. — O corvo preto é um pássaro cheio de truques, é assim mesmo... mas eu já era um corvo ainda tu não eras maior do que o bebé na barriga de Dalla, Jon Snow. Portanto tem cuidado para não tentares truques comigo.

— Às vossas ordens, Vossa... Mance.

O rei soltou uma gargalhada.

— Vossa Mance! E porque não? Há pouco prometi-te uma história, sobre o modo como te conheci. Já descobriste?

Jon abanou a cabeça.

— O Lorigão de Chocalho enviou a notícia à nossa frente?

— Voando? Não temos corvos treinados. Não, reconheci a tua cara. Já te tinha visto antes. Duas vezes.

A princípio não fazia sentido, mas quando Jon revirou a informação na sua mente, a aurora rebentou.

— Quando éreis um irmão da Patrulha...

— Muito bem! Sim, essa foi a primeira vez. Eras só um rapaz e eu estava todo de preto, fazia parte de uma dúzia que escoltou o velho Senhor Comandante Qorgyle quando ele desceu até Winterfell para um encontro com o teu pai. Percorria a muralha em volta do pátio quando deparei contigo e com o teu irmão Robb. Tinha nevado na noite anterior, e vós tínheis feito uma grande montanha por cima do portão e estáveis à espera que alguém prometedor passasse por baixo.

— Eu lembro-me — disse Jon com uma gargalhada surpreendida. Um jovem irmão negro no adarve, sim. — Jurastes não contar.

— E mantive o meu voto. Pelo menos esse.

— Despejámos a neve em cima do Gordo Tom. Ele era o guarda mais lento do pai. — Tom perseguira-os depois em volta do pátio, até ficarem os três vermelhos como maçãs de Outono. — Mas dissestes que me vistes duas vezes. Quando foi a segunda?

— Quando o Rei Robert veio a Winterfell para fazer do teu pai Mão — disse com ligeireza o Rei-para-lá-da-Muralha.

Os olhos de Jon esbugalharam-se de descrença.

— Não pode ser verdade.

— Mas foi. Quando o teu pai soube que o rei vinha, mandou a notícia ao irmão Benjen, na Muralha, para que ele pudesse descer para o banquete. Há mais trocas entre os irmãos negros e o povo livre do que tu julgas, e não demorou muito tempo que a notícia chegasse também aos meus ouvidos. Era uma oportunidade boa de mais para resistir. O teu tio não me conhecia de vista, portanto nada tinha a temer vindo daí, e não me parecia que o teu pai fosse capaz de se lembrar de um jovem corvo que conhecera brevemente anos antes. Queria ver este Robert com os meus próprios olhos, de rei para rei, e também avaliar o teu tio Benjen. Ele nessa altura era Primeiro Patrulheiro, e o terror de todo o meu povo. Portanto selei o meu cavalo mais veloz e pus-me a caminho.

— Mas — objectou Jon — a Muralha...

— A Muralha pode parar um exército, mas não um homem sozinho. Peguei num alaúde e numa bolsa de prata, escalei o gelo perto do Monte Longo, caminhei algumas léguas para sul da Nova Dádiva, e comprei um cavalo. Apesar de tudo, fiz muito melhor tempo do que Robert, que viajava com uma imponente e enorme casa rolante para manter a sua rainha confortável. A um dia de Winterfell, para sul, encontrei-o e juntei-me à sua comitiva. Cavaleiros livres e pequenos cavaleiros passam a vida a ligar-se a cortejos reais, na esperança de entrar ao serviço do rei, e o meu alaúde conquistou-me uma aceitação fácil. — Mance soltou uma gargalhada. — Conheço todas as canções obscenas que já foram feitas, a norte ou a sul da Muralha. E aqui tens. Na noite em que o teu pai banqueteu Robert, eu estava sentado num banco ao fundo do seu salão, com os outros cavaleiros livres, a ouvir o Orland de Vilavelha a tocar a sua harpa e a cantar cantigas sobre reis mortos sob o mar. Entreguei-me à comida e bebida do senhor teu pai, passei os olhos pelo Regicida e pelo Duende... e tomei nota, de passagem, dos filhos de Lorde Eddard e dos lobitos que corriam com eles.

— Bael, o Bardo — disse Jon, lembrando-se da história que Ygritte lhe contara nos Colmilhos de Gelo, na noite em que quase a matara.

— Seria bom se fosse. Não negarei que a façanha de Bael inspirou a minha... mas que me lembre, não raptei nenhuma das tuas irmãs. Bael escrevia as suas próprias canções, e viveu-as. Eu só canto as canções que homens melhores fizeram. Mais hidromel?

— Não — disse Jon. — Se tivésseis sido descoberto... capturado...

— O teu pai ter-me-ia cortado a cabeça. — O rei encolheu os ombros. — Se bem que depois de ter comido à sua mesa estivesse protegido pelo direito de hóspede. As leis da hospitalidade são velhas como os Primeiros Homens, e sagradas como uma árvore-coração. — Fez um gesto para a mesa

entre eles, para o pão partido e ossos de galinha. — Aqui és tu o hóspede, e estás a salvo de seres magoado pelas minhas mãos... esta noite, pelo menos. Portanto diz-me a verdade, Jon Snow. És um covarde que virou a casaca por medo, ou há alguma outra razão que te traga à minha tenda?

Direito de hóspede ou não, Jon Snow sabia que caminhava ali em gelo quebradiço. Um passo em falso e podia mergulhar através dele, para dentro de água suficientemente fria para lhe parar o coração. *Pesa todas as palavras antes de as proferires*, disse a si próprio. Tomou um longo trago de hidromel para ganhar tempo para a resposta. Quando pousou o corno, disse:

— Dizei-me porque virastes a vossa casaca, e eu dir-vos-ei porque virei a minha.

Mance Rayder sorriu, como Jon esperara que fizesse. O rei era claramente um homem que gostava do som da sua voz.

— Já terás certamente ouvido contar histórias sobre a minha deserção.

— Alguns dizem que foi por uma coroa. Alguns dizem que foi por uma mulher. Outros que tendes sangue de selvagem.

— O sangue de selvagem é o sangue dos Primeiros Homens, o mesmo sangue que corre nas veias dos Stark. Quanto a coroa, vês alguma?

— Vejo uma mulher. — Olhou de relance para Dalla.

Mance pegou-lhe na mão e puxou-a para junto dele.

— A minha senhora não tem culpa. Conheci-a no regresso do castelo do teu pai. O Meia-Mão era esculpido de um velho carvalho, mas eu sou feito de carne, e tenho um grande gosto pelos encantos das mulheres... o que faz com que não seja em nada diferente de três quartos da Patrulha. Há homens ainda de negro que tiveram dez vezes mais mulheres do que este pobre rei. Tens de tentar de novo, Jon Snow.

Jon reflectiu por um momento.

— O Meia-Mão disse que tínheis uma paixão pela música dos selvagens.

— Tinha. E tenho. Isso está mais perto do alvo, sim. Mas ainda não acertou. — Mance Rayder ergueu-se, desprende o pregador que lhe segurava o manto, e atirou-o para cima do banco. — Foi por isto.

— Um manto?

— O manto de lã negra de um Irmão Ajuramentado da Patrulha da Noite — disse o Rei-para-lá-da Muralha. — Um dia, numa patrulha, abate-mos um grande e belo alce. Estávamos a esfolá-lo quando o cheiro do sangue fez sair um gato-das-sombras do seu covil. Eu afastei-o, mas não antes de ele me ter rasgado o manto às tiras. Vês? Aqui, aqui e aqui? — Solto um risinho. — Também me rasgou o braço e as costas, e sangrei mais do que o alce. Os meus irmãos temeram que pudesse morrer antes de me consegui-

rem levar ao Mestre Mullin na Torre Sombria, e levaram-me até uma aldeia selvagem onde sabíamos que uma velha feiticeira fazia algumas curas. Aconteceu que ela estava morta, mas a filha tratou de mim. Limpou-me os ferimentos, coseu-me e alimentou-me de papas de aveia e poções até eu ficar suficientemente forte para voltar a subir para um cavalo. E também coseu os rasgões no meu manto, com um pouco de seda escarlate de Ashai que a avó tirara dos restos de uma coca afundada que tinham dado à Costa Gelada. Era o maior tesouro que ela possuía, e foi um presente para mim. — Voltou a pôr o manto aos ombros. — Mas na Torre Sombria foi-me dado um manto novo de lã, tirado dos armazéns, preto e preto, e forrado de preto, para combinar com as minhas bragas pretas e botas pretas, o meu gibão preto e a cota de malha preta. O manto novo não tinha zonas puídas, rasgões ou golpes... e acima de tudo não tinha vermelho. Os homens da Patrulha da Noite vestiam-se de negro, lembrou-me severamente Sor Denys Mallister, como se eu me tivesse esquecido. Agora, o meu velho manto só estava bom para queimar, disse ele.

» Parti na manhã seguinte... para um lugar onde um beijo não era crime e um homem podia usar qualquer manto que quisesse. — Fechou o pregador e voltou a sentar-se. — É tu, Jon Snow?

Jon bebeu outro trago de hidromel. *Só há uma história em que ele pode acreditar.*

— Dissestes que estáveis em Winterfell na noite em que o meu pai banqueteceu o Rei Robert.

— Disse, porque estava.

— Então vistes-nos a todos. Ao Príncipe Joffrey e ao Príncipe Tommen, à Princesa Myrcella, aos meus irmãos Robb, Bran e Rickon, às minhas irmãs Arya e Sansa. Viste-los caminhar pelo corredor central com todos os olhos postos neles e ocupar os seus lugares na mesa mesmo por baixo do estrado onde o rei e a rainha se sentavam.

— Lembro-me.

— E vistes onde eu estava sentado, Mance? — Inclinou-se para a frente. — Vistes onde eles puseram o bastardo?

Mance Rayder olhou para a cara de Jon durante um longo momento.

— Acho que é melhor arranjarmos-te um novo manto — disse o rei, estendendo a mão.

O lento e constante bater de tambores e o suave sibilar dos remos das galés pairavam sobre a imóvel água azul. A grande coca gemia atrás delas, com as pesadas cordas bem retesadas entre os navios. As velas da *Balerion* pendiam, flácidas, caindo desamparadas dos mastros. Mas mesmo assim, em pé, no castelo de proa, a observar os seus dragões que se perseguiam por um céu azul sem nuvens, Daenerys Targaryen estava tão feliz como alguma vez se lembrava de estar.

Os seus dothraki chamavam ao mar a *água venenosa*, desconfiando de qualquer líquido que os seus cavalos não pudessem beber. No dia em que os três navios tinham levantado âncora em Qarth, poder-se-ia ter pensado que estavam a zarpar para o Inferno e não para Pentos. Os seus bravos e jovens companheiros de sangue tinham ficado a fitar com enormes olhos brancos a linha de costa que minguava, todos os três determinados a não mostrar medo perante os outros dois, enquanto as aias Irri e Jhiqui se agarravam desesperadamente à amurada e vomitavam borda fora a cada pequeno balanço. O resto do minúsculo *khalasar* de Dany permanecia sob a cobertura, preferindo a companhia dos seus nervosos cavalos ao aterrorizador mundo sem terra que rodeava os navios. Quando uma súbita borrasca os engolira aos seis dias de viagem, ouvira-os através das escotilhas; os cavalos a relinchar e aos coices, os cavaleiros a rezar em finas vozes trémulas de cada vez que a *Balerion* se elevava ou adernava.

Mas nenhum balanço era capaz de assustar Dany. Era chamada Daenerys, Nascida na Tormenta, pois chegara ao mundo, aos gritos, na distante Pedra do Dragão enquanto a maior tempestade de que havia memória em Westeros gritava lá fora, uma tempestade tão violenta que arrancara gárgulas das muralhas do castelo e fizera a frota do pai em lascas.

O Mar Estreito era frequentemente tempestuoso, e Dany atravessara-o meia centena de vezes em rapariga, correndo de uma Cidade Livre para a seguinte, meio passo à frente dos assassinos contratados pelo Usurpador. Adorava o mar. Gostava do intenso cheiro salgado do ar e da vastidão dos horizontes, limitados apenas por uma abóbada de céu azul-celeste. Fazia-a sentir-se pequena, mas também livre. Gostava dos golfinhos que por vezes nadavam ao lado da *Balerion*, cortando as ondas como lanças prateadas, e dos peixes-voadores que se vislumbravam de vez em quando. Até gostava dos marinheiros, com todas as suas canções e histórias. Uma vez, numa

viagem para Bravos, enquanto observava a tripulação que lutava para arriar uma grande vela verde no meio de uma crescente ventania, até pensara em como seria bom ser um marinheiro. Mas quando o dissera ao irmão, Viserys torcera-lhe o cabelo até a fazer gritar.

— Tu és do sangue do dragão — berrara-lhe. — Um *dragão*, não um peixe fedorento qualquer.

Foi um tolo com isso, como com tantas outras coisas, pensou Dany. Se tivesse sido mais sensato e mais paciente, seria ele quem viajaria para oeste para tomar o trono que era seu por direito. Chegara à conclusão de que Viserys fora estúpido e mau, mas mesmo assim por vezes sentia-lhe a falta. Não do homem fraco e cruel em que se transformara por fim, mas do irmão que por vezes a deixava deitar-se na sua cama, do rapaz que lhe contava histórias sobre os Sete Reinos, e falava de como as vidas de ambos seriam melhores depois de reclamar a sua coroa.

O capitão surgiu junto a ela.

— Seria bom que esta *Balerion* pudesse voar como o seu homónimo, Vossa Graça — disse num valiriano abastardado, fortemente temperado pelo sotaque de Pentos. — Então não precisaríamos de remar, nem de reboçar, nem de rezar por vento.

— É verdade, capitão — respondeu ela com um sorriso, satisfeita por ter conquistado o homem. O capitão Groleo era um velho pentoshi como o seu patrão, Illyrio Mopatis, e mostrara-se nervoso como uma donzela com a ideia de transportar três dragões no seu navio. Meia centena de baldes de água do mar ainda pendiam dos tabalardões, para o caso de incêndio. A princípio, Groleo quisera os dragões engaiolados e Dany consentira para o sossegar, mas a infelicidade dos animais era tão palpável que rapidamente mudara de ideias e insistira para que fossem libertados.

Agora até o capitão Groleo estava contente com isso. Houvera um pequeno incêndio, extinto com facilidade; no outro prato da balança, a *Balerion* parecia agora ter menos ratazanas do que antes, quando velejara com o nome de *Saduleon*. E a tripulação, antes tão temerosa como curiosa, começara a ganhar um estranho orgulho feroz nos “seus” dragões. Todos os homens do navio, do capitão ao ajudante de cozinha, gostavam de ver os três a voar... embora nenhum gostasse tanto como Dany.

São os meus filhos, disse a si própria, e se a maegi disse a verdade, são os únicos filhos que alguma vez terei.

As escamas de Viserion eram da cor de natas frescas, os seus chifres, ossos das asas e crista dorsal de um dourado-escuro que relampejava ao sol, brilhante como metal. Rhaegal era feito do verde do Verão e do bronze da Primavera. Voavam por cima dos navios em largos círculos, cada vez mais alto, ambos tentando subir acima do outro.

Dany aprendera que os dragões preferiam sempre atacar de cima. Se algum se conseguisse colocar entre o outro e o Sol, dobrava as asas e mergulhava, a gritar, e caíam ambos do céu, presos numa emaranhada bola escamosa, com as mandíbulas a morder e as caudas a chicotear. Da primeira vez que o tinham feito, Dany temera que quisessem matar-se um ao outro, mas era só brincadeira. Assim que caíam ao mar com um chapão, largavam-se e voltavam a levantar voo, guinchando e silvando, com a água salgada a evaporar-se da sua pele, em nuvens de vapor, enquanto as asas rasgavam o ar. Drogon também andava pelas alturas, mas não se encontrava à vista; devia estar milhas à frente ou atrás, a caçar.

O seu Drogon andava sempre com fome. *Com fome e a crescer depressa. Mais um ano, ou talvez dois, e estará suficientemente grande para montar. Então não terei necessidade de navios para atravessar o grande mar salgado.*

Mas esse tempo ainda não chegara. Rhaegal e Viserion eram do tamanho de cães pequenos, Drogon só um pouco maior, e qualquer cão seria mais pesado do que eles; os dragões eram todos asas, pescoço e cauda, mais leves do que pareciam. E assim, Daenerys Targaryen tinha de depender de madeira, vento e tela para a levar para casa.

A madeira e a tela tinham-na servido bastante bem até agora, mas o inconstante vento tornara-se traidor. Havia seis dias e seis noites que estavam presos numa calmaria, e agora chegara um sexto dia, e ainda não havia um sopro de ar que lhes enchesse as velas. Felizmente, dois dos navios que o Magíster Illyrio mandara à sua procura eram galés mercantes, com duzentos remos cada uma e tripulações de remadores de braços fortes para os manusear. Mas a grande coca *Balerion* era uma canção com outro tom; um navio imponentemente largo que mais parecia uma imensa porca com uns porões gigantescos e enormes velas, mas que era impotente numa calmaria. A *Vhagar* e a *Meraxes* tinham-lhe atirado cabos para a rebocar, mas o avanço era dolorosamente lento. Os três navios estavam repletos de gente e iam muito carregados.

— Não vejo o Drogon — disse Sor Jorah Mormont quando se lhe juntou no castelo de proa. — Perdeu-se outra vez?

— Somos nós que estamos perdidos, sor. Drogon não gosta mais do que eu deste rastejar molhado. — Mais ousado do que os outros dois, o seu dragão negro fora o primeiro a experimentar as asas por cima de água, o primeiro a pairar de navio em navio, o primeiro a perder-se numa nuvem de passagem... e o primeiro a matar. Assim que os peixes-voadores rompiam a superfície da água, eram envolvidos numa lança de chamas, apanhados e engolidos. — Ele crescerá até que tamanho? — perguntou Dany com curiosidade. — Sabeis?

— Nos Sete Reinos contam-se histórias de dragões que cresceram tanto que conseguiam arrancar gigantescas lulas gigantes do mar.

Dany soltou uma gargalhada.

— Isso seria uma visão maravilhosa.

— É só uma história, *Khaleesi* — disse o seu cavaleiro exilado. — Também falam de velhos dragões sábios a viver mil anos.

— Bom, e quanto tempo vive *mesmo* um dragão? — Olhou para cima quando Viserion passou em voo rasante por cima do navio, com as asas a bater lentamente e a agitar as velas pendentes.

Sor Jorah encolheu os ombros.

— A vida natural de um dragão é muito maior do que a de um homem, ou pelo menos é isso que as canções nos querem levar a crer... mas os dragões que os Sete Reinos conheceram melhor foram aqueles da Casa Targaryen. Eram criados para a guerra, e na guerra morriam. Matar um dragão não é coisa fácil, mas é possível.

O escudeiro Barba-Branca, em pé junto da figura de proa com uma mão esguia enrolada em volta do seu rijo bastão de madeira, virou-se para eles e disse:

— Balerion, o Terror Negro, tinha duzentos anos de idade quando morreu durante o reinado de Jaehaerys, o Conciliador. Era tão grande que podia engolir um auroque inteiro. Um dragão nunca pára de crescer, Vossa Graça, desde que tenha comida e liberdade. — O nome do homem era Arstan, mas Belwas, o Forte, apelidara-o de Barba-Branca devido à cor dos seus pêlos faciais, e agora quase todos lhe chamavam assim. Era mais alto do que Sor Jorah, embora não fosse tão musculoso; os seus olhos eram azuis-claros, e a sua longa barba era branca como neve e fina como seda.

— Liberdade? — perguntou Dany, curiosa. — Que quereis dizer?

— Em Porto Real, os vossos ancestrais construíram para os seus dragões um imenso castelo coberto por uma cúpula. Chama-se Fosso dos Dragões. Ainda se ergue no topo da Colina de Rhaenys, embora esteja agora em ruínas. Era aí que habitavam os dragões reais nos dias de outrora, e era uma habitação espaçosa, com portas de ferro tão largas que trinta cavaleiros podiam atravessá-las lado a lado. Mas, mesmo assim, notou-se que nunca nenhum dos dragões do Fosso atingiu o tamanho dos seus ancestrais. Os mestres dizem que isso se deveu às paredes que os rodeavam, e ao grande domo sobre as suas cabeças.

— Se as paredes nos pudessem manter pequenos, os camponeses seriam todos minúsculos e os reis grandes como gigantes — disse Sor Jorah. — Eu vi homens enormes nascidos em casebres e anões que viviam em castelos.

— Os homens são homens — respondeu o Barba-Branca. — Os dragões são dragões.

Sor Jorah fungou de desdém.

— Que profundo. — O cavaleiro exilado não simpatizava com o velho, deixando-o claro desde o início. — De resto, que sabeis vós de dragões?

— Bastante pouco, é verdade. Mas servi durante algum tempo em Porto Real, nos dias em que o Rei Aerys ocupava o Trono de Ferro, e caminhei sob os crânios de dragão que olhavam para baixo, das paredes da sua sala de trono.

— Viserys falava desses crânios — disse Dany. — O Usurpador tirou-os das paredes e escondeu-os. Não suportava vê-los a olhá-lo no trono que roubara. — Fez um gesto para que o Barba-Branca se aproximasse. — Chegastes a conhecer o meu real pai? — O Rei Aerys II morrera antes de a filha nascer.

— Tive essa grande honra, Vossa Graça.

— Achaste-lo bom e gentil?

O Barba-Branca fez o seu melhor para esconder os sentimentos, mas eles estavam ali, claros na sua cara.

— Sua Graça era... frequentemente agradável.

— Frequentemente? — Dany sorriu. — Mas nem sempre?

— Podia ser muito severo para com aqueles que julgava serem seus inimigos.

— Um homem sensato nunca faz dum rei um inimigo — disse Dany. — Também conhecestes o meu irmão Rhaegar?

— Dizia-se que homem algum chegou a conhecer realmente o Príncipe Rhaegar. Mas tive o privilégio de o ver em torneios, e ouvi-o frequentemente tocar a sua harpa de cordas de prata.

Sor Jorah fungou.

— Junto com outros mil nalguma festa das colheitas. A seguir ireis dizer que fostes seu escudeiro.

— Não direi tal coisa, sor. O escudeiro do Príncipe Rhaegar foi Myles Mooton, e depois deste, Richard Lonmouth. Quando ganharam as suas esporas, foi ele próprio a armá-los cavaleiros, e permaneceram companheiros próximos. O jovem Lorde Connington era também caro ao príncipe, mas o seu amigo mais antigo era Arthur Dayne.

— A Espada da Manhã! — disse Dany, deliciada. — Viserys costumava falar da sua maravilhosa lâmina branca. Dizia que Sor Arthur era o único cavaleiro no reino capaz de igualar o nosso irmão.

O Barba-Branca inclinou a cabeça.

— Não me cabe questionar as palavras do Príncipe Viserys.

— Rei — corrigiu Dany. — Ele foi um rei, embora nunca tivesse rei-

nado. Viserys, o Terceiro de Seu Nome. Mas que quereis dizer? — A resposta dele não fora a que esperara. — Sor Jorah chamou uma vez a Rhaegar o último dragão. Ele tinha de ter sido um guerreiro ímpar para ser assim chamado, certamente.

— Vossa Graça — disse o Barba-Branca —, o Príncipe de Pedra do Dragão foi um guerreiro mui poderoso, mas...

— Prossegui — pediu ela. — Podeis falar-me livremente.

— Às vossas ordens. — O velho apoiou-se no seu bastão, abrindo sulcos na testa. — Um guerreiro sem par... essas são belas palavras, Vossa Graça, mas as palavras não vencem batalhas.

— As espadas vencem batalhas — disse Sor Jorah sem rodeios. — E o Príncipe Rhaegar sabia usar uma.

— Sabia, sor, mas... vi uma centena de torneios e mais guerras do que desejaria, e por mais forte, rápido ou proficiente que um cavaleiro seja, há outros que podem dar-lhe luta. Um homem pode ganhar um torneio e cair rapidamente no seguinte. Um ponto escorregadio na relva, ou aquilo que se comeu na noite anterior, pode significar a derrota. Uma mudança no vento pode trazer o presente da vitória. — Olhou de relance Sor Jorah. — Ou o favor de uma senhora atado em volta de um braço.

O rosto de Mormont escureceu.

— Tende cuidado com o que dizeis, velho.

Dany sabia que Arstan vira Sor Jorah lutar em Lannisporto, no torneio que Mormont ganhara com o favor de uma senhora atado ao braço. Conquistara também a senhora; Lynesse, da Casa Hightower, a sua segunda esposa, bem-nascida e bela... mas ela arruinara-o, e abandonara-o, e a recordação da mulher era-lhe agora amarga.

— Sede gentil, meu cavaleiro. — Dany pousou uma mão no braço de Jorah. — Estou certa de que Arstan não teve nenhuma intenção de vos ofender.

— Às vossas ordens, *Khaleesi*. — A voz de Sor Jorah mostrava ressentimento.

Dany voltou-se para o escudeiro.

— Sei pouco de Rhaegar. Só as histórias que Viserys contava, e ele era um rapazinho quando o nosso irmão morreu. Como era ele realmente?

O velho reflectiu por um momento.

— Capaz. Isso acima de tudo. Determinado, circunspecto, cumpridor, obstinado. Conta-se uma história sobre ele... mas sem dúvida que Sor Jorah também a conhece.

— Gostaria de a ouvir de vós.

— Às vossas ordens — disse o Barba-Branca. — Em rapaz, o Príncipe de Pedra do Dragão era extraordinariamente dado à leitura. Começou a ler

tão cedo que os homens diziam que a Rainha Rhaella devia ter engolido alguns livros e uma vela enquanto ele estava no seu ventre. Rhaegar não nutria qualquer interesse pelas brincadeiras das outras crianças. Os mestres ficavam assombrados pela sua inteligência, mas os cavaleiros do pai trocavam gracejos amargos sobre Baelor, o Abençoado, ter renascido. Até que um dia o Príncipe Rhaegar encontrou algo nos seus pergaminhos que o mudou. Ninguém sabe o que pode ter sido, só se sabe que o rapaz apareceu uma manhã no pátio no momento em que os cavaleiros vestiam as armaduras. Foi direito a Sor Willem Darry, o mestre-de-armas, e disse: “Vou necessitar de espada e armadura. Parece que tenho de ser um guerreiro.”

— E foi! — disse Dany, deliciada.

— Foi, realmente. — O Barba-Branca fez uma vénia. — Os meus perdões, Vossa Graça. Falamos de guerreiros e eu vejo que Belwas, o Forte, se levantou. Tenho de ir servi-lo.

Dany lançou um relance para a popa. O eunuco vinha a sair do porão a meio do navio, ágil, apesar de todo o seu tamanho. Belwas era atarracado mas largo, uns bons noventa e cinco quilos de gordura e músculo, com a sua grande barriga castanha cruzada por cicatrizes brancas desvanecidas. Usava calças largas, uma faixa de seda amarela à cintura, e um colete de couro absurdamente minúsculo, decorado com tachões de ferro.

— Belwas, o Forte, tem fome! — rugiu para todos e para ninguém em especial. — Belwas, o Forte, quer comer, já! — Virando-se, viu Arstan no castelo de proa. — Barba-Branca! Vais buscar comida para Belwas, o Forte!

— Podeis ir — disse Dany ao escudeiro. Ele fez outra vénia e afastou-se para satisfazer as necessidades do homem que servia.

Sor Jorah ficou a observá-lo com uma carranca na sua cara franca e honesta. Mormont era grande e corpulento, com maxilas fortes e ombros largos. Não era, de todo, um homem bem-parecido, mas era o amigo mais leal que Dany alguma vez tivera.

— Seríeis sensata se désseis um bom desconto às palavras daquele velho — disse-lhes quando o Barba-Branca se afastou o suficiente para não os ouvir.

— Uma rainha deve escutar todos — lembrou-lhe ela. — Os de nascimento alto e baixo, os fortes e os fracos, os nobres e os venais. Uma voz pode proferir falsidades, mas em muitas pode sempre encontrar-se verdade. — Lera aquilo num livro.

— Escutai então a minha voz, Vossa Graça — disse o exilado. — Este Arstan Barba-Branca está a levar-vos ao engano. É velho de mais para ser escudeiro, e demasiado bem-falante para servir aquele eunuco idiota.

Isso realmente parece estranho, teve Dany de admitir. Belwas, o Forte, era um ex-escravo, criado e treinado nas arenas de luta de Meereen.

O Magíster Illyrio enviara-o para a proteger, ou pelo menos era isso que Belwas dizia, e era verdade que ela precisava de protecção. O Usurpador, no seu Trono de Ferro, oferecera terras e uma senhoria a qualquer homem que a matasse. Uma tentativa já tinha acontecido, com uma taça de vinho envenenado. Quanto mais perto chegasse de Westeros, mais provável se tornava outro ataque. Em Qarth, o mago Pyat Pree enviara um Homem Pesaroso no seu encalço para vingar os Imorredouros que ela queimara na sua Casa de Poeira. Os magos nunca esqueciam uma desfeita, dizia-se, e os Homens Pesarosos nunca falhavam uma morte. A maior parte dos dothraki também estariam contra ela. Os *kos* de Khal Drogo lideravam agora *khalasares* seus, e nenhum hesitaria em atacar o pequeno bando de Dany assim que o visse, para matar e escravizar o seu povo e arrastar a própria Dany para Vaes Dothrak, a fim de tomar o lugar que lhe era próprio entre as velhas mirradas do *dosh khaleen*. Ela *esperava* que Xaro Xhoan Daxos não fosse um inimigo, mas o mercador qarteno cobiçara os seus dragões. E havia ainda Quaithe da Sombra, essa mulher estranha com a máscara de laque vermelho e todos os seus misteriosos conselhos. Seria também uma inimiga, ou apenas uma amiga perigosa? Dany não sabia dizer.

Sor Jorah salvou-me do envenenador, e Arstan Barba-Branca da mantícora. Talvez Belwas, o Forte, me salve do próximo. Ele era suficientemente enorme, com braços semelhantes a pequenas árvores e um grande *arakh* curvo tão afiado que se poderia ter barbeado com ele, no improvável caso de lhe nascerem pêlos naquelas bochechas lisas e castanhas. Mas também era infantil. *Como protector, deixa muito a desejar. Felizmente, tenho Sor Jorah e os meus companheiros de sangue. E os meus dragões, há que não esquecer.* A seu tempo, os dragões seriam os seus guardiães mais poderosos, tal como tinham sido para Aegon, o Conquistador e as suas irmãs trezentos anos antes. Mas por enquanto traziam-lhe mais perigo do que protecção. No mundo inteiro não havia mais de três dragões vivos, e eram seus; eram uma maravilha e um terror, e não tinham preço.

Reflectia nas palavras que diria em seguida quando sentiu um sopro frio na nuca, e uma madeixa solta do seu cabelo louro-prateado se agitou contra a sua testa. Por cima, a tela rangeu e moveu-se, e de súbito nasceu um grande grito em toda a *Balerion*.

— Vento! — gritavam os marinheiros. — O vento regressa, o *vento!*

Dany olhou para cima, para onde as velas da grande coca ondulavam e se enfunavam enquanto as cordas vibravam, se retesavam e cantavam a doce canção de que tinham sentido tanta falta durante seis longos dias. O capitão Groleo correu para a ré, gritando ordens. Os pentoshi, aqueles que não estavam a soltar vivas, escalavam os mastros. Até

Belwas, o Forte, soltou um grande bramido e executou uma pequena dança.

— Os deuses são bons! — disse Dany. — Vedes, Jorah? Vamos de novo a caminho.

— Sim — disse ele — mas de quê, minha rainha?

O vento soprou durante todo o dia, a princípio constante de leste, e depois em violentas rajadas. O Sol pôs-se num deslumbramento vermelho. *Ainda estou a meio mundo de distância de Westeros*, lembrou Dany a si própria, *mas cada hora me leva para mais perto*. Tentou imaginar como se sentiria quando pela primeira vez vislumbrasse a terra que nascera para governar. *Será uma costa tão bela como qualquer outra que já tenha visto, eu sei. Como poderia ser de outro modo?*

Mas mais tarde, nessa noite, enquanto a *Balerion* mergulhava em frente através da escuridão e Dany se sentava de pernas cruzadas na sua tarimba na cabina do capitão, a dar de comer aos dragões — “Até no mar”, dissera Groleo, tão atenciosamente, “as rainhas têm precedência sobre os capitães” —, alguém bateu à porta com vivacidade.

Irri estava a dormir aos pés da sua tarimba (era estreita de mais para três, e naquela noite era a vez de Jhiqui partilhar a suave cama de penas com a sua *khaleesi*), mas a aia ergueu-se ao ouvir o toque e dirigiu-se à porta. Dany puxou uma colcha para cima de si e prendeu-a com os sovacos. Estava nua, e não esperara um visitante àquela hora.

— Entrai — disse, quando viu Sor Jorah à porta, sob uma lanterna oscilante.

O cavaleiro exilado baixou a cabeça ao entrar.

— Vossa Graça, lamento perturbar-vos o sono.

— Não estava a dormir, sor. Entrai e observai. — Tirou um bocado de carne de porco salgada da tigela que tinha no regaço e ergueu-o para os dragões verem. Todos os três o olharam com um ar faminto. Rhaegal estendeu asas verdes e agitou o ar, e o pescoço de Viserion balançou de um lado para o outro como o de uma longa serpente pálida, enquanto seguia o movimento da sua mão. — Drogon — disse Dany em voz baixa — *dracarys*. — E atirou o bocado de porco ao ar.

O movimento de Drogon foi mais rápido do que o ataque de uma cobra. Chamas saíram a rugir da sua boca, em laranja, escarlate e negro, crestando a carne antes de começar a cair. Quando os seus aguçados dentes negros se fecharam em volta do naco, a cabeça de Rhaegal projectou-se para perto, como que para roubar a recompensa das mandíbulas do irmão, mas Drogon engoliu e guinchou, e o dragão verde, mais pequeno, só pôde silvar, frustrado.

— Pára com isso, Rhaegal — disse Dany, aborrecida, dando-lhe uma

pancada na cabeça. — Comeste o último. Não quero cá dragões gananciosos. — Sorriu para Sor Jorah. — Já não vou precisar durante muito mais tempo de esturricar a carne deles num braseiro.

— Estou a ver que não. *Dracarys*?

Os três dragões viraram as cabeças ao ouvir aquela palavra, e Viserion soltou uma labareda de um tom claro de dourado que fez Sor Jorah dar um apressado passo atrás. Dany soltou um risinho.

— Cuidado com essa palavra, sor, senão é provável que eles vos chamusquem a barba. Quer dizer “fogo de dragão” em Alto Valiriano. Quis arranjar um comando que não fosse provável que alguém proferisse por acidente.

Mormont fez um aceno.

— Vossa Graça — disse —, gostaria de saber se posso conversar um pouco convosco em privado?

— Claro. Irri, deixa-nos por um bocado. — Pousou uma mão no ombro nu de Jhiqui e abanou a outra aia até acordar. — Tu também, querida. Sor Jorah precisa de falar comigo.

— Sim, *Khaleesi*. — Jhiqui tombou da tarimba, nua e a bocejar, com o espesso cabelo negro a cair-lhe em volta da cabeça. Vestiu-se depressa e saiu com Irri, fechando a porta atrás delas.

Dany deixou os dragões lutarem pelo resto do porco salgado, e deu palmadinhas na cama a seu lado.

— Sentai-vos, bom sor, e dizei-me o que vos perturba.

— Três coisas. — Sor Jorah sentou-se. — Belwas, o Forte. Aquele Arstan Barba-Branca. E Illyrio Mopatis, que os enviou.

Outra vez? Dany puxou a colcha mais para cima e passou uma ponta por sobre o ombro.

— E porquê?

— Os magos de Qarth disseram-vos que seríeis traída três vezes — lembrou-lhe o cavaleiro exilado, enquanto Viserion e Rhaegal começavam a morder-se e a esgadanhar-se um ao outro.

— Uma vez por sangue, uma vez por ouro e uma vez por amor. — Não era provável que Dany se esquecesse. — Mirri Maz Duur foi a primeira.

— O que significa que restam ainda dois traidores... e agora aparecem aqueles dois. Sim, acho isso perturbador. Não vos esqueçais que Robert ofereceu uma senhoria ao homem que vos mate.

Dany inclinou-se para a frente, e deu um puxão na cauda de Viserion, para o tirar de cima do irmão verde. O cobertor caiu-lhe do peito quando se mexeu. Agarrou-o apressadamente e voltou a cobrir-se.

— O Usurpador está morto — disse.

— Mas o filho governa no seu lugar. — Sor Jorah ergueu o olhar, e

os seus olhos escuros encontraram os dela. — Um filho atencioso paga as dívidas do pai. Até dívidas de sangue.

— Este rapaz, Joffrey, pode querer-me morta... se se lembrar de que estou viva. Que tem isso a ver com Belwas e Arstan Barba-Branca? O velho nem sequer usa uma espada. Haveis visto que não.

— Sim. E vi a habilidade com que ele maneja aquele seu bastão. Lembrais-vos de como matou aquela mantícora em Qarth? Com a mesma facilidade poderia ter sido a vossa garganta a ficar esmagada.

— Poderia ter sido, mas não foi — fez ela notar. — Foi uma mantícora picadora que estava destinada a matar-me. Ele salvou-me a vida.

— *Khaleesi*, já vos ocorreu que aquele Barba-Branca e Belwas podiam estar combinados com o assassino? Pode ter sido tudo um estratagema para ganhar a vossa confiança.

A súbita gargalhada de Dany fez Drogon silvar, e fez com que Viserion voasse até ao seu poleiro, por cima da vigia.

— O estratagema funcionou bem.

O cavaleiro exilado não lhe devolveu o sorriso.

— Estes são navios de Illyrio, capitães de Illyrio, marinheiros de Illyrio... e Belwas, o Forte, e o Barba-Branca são também homens dele, não vossos.

— O Magíster Illyrio já me protegeu no passado. Belwas, o Forte, diz que chorou quando ouviu dizer que o meu irmão estava morto.

— Sim — disse Mormont —, mas terá chorado por Viserys, ou pelos planos que tinha feito acerca dele?

— Os seus planos não têm de mudar. O Magíster Illyrio é um amigo da Casa Targaryen, e é rico...

— Ele não nasceu rico. No mundo, tal como eu o vi, nenhum homem enriquece através da bondade. Os magos disseram que a segunda traição seria por *ouro*. O que é que Illyrio Mopatis ama mais do que ouro?

— A sua pele. — Do outro lado da cabina, Drogon agitou-se desasossegadamente, com vapor a erguer-se do seu focinho. — Mirri Maz Duur traiu-me. Queimei-a por isso.

— Mirri Maz Duur encontrava-se em vosso poder. Em Pentos, estais em poder de Illyrio. Não é a mesma coisa. Conheço o magíster tão bem como vós. Ele é um homem desleal, e esperto...

— Preciso de me rodear de homens espertos se quiser conquistar o Trono de Ferro.

Sor Jorah fungou.

— Aquele vendedor de vinhos que tentou envenenar-vos era também um homem esperto. Homens espertos chocam planos ambiciosos.

Dany puxou as pernas para cima, por baixo do cobertor.

— Vós proteger-me-eis. Vós e os meus companheiros de sangue.

— Quatro homens? *Khaleesi*, vós julgais conhecer Illyrio Mopatis, muito bem. Mas insistis em rodear-vos de homens que *não* conheceis, como este eunuco inchado e o mais velho escudeiro do mundo. Aprendei uma lição com Pyat Pree e Xaro Xhoan Daxos.

Ele tem boas intenções, lembrou Dany a si própria. *Ele faz tudo o que faz por amor.*

— Parece-me que uma rainha que não confia em ninguém é tão tola como uma rainha que confia em toda a gente. Cada homem que acolho ao meu serviço é um risco, compreendo isso, mas como poderei conquistar os Sete Reinos sem correr esses riscos? Deverei conquistar Westeros com um cavaleiro exilado e três companheiros de sangue dothraki?

O queixo dele retesou-se, teimosamente.

— O vosso caminho é perigoso, não o negarei. Mas se confiardes cegamente em todos os mentirosos e conspiradores que o atravessarem, acabareis como os vossos irmãos.

A obstinação de Mormont irritou-a. *Trata-me como a uma criança qualquer.*

— Belwas, o Forte, não seria capaz de conspirar para chegar a um pequeno-almoço. E que mentiras me contou Arstan Barba-Branca?

— Ele não é quem finge ser. Fala-vos com mais ousadia do que qualquer escudeiro se atreveria.

— Falou francamente sob ordens minhas. Ele conheceu o meu irmão.

— Muitos homens conheceram o vosso irmão. Vossa Graça, em Westeros o Senhor Comandante da Guarda Real faz parte do pequeno conselho e serve o seu rei tanto com a sua inteligência como com o seu aço. Se eu sou o primeiro da vossa Guarda Real, suplico-vos, escutai-me. Tenho um plano a sugerir-vos.

— Que plano? Contai-me.

— Illyrio Mopatis quer-vos de volta a Pentos, sob o seu tecto. Muito bem, ide ter com ele... mas numa altura escolhida por vós, e acompanhada. Vejamos quão leais e obedientes são realmente estes vossos novos súbditos. Ordenai a Groleo para mudar de rumo e dirigir-se à Baía dos Escravos.

Dany não tinha a certeza de gostar, ainda que um bocadinho, do som daquilo. Tudo o que ouvira contar dos mercados de carne nas grandes cidades de escravos de Yunkai, Meereen e Astapor era terrível e assustador.

— O que há para mim na Baía dos Escravos?

— Um exército — disse Sor Jorah. — Se Belwas, o Forte, vos agrada

assim tanto, podemos comprar mais centenas como ele nas arenas de lutadores de Meereen... mas eu orientaria as minhas velas para Astapor. Em Astapor podeis comprar Imaculados.

— Os escravos com os chapéus de bronze com espigão? — Dany vira guardas Imaculados nas Cidades Livres, em posição ao lado dos portões de magísteres, arcontes e dinastas. — Porque quereria eu Imaculados? Eles nem sequer montam a cavalo, e a maioria são gordos.

— Os Imaculados que podeis ter visto em Pentos e Myr eram guardas domésticos. Isso é serviço leve, e em todo o caso os eunucos tendem a engordar. A comida é o único vício que lhes é permitido. Julgar todos os Imaculados por uns quantos velhos escravos domésticos é como julgar todos os escudeiros por Arstan Barba-Branca, Vossa Graça. Conheceis a história dos Três Mil de Qohor?

— Não. — A colcha deslizou do ombro de Dany, e ela voltou a colocá-la no lugar.

— Foi há quatrocentos anos ou mais, quando os dothraki chegaram pela primeira vez de leste, saqueando e incendiando todas as vilas e cidades que encontrassem pelo caminho. O *khal* que os liderava chamava-se Temmo. O seu *khalasar* não era tão grande como o de Drogo, mas era bastante grande. Cinquenta mil, pelo menos. Metade dos quais eram guerreiros com campainhas a tinir nas suas tranças.

» Os Qohorik sabiam que ele vinha a caminho. Fortaleceram as muralhas, duplicaram o tamanho da sua guarda, e ainda contrataram duas companhias livres, os Brilhantes Estandartes e os Segundos Filhos. E, quase como uma ideia de última hora, enviaram um homem a Astapor para comprar três mil Imaculados. Mas era uma longa marcha de regresso a Qohor, e quando se aproximaram, viram o fumo e poeira e ouviram o estrondo distante da batalha.

» Quando os Imaculados chegaram à cidade, o Sol tinha-se posto. Corvos e lobos banquetevam-se à sombra das muralhas com aquilo que restava da cavalaria pesada de Qohor. Os Brilhantes Estandartes e os Segundos Filhos tinham fugido, como os mercenários costumam fazer perante desvantagens sem esperança. Com a escuridão a cair, os dothraki tinham retirado para os seus acampamentos, para beber, dançar e banquetear-se, mas ninguém duvidava de que regressariam de manhã para esmagar as portas da cidade, assaltar as muralhas e violar, saquear e escravizar a seu bel-prazer.

» Mas quando rompeu a alvorada e Temmo e os seus companheiros de sangue saíram do acampamento à frente do *khalasar*, foram encontrar três mil Imaculados imóveis à frente dos portões com o estandarte da Cibra Negra a esvoaçar sobre as suas cabeças. Uma força tão pequena podia

ter sido facilmente flanqueada, mas conheceis os dothraki. Aqueles homens estavam a pé, e homens a pé só servem para ser atropelados.

» Os dothraki carregaram. Os Imaculados ergueram os escudos, baixaram as lanças, e aguentaram. Contra vinte mil homens aos gritos com campainhas no cabelo, aguentaram.

» Dezoito vezes carregaram os dothraki, e quebraram-se contra aqueles escudos e lanças como ondas numa costa rochosa. Três vezes mandou Temmo os seus arqueiros rodearem os Imaculados, e setas choveram como chuva sobre eles, mas os Três Mil limitaram-se a erguer os escudos sobre as cabeças até a borrasca passar. Por fim, só restaram seiscentos deles... mas mais de doze mil dothraki jaziam mortos naquele campo de batalha, incluindo Khal Temmo, os seus companheiros de sangue, os seus *kos* e todos os seus filhos. Na manhã do quarto dia, o novo *khal* levou os sobreviventes numa imponente procissão junto aos portões da cidade. Um por um, todos os homens cortaram as tranças e arremessaram-nas aos pés dos Três Mil.

» Desde esse dia, a guarda urbana de Qohor é feita unicamente de Imaculados, e todos usam uma grande lança, da qual pende uma trança de cabelo humano.

» Isto é o que encontrareis em Astapor, Vossa Graça. Acostai aí, e prossegui até Pentos por terra. Levará mais tempo, sim... mas quando partilhades o pão com o Magíster Illyrio, tereis mil espadas atrás de vós, e não apenas quatro.

Sim, há sabedoria nisto, pensou Dany, mas...

— Como posso eu comprar mil soldados escravos? Tudo o que tenho de valor é a coroa que a Irmandade Turmalina me deu.

— Os dragões serão uma maravilha tão grande em Astapor como foram em Qarth. Pode ser que os negociantes de escravos façam chover presentes sobre vós, como os qartenos fizeram. Se não... estes navios transportam mais do que os vossos dothraki e seus cavalos. Embarcaram mercadoria em Qarth, eu percorri os porões e vi-a com os meus próprios olhos. Rolos de seda e fardos de peles de tigre, esculturas em âmbar e jade, açafião, mirra... os escravos são baratos, Vossa Graça. Peles de tigre são caras.

— Essas peles de tigre são de *Illyrio* — objectou ela.

— E *Illyrio* é um amigo da Casa Targaryen.

— Mais uma razão para não lhe roubar a mercadoria.

— Para que servem os amigos ricos se não puserem a sua riqueza ao vosso dispor, minha rainha? Se o Magíster *Illyrio* vos renegar, é apenas um Xaro Xhoan Daxos com quatro queixos. E se for sincero na sua devoção à vossa causa, não se mostrará relutante em dar-vos três navios carregados de mercadoria. Que melhor uso poderá haver para as suas peles de tigre do que comprar-vos o início de um exército?

Isso é verdade. Dany sentiu uma excitação crescente.

— Haverá perigos numa marcha tão longa.

— Também há perigos no mar. Corsários e piratas percorrem a rota sul, e a norte de Valíria o Mar Fumegante é assombrado por demónios. A próxima tempestade pode afundar-nos ou espalhar-nos, uma lula gigante pode puxar-nos para o fundo... ou podemos perder-nos de novo numa calmaria, e morrer de sede enquanto esperamos pelo vento. Uma marcha terá perigos diferentes, minha rainha, mas nenhum será maior.

— Mas e se o capitão Groleo recusar mudar de rota? E Arstan e Belwas, o Forte, o que farão?

Sor Jorah pôs-se em pé.

— Talvez seja tempo de descobrir.

— Sim — decidiu ela. — Fá-lo-ei! — Dany atirou a colcha para trás e saltou da tarimba. — Vou já ter com o capitão, ordenar-lhe que marque uma rota para Astapor. — Dobrou-se sobre o seu baú, abriu a tampa e agarrou no primeiro traje que encontrou, um par de calças largas de sedareia. — Dai-me o meu cinto de medalhões — ordenou a Jorah enquanto puxava a sedareia sobre as coxas. — E o meu colete... — começou a dizer, virando-se.

Sor Jorah fez deslizar os braços em volta dela.

— Oh — foi tudo o que Dany teve tempo de dizer quando ele a puxou e pressionou os lábios contra os dela. Cheirava a suor, a sal e a couro, e os tachões de ferro no seu justilho enterraram-se nos seus seios nus quando ele a apertou com força contra si. Uma mão prendeu-a pelos ombros enquanto a outra deslizou ao longo da espinha até ao fundo das costas, e a boca de Dany abriu-se para deixar entrar a língua dele, embora ela não lhe tivesse dito para o fazer. *A barba dele arranha, pensou, mas a boca é suave.* Os dothraki não usavam barba, tinham apenas longos bigodes, e antes só Khal Drogo a beijara. *Ele não devia estar a fazer isto. Eu sou a sua rainha, não a sua mulher.*

Foi um longo beijo, se bem que Dany não soubesse dizer quão longo. Quando terminou, Sor Jorah largou-a, e ela deu um passo rápido para trás.

— Vós... vós não devíeis...

— Eu não devia ter esperado tanto tempo — concluiu o cavaleiro por ela. — Devia ter-vos beijado em Qarth, em Vaes Tolorro. Devia ter-vos beijado no deserto vermelho, todas as noites e todos os dias. Fostes feita para ser beijada, com frequência e bem. — Os olhos dele estavam postos nos seus seios.

Dany cobriu-os com as mãos, antes que os mamilos a traíssem.

— Eu... isto não foi próprio. Eu sou a vossa rainha.

— A minha rainha — disse ele — e a mais corajosa, mais doce, e mais bela mulher que eu já vi. Daenerys...

— *Vossa Graça!*

— Vossa Graça — concedeu ele —, *o dragão tem três cabeças*, lembrais-vos? Tendes reflectido sobre essa frase desde que a ouvistes dos feiticeiros na Casa da Poeira. Bem, aqui está o significado: Balerion, Meraxes e Vhagar, montados por Aegon, Rhaenys e Visenya. O dragão de três cabeças da Casa Targaryen... três dragões, e *três cavaleiros*.

— Sim — disse Dany —, mas os meus irmãos estão mortos.

— Rhaenys e Visenya eram esposas de Aegon, além de serem suas irmãs. Não tendes irmãos, mas podeis ter maridos. E digo-vos com franqueza, Daenerys, não há outro homem no mundo inteiro que tenha por vós nem metade da fidelidade que eu tenho.

A serrania projectava-se vivamente da terra, uma longa dobra de pedra e solo com a forma de uma garra. Árvores agarravam-se às suas vertentes inferiores, pinheiros, pilriteiros e freixos, mas mais acima o terreno era nu, e a linha de cumeeada definia-se bem contra o céu enevoadado.

Sentiu que os rochedos elevados o chamavam. E lá subiu, a princípio a um trote fácil, e depois mais depressa e mais alto, devorando o declive com as fortes patas. Aves saltavam dos ramos por cima da sua cabeça quando passava por baixo a correr, abrindo caminho para o céu numa confusão de garras e asas. Conseguia ouvir o vento a suspirar por entre as folhas, os esquilos a chilrear uns com os outros, até o ruído que uma pinha fez ao cair ao chão da floresta. Os cheiros eram uma canção à sua volta, uma canção que enchia o belo mundo verde.

Cascalho voou de debaixo das suas patas quando conquistou os últimos metros e chegou ao cume. O Sol pendia, baixo, sobre os grandes pinheiros, enorme e vermelho, e por baixo dele as árvores e montes prolongavam-se até perder de vista ou de odor. Muito acima, um milhano voava em círculos, escuro contra o céu cor-de-rosa.

Príncipe. O som-de-homem entrou subitamente na sua cabeça, e no entanto ele conseguia sentir que estava certo. *Príncipe da verdura, príncipe da Mata de Lobos.* Era forte, rápido e feroz, e tudo o que vivia no belo mundo verde tinha medo dele.

Muito em baixo, na base da floresta, algo se moveu por entre as árvores. Um clarão de cinzento, apenas vislumbrado e logo desaparecido, mas o suficiente para o levar a erguer as orelhas. Lá em baixo, ao lado de um riacho rápido e verde, outra silhueta surgiu e desapareceu, a correr. *Lobos*, compreendeu. Os seus primos pequenos, à caça de alguma presa. Agora o príncipe via mais, sombras sobre velozes patas cinzentas. *Uma matilha.*

Ele também tivera uma matilha, em tempos. Tinham sido cinco, e um sexto que se punha de parte. Algures, bem fundo no seu íntimo, alojavam-se os sons que os homens lhes tinham dado para os distinguir uns dos outros, mas não era pelos sons que os conhecia. Lembrava-se dos seus odores, dos odores dos seus irmãos e irmãs. Todos cheiravam de maneira parecida, cheiravam a *matilha*, mas cada um deles também era diferente.

O príncipe sentia que o irmão zangado com os quentes olhos verdes estava próximo, embora houvesse já muitas caçadas que não o via. Mas com

cada Sol que se punha, ele distanciava-se mais, e fora o último. Os outros estavam muito espalhados, como folhas sopradas pelo vento forte.

Mas por vezes conseguia senti-los, como se ainda estivessem consigo, escondidos apenas da sua vista por um pedregulho ou um pequeno bosque. Não era capaz de os cheirar, nem de ouvir os seus uivos nocturnos, mas sentia a sua presença atrás de si... todos menos a irmã que tinham perdido. A cauda caía-lhe quando a recordava. *Agora quatro, não cinco. Quatro e mais um, o branco que não tem voz.*

Aquela floresta pertencia-lhes, as vertentes nevadas e montes pedregosos, os grandes pinheiros verdes e carvalhos de folhas douradas, os impetuosos ribeiros e lagos azuis, emoldurados por dedos de gelo branco. Mas a irmã abandonara as regiões selvagens, para caminhar nos salões da rocha-de-homem onde eram outros caçadores a governar, e uma vez dentro desses salões era difícil encontrar o caminho de volta. O príncipe lobo lembrava-se.

O vento mudou subitamente.

Veado, e medo, e sangue. O odor da presa acordou nele a fome. O príncipe voltou a farejar o ar, virando-se, e então partiu, saltando ao longo da cumeada com as maxilas entreabertas. A outra vertente da serra era mais inclinada do que aquela por onde subira, mas voou, com segurança, sobre pedras, raízes e folhas em putrefacção, pela encosta abaixo e através das árvores, devorando o terreno em longas passadas. O cheiro puxava-o, cada vez mais depressa.

A corça estava no chão e a morrer quando chegou até ela, rodeada por oito dos seus primos mais pequenos e cinzentos. As cabeças da matilha tinham começado a alimentar-se, primeiro o macho e depois a sua fêmea, rasgando por turnos a carne da barriga vermelha da presa. Os outros esperavam pacientemente, todos menos o cauda da matilha, que vagueava num círculo prudente, a alguns passos dos restantes, com a cauda bem encolhida por entre as pernas. Seria o último animal a comer, e comeria o que quer que os irmãos lhe deixassem.

O príncipe estava contra o vento, e os lobos não o detectaram até saltar para cima de um tronco caído a seis passos do local onde se alimentavam. O cauda foi o primeiro a vê-lo, soltou um ganido de dar dó, e escapuliu-se para longe. Os irmãos da matilha viraram-se ao ouvir o ruído e mostraram os dentes, rosnando, todos menos as cabeças macho e fêmea.

O lobo gigante respondeu aos rosnidos com um grave rugido de aviso e também lhes mostrou os dentes. Era maior do que os primos, com duas vezes o tamanho do magro cauda e vez e meia o das duas cabeças da matilha. Saltou para o meio deles, e três fugiram, fundindo-se com o arvoredo. Outro atacou-o, mordendo. Enfrentou directamente o ataque,

apanhou nas maxilas a perna do lobo, e atirou-o para o lado, a ganir e a coxear.

E então restava apenas a cabeça a enfrentar, o grande macho cinzento com o seu focinho ensanguentado, acabado de sair de dentro da mole barriga da presa. Havia também branco no seu focinho, que o identificava como um lobo velho, mas quando a sua boca se abriu, escorreu-lhe saliva vermelha dos dentes.

Ele não tem medo, pensou o príncipe, não tem mais medo do que eu. Seria uma boa luta. Atiraram-se um ao outro.

Lutaram longamente, rolando juntos por sobre raízes, pedras, folhas caídas e as entranhas espalhadas da presa, rasgando o pêlo um do outro com dentes e garras, separando-se, rodeando-se, e voltando a saltar para a luta. O príncipe era maior, e muito mais forte, mas o primo tinha uma matilha. A fêmea caminhava por perto, em volta deles, farejando e rosnando, e interpunha-se sempre que o seu companheiro se afastava com um novo ferimento. De tempos a tempos, os outros lobos também intervinham, mordendo uma perna ou uma orelha quando o príncipe estava virado para o outro lado. Um deles irritou-o tanto que se virou numa fúria negra e rasgou a garganta do atacante. Depois disso, os outros mantiveram-se à distância.

E na altura em que a última luz se filtrava através de ramos verdes e dourados, o lobo velho deitou-se cansado na terra, e rolou para expor a garganta e a barriga. Era a submissão.

O príncipe farejou-o e lambeu o sangue de pêlo e carne rasgada. Quando o lobo velho soltou um suave ganido, o lobo gigante afastou-se. Tinha agora muita fome, e a presa era sua.

— Hodor.

O súbito som fê-lo parar e rosnar. Os lobos olharam-no com olhos verdes e amarelos, brilhando com a última luz do dia. Nenhum o ouvira. Era um estranho vento que soprava apenas aos seus ouvidos. Enterrou as maxilas na barriga da corça e rasgou um bocado de carne.

— Hodor, Hodor.

Não, pensou. Não, não quero. Era um pensamento de rapaz, não de lobo gigante. A floresta escureceu em seu redor, até só restarem as sombras das árvores, e os clarões dos olhos dos primos. E *através* e *atrás* desses olhos, viu a cara sorridente de um homem grande, e uma cave de pedra, cujas paredes estavam manchadas de salitre. O rico e quente sabor do sangue desvaneceu-se na sua boca. *Não, não, não, quero comer, quero comer, quero...*

— Hodor, Hodor, Hodor, Hodor, Hodor — cantarolou Hodor enquanto o abanava suavemente pelos ombros, de um lado para o outro, de um lado para o outro. Estava a tentar ser gentil, tentava sempre, mas Hodor

tinha dois metros e dez de altura e era mais forte do que pensava, e as suas enormes mãos faziam os dentes de Bran chocalhar.

— *NÃO!* — gritou, zangado. — Hodor, larga-me, estou aqui, estou aqui.

Hodor parou, parecendo desconcertado.

— Hodor?

A floresta e os lobos tinham desaparecido. Bran estava outra vez de regresso à húmida cave de uma qualquer antiga torre de vigia que devia ter sido abandonada havia milhares de anos. Agora não era grande coisa como torre. As pedras caídas estavam mesmo tão cobertas de musgo e hera que quase não se viam até se estar mesmo em cima delas. Bran chamou ao sítio Torre Arruinada; mas fora Meera quem encontrara a descida para a cave.

— Estivestes longe tempo de mais. — Jojen Reed tinha treze anos, era só quatro mais velho do que Bran. Jojen também não era muito maior do que ele, não mais de cinco centímetros, ou talvez seis, mas tinha uma maneira solene de falar que fazia com que parecesse mais velho e mais sábio do que realmente era. Em Winterfell, a Velha Ama chamara-lhe “pequeno avô”.

Bran franziu-lhe o sobrolho.

— Queria comer.

— Meera voltará em breve com o jantar.

— Estou farto de rãs. — Meera era uma papa-rãs do Gargalo, por isso Bran supunha que não podia realmente *censurá-la* por apanhar tantas rãs, mas mesmo assim... — Queria comer a corça. — Por um momento, recordou o seu gosto, o sangue e a carne rica e crua, e a boca encheu-se-lhe de água. *Ganhei a luta pela presa. Ganhei-a.*

— Marcastes as árvores?

Bran corou. Jojen andava sempre a dizer-lhe para fazer coisas quando abria o terceiro olho e punha a pele de Verão. Arranhar a casca de uma árvore, ou apanhar um coelho e trazê-lo na boca, por comer, empurrar algumas pedras para formar uma fila. *Coisas estúpidas.*

— Esqueci-me — disse.

— Esqueceis-vos sempre.

Era verdade. Ele tencionava fazer as coisas que Jojen pedia, mas assim que era lobo, elas nunca pareciam importantes. Havia sempre coisas para ver e coisas para cheirar, um mundo verde inteiro onde caçar. E podia *correr!* Não havia nada melhor do que correr, excepto correr atrás de uma presa.

— Eu era um príncipe, Jojen — disse ele ao rapaz mais velho. — Era o príncipe da floresta.

— Vós sois um príncipe — lembrou-lhe Jojen com suavidade. — Lembrais-vos disso, não é verdade? Dizei-me quem sois.

— Tu *sabes*. — Jojen era seu amigo e professor, mas às vezes só lhe apetecia bater-lhe.

— Quero que digais as palavras. Dizei-me quem sois.

— Bran — disse ele, maldisposto. *Bran, o Quebrado*. — Brandon Stark. — *O aleijado*. — O Príncipe de Winterfell. — Do Winterfell incendiado e em ruínas, do seu povo espalhado e assassinado. Os jardins de vidro estavam destruídos, e jorrava água quente das paredes rachadas, fumegando ao sol. *Como se pode ser príncipe de um sítio que possivelmente nunca mais se verá?*

— E quem é o Verão? — perguntou Jojen.

— O meu lobo gigante. — Sorriu. — Príncipe da verdura.

— Bran, o rapaz e Verão, o lobo. Sois, então, dois?

— Dois — suspirou — e um só. — Detestava Jojen quando ficava assim estúpido. *Em Winterfell queria que eu sonhasse os sonhos de lobo, e agora que sei como sonhá-los está sempre a chamar-me de volta.*

— Lembrai-vos disso, Bran. Lembrai-vos de vós, senão o lobo consumir-vos-á. Quando vos juntais, não basta correr, caçar e uivar na pele de Verão.

Para mim, basta, pensou Bran. Gostava mais da pele de Verão do que da sua. *De que serve ser um troca-peles, se não se pode usar a pele que se quiser?*

— Ireis lembrar-vos? E da próxima vez, marcai a árvore. Uma árvore qualquer, não importa qual, desde que o façais.

— Eu marco. Lembro-me. Podia voltar e fazer isso agora, se quiseres. Desta vez não me esqueço. — *Mas primeiro como a minha corça, e luto mais um pouco com aqueles pequenos lobos.*

Jojen abanou a cabeça.

— Não. É melhor que fiquéis e comais. Com a vossa boca. Um *warg* não pode viver daquilo que o seu animal consome.

Como é que tu sabes?, pensou Bran com ressentimento. *Nunca foste um warg, não sabes como é.*

Hodor pôs-se de súbito em pé, quase batendo com a cabeça no tecto abobadado.

— HODOR! — gritou, correndo para a porta. Meera abriu-a mesmo antes de ele lhe chegar e entrou no refúgio do grupo. — Hodor, Hodor — disse o enorme moço de estrebaria, sorrindo.

Meera Reed tinha dezasseis anos, era uma mulher feita, mas não era mais alta do que o irmão. Todos os cranogmanos são pequenos, dissera ela um dia a Bran, quando lhe perguntara porque não era mais alta. De cabelo castanho, olhos verdes, e lisa como um rapaz, caminhava com uma graça flexível que Bran só podia observar e invejar. Meera usava uma longa adaga

aguçada, mas a sua maneira preferida de lutar era com uma esguia lança de três dentes para rãs numa mão e uma rede na outra.

— Quem tem fome? — perguntou ela, erguendo a caça que trazia: duas pequenas trutas prateadas e seis gordas rãs verdes.

— Tenho eu — disse Bran. *Mas não de rãs*. Em Winterfell, antes de terem acontecido todas as coisas más, os Walder costumavam dizer que comer rãs punha os dentes verdes e fazia crescer musgo debaixo dos braços. Perguntou a si próprio se os Walder estariam mortos. Não vira os seus cadáveres em Winterfell... mas houvera *muitos* cadáveres, e não tinham procurado dentro dos edifícios.

— Nesse caso, teremos de te dar de comer. Ajudas-me a limpar a caça, Bran?

Anuiu. Era difícil amuar com Meera. Ela era muito mais alegre do que o irmão, e parecia saber sempre como fazê-lo sorrir. Nunca nada a assustava ou fazia zangar-se. *Bem, excepto Jojen, às vezes...* Jojen Reed conseguia assustar quase qualquer um. Vestia todo de verde, tinha olhos escuros como musgo e sonhos verdes. Aquilo que Jojen sonhava tornava-se realidade. *Excepto que sonhou que eu morria, e não morri*. Mas tinha morrido, de certo modo.

Jojen mandou Hodor buscar lenha e fez uma pequena fogueira, enquanto Bran e Meera limpavam o peixe e as rãs. Usaram o elmo de Meera como tacho, cortando a caça em pequenos cubos e juntando-lhe um pouco de água e umas quantas cebolas silvestres, que Hodor achara, para fazer um guisado de rãs. Enquanto comia, Bran decidiu que não era tão bom como corça, mas também não era mau.

— Obrigado, Meera — disse. — Senhora.

— Não tendes de quê, Vossa Graça.

— De manhã — anunciou Jojen — é melhor que prossigamos.

Bran viu Meera a ficar tensa.

— Tiveste um sonho verde?

— Não — admitiu o irmão.

— Então porque havemos de ir embora? — quis saber a irmã. — A Torre Arruinada é um bom sítio para nós. Não há aldeias por perto, a floresta está cheia de caça, há peixe e rãs nos ribeiros e lagos... e quem é que nos vai encontrar aqui?

— Não é este o sítio em que devemos estar.

— Mas é seguro.

— Parece seguro, eu sei — disse Jojen — mas por quanto tempo? Houve uma batalha em Winterfell, vimos os mortos. Batalhas querem dizer guerras. Se algum exército nos apanhar desprevenidos...

— Podia ser o exército de Robb — disse Bran. — Robb voltará em

breve do sul, eu sei que sim. Ele voltará com todos os seus vassalos e correrá com os homens de ferro.

— O vosso Mestre nada disse de Robb quando o encontrámos à morte — recordou-lhe Jojen. — *Homens de ferro na Costa Pedregosa*, disse ele, e: *a leste, o Bastardo de Bolton*. O Fosso Cailin e Bosque Profundo caíram, o herdeiro de Cerwyn morreu, tal como o castelão de Praça de Torrhen. *Guerra por todo o lado*, disse ele, *cada homem contra o vizinho*.

— Já arámos este terreno — disse a irmã. — Tu queres seguir na direcção da Muralha e do teu corvo de três olhos. Isso está muito certo, mas a Muralha fica muito longe e Bran não tem outras pernas que não sejam as de Hodor. Se estivéssemos a cavalo...

— Se fôssemos águias, poderíamos voar — disse Jojen em tom penetrante — mas não temos asas, tal como não temos cavalos.

— Há cavalos que podemos obter — disse Meera. — Até mesmo nas profundezas da Mata de Lobos há lenhadores, caseiros, caçadores. Alguns não-de ter cavalos.

— E se tiverem, roubamo-los? Somos ladrões? A última coisa de que precisamos é de homens em nossa perseguição.

— Podíamos comprá-los — disse ela. — Negociar por eles.

— Olha para nós, Meera. Um rapaz aleijado com um lobo gigante, um gigante de mente simples e dois cranogmanos a mil léguas do Gargalo. *Seremos reconhecidos*. E a notícia espalhar-se-á. Enquanto Bran permaneça morto, estará a salvo. Vivo, transforma-se numa presa para todos os que o querem morto, realmente e para sempre. — Jojen dirigiu-se à fogueira para avivar as brasas com um pau. — Algures, a norte, o corvo de três olhos espera-nos. Bran precisa de um professor mais sábio do que eu.

— Como, Jojen? — perguntou a irmã. — *Como?*

— A pé — respondeu ele. — Um passo de cada vez.

— A estrada de Água Cinzenta até Winterfell nunca mais acabava, e nós então estávamos montados. Tu queres que percorramos um caminho mais longo a pé, sem sequer sabermos onde termina. Para lá da Muralha, dizes tu. Não estive lá, tal como tu, mas sei que Para-lá-da-Muralha é um sítio grande, Jojen. Há muitos corvos com três olhos ou só há um? Como é que o encontramos?

— Ele talvez nos encontre a nós.

Antes que Meera pudesse encontrar uma resposta, ouviram o som; o uivo distante de um lobo, pairando na noite.

— O Verão? — perguntou Jojen, escutando.

— Não. — Bran conhecia a voz do seu lobo gigante.

— Tendes a certeza? — disse o pequeno avô.

— Absoluta. — Naquele dia, o Verão tinha-se afastado muito, e não

regressaria antes da alvorada. *Jojen talvez sonhe verde, mas não distingue um lobo de um lobo gigante.* Perguntou a si próprio por que motivo todos eles escutariam tanto Jojen. Não era um príncipe como Bran, nem era grande e forte como Hodor, nem tão bom caçador como Meera, e no entanto de algum modo era sempre Jojen quem lhes dizia o que fazer. — Devíamos roubar cavalos como Meera quer — disse Bran — e ir ter com os Umber, lá em cima na Última Lareira. — Reflectiu por um momento. — Ou podíamos roubar um barco e descer o Faca Branca até à cidade de Porto Branco. É aquele gordo do Lorde Manderly que aí governa, ele foi amigável na festa das colheitas. Queria construir navios. Talvez tenha construído alguns, e podíamos navegar até Correrrio e trazer Robb para casa com todo o seu exército. Então não importaria quem soubesse que eu estou vivo. Robb não deixaria que alguém nos fizesse mal.

— Hodor! — exclamou Hodor. — Hodor, Hodor.

Mas ele foi o único que gostou do plano de Bran. Meera limitou-se a sorrir-lhe e Jojen franziu o sobrolho. Nunca escutavam o que ele queria, apesar de Bran ser um Stark e além disso um príncipe, e os Reed do Gargalo serem vassalos dos Stark.

— Hooooodor — disse Hodor, baloiçando. — Hooooooodor, Hooooooodor, HoDOR, HoDOR, HoDOR. — Por vezes gostava de fazer aquilo, dizer o seu nome de diversas maneiras, uma vez, e outra, e outra. Noutras alturas, ficava tão calado que se podia esquecer que se encontrava ali. Com Hodor nunca se sabia. — *HODOR, HODOR, HODOR!* — gritou.

Ele não vai parar, compreendeu Bran.

— Hodor — disse —, porque não vais até lá fora treinar com a espada?

O moço de estrebaria esquecera-se da sua espada, mas agora lembrara-se.

— Hodor! — exclamou. Foi buscar a arma. Tinham três espadas mortuárias que tinham trazido das criptas de Winterfell quando Bran e o irmão Rickon se esconderam dos homens de ferro de Theon Greyjoy. Bran ficou com a espada do tio Brandon, Meera com aquela que encontrara sobre os joelhos do avô, o Lorde Rickard. A lâmina de Hodor era muito mais velha, um enorme e pesado bocado de ferro, embotado de séculos de negligência e cheio de picos de ferrugem. Podia passar horas de cada vez a brandi-la. Havia uma árvore apodrecida perto das pedras tombadas que ele tinha quase desfeito aos bocados.

Mesmo depois de o gigante sair, conseguiam ouvi-lo através das paredes, berrando “HODOR!” enquanto atirava estocadas e dava pancadas na sua árvore. Felizmente, a Mata de Lobos era enorme, e não era provável que houvesse alguém por perto para ouvir.

— Jojen, que querias dizer com aquilo do professor? — perguntou Bran. — O meu professor *és tu*. Eu sei que não cheguei a marcar a árvore, mas marco da próxima vez. O meu terceiro olho está aberto, como querias...

— Está tão escancarado que temo que possais cair através dele, e viver o resto dos vossos dias como um lobo na floresta.

— Não caio, prometo.

— O rapaz promete. Irá o lobo lembrar-se? Correis com o Verão, caçais com ele, matais com ele... mas vergais-vos mais à sua vontade do que ele se verga à vossa.

— Eu só me esqueço — protestou Bran. — Só tenho nove anos. Serei melhor quando for mais velho. Nem mesmo Florian, o Bobo, e o Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão, eram grandes guerreiros quando tinham *nove anos*.

— Isso é verdade — disse Jojen — e seria uma coisa sensata a dizer, se os dias ainda estivessem a crescer... mas não estão. Sois uma criança de Verão, eu sei. Dizei-me o lema da Casa Stark.

— *O Inverno está a chegar*. — Bastava dizê-lo para que Bran sentisse frio.

Jojen acenou solenemente com a cabeça.

— Sonhei com um lobo alado, preso à terra por correntes de pedra, e fui a Winterfell para o libertar. Já não tendes as correntes, mas ainda não voais.

— Então ensina-me *tu*. — Bran ainda temia o corvo de três olhos que por vezes lhe assombrava os sonhos, bicando sem parar a pele entre os seus olhos e dizendo-lhe para voar. — És um vidente verde.

— Não — disse Jojen —, sou só um rapaz com sonhos. Os videntes verdes eram mais do que isso. Eram também *wargs*, tal como *vós*, e os maiores de todos podiam usar as peles de *qualsquer* animais que voassem, nadassem ou caminhassem, e eram também capazes de olhar através dos olhos dos represeiros, e de ver a verdade que subjaz ao mundo.

» Os deuses concedem muitos dons, Bran. A minha irmã é uma caçadora. Foi-lhe dada a capacidade de correr com rapidez, e de ficar tão imóvel que parece desaparecer. Tem ouvidos e olhos aguçados, uma mão firme com a rede e a lança. Sabe respirar lama e voar entre as árvores. Eu não seria mais capaz de fazer essas coisas do que *vós*. A mim, os deuses deram os sonhos verdes, e a *vós*... *vós* poderíeis ser mais do que eu, Bran. Sois o lobo alado, e não há maneira de dizer quão longe ou alto poderíeis voar... se tivésseis alguém que vos ensinasse. Como poderei eu ajudar-vos a dominar um dom que não compreendo? No Gargalo recordamos os

Primeiros Homens, e os filhos da floresta, que eram seus amigos... mas tanto foi esquecido, e houve tanto que nunca soubemos.

Meera pegou na mão de Bran.

— Se ficarmos aqui, sem incomodar ninguém, ficarás a salvo até que a guerra termine. Mas não aprenderás, excepto o que o meu irmão te pode ensinar, e já ouviste o que ele diz. Se deixarmos este lugar para procurar refúgio na Última Lareira ou para lá da Muralha, arriscamo-nos a ser capturados. És apenas um rapaz, eu sei, mas também és o nosso príncipe, o filho do nosso senhor e o verdadeiro herdeiro do nosso rei. Jurámos-te lealdade em nome da terra e da água, do bronze e do ferro, do gelo e do fogo. O risco é teu, Bran, tal como o dom. A escolha deve ser também tua, julgo eu. Somos teus servos e estamos às tuas ordens. — Ela sorriu. — Pelo menos nisto.

— Queres dizer — disse Bran — que fareis o que *eu* disser? Mesmo?

— Mesmo, meu príncipe — respondeu a rapariga —, portanto reflecte bem.

Bran tentou pensar em todos os pormenores, como o pai poderia ter feito. Os tios do Grande-Jon, Hother Terror-das-Rameiras e Mors Papa-Corvos, eram homens violentos, mas achava que se mostrariam leais. E os Karstark, eles também. O pai dizia sempre que Karhold era um castelo forte. *Estaríamos a salvo com os Umber ou os Karstark.*

Ou podiam ir para sul, ter com o gordo Lorde Manderly. Em Winterfell, ele rira muito, e nunca parecera olhar para Bran com tanta piedade como os outros senhores. O Castelo Cerwyn ficava mais perto do que Porto Branco, mas o Mestre Luwin dissera que Cley Cerwyn estava morto. *Os Umber, os Karstark e os Manderly também podem estar mortos*, compreendeu. Tal como ele ficaria, se fosse apanhado pelos homens de ferro ou pelo Bastardo de Bolton.

Se ficassem ali, escondidos por baixo da Torre Arruinada, ninguém os encontraria. Permaneceria vivo. *E aleijado.*

Bran apercebeu-se de que estava a chorar. *Estúpido bebé*, pensou consigo mesmo. Fosse para onde fosse, para Karhold, para Porto Branco ou para a Atalaia da Água Cinzenta, seria um aleijado quando lá chegasse. Enrolou as mãos em punhos.

— Quero voar — disse-lhes. — Por favor. Levai-me ao corvo.

DAVOS

Quando subiu ao convés, a longa ponta de Derivamarca minguava atrás deles, enquanto Pedra do Dragão se erguia do mar em frente. Uma pálida gavinha cinzenta de fumo era soprada do topo da montanha, marcando o local onde ficava a ilha. *O Monte Dragão, hoje, está agitado*, pensou Davos, *ou então é Melisandre que está a queimar mais alguém.*

Melisandre tinha ocupado muito os seus pensamentos enquanto a *Dança de Shayala* abria caminho pela Baía da Água Negra e atravessava a Goela, bolinando contra perversos ventos contrários. O grande incêndio que ardia no topo da torre de vigia de Ponta Aguda, na extremidade do Gancho de Massey fizera-lhe lembrar o rubi que ela usava à garganta, e quando o mundo ficava vermelho de madrugada e ao sol-posto, as nuvens que pairavam no céu tomavam a mesma cor que as sedas e cetins dos seus vestidos sussurrantes.

Ela também estaria à espera em Pedra do Dragão, à espera com toda a sua beleza e todo o seu poder, com o seu deus, as suas sombras e o rei dele. A sacerdotisa vermelha parecera sempre ser leal a Stannis, até agora. *Ela domou-o, do mesmo modo que um homem doma um cavalo. Subiria ao poder montada nele se pudesse, e por isso entregou os meus filhos ao fogo. Hei-de arrancar o coração vivo do seu peito, e hei-de ver como arde.* Tocou o cabo da boa e longa adaga lisena que o capitão lhe oferecera.

O capitão fora muito gentil com ele. Chamava-se Khorane Sathman-tes, era liseno como Salladhor Saan, a quem o navio pertencia. Tinha os olhos azuis-claros que se viam frequentemente em Lys, encastoados num rosto ossudo e desgastado pelos elementos, mas passara muitos anos a negociar nos Sete Reinos. Quando ficara a saber que o homem que arrancara ao mar era o afamado cavaleiro da cebola, cederá-lhe o uso da sua própria cabina e das suas roupas, e um par de botas novas que quase serviam. Também insistira que Davos partilhasse as suas provisões, embora isso tivesse dado mau resultado. O estômago do antigo contrabandista não conseguira tolerar os caracóis, lampreias e outros alimentos ricos que o capitão Khorane tanto apreciava, e depois da sua primeira refeição à mesa do capitão, passara o resto do dia com uma extremidade ou a outra projectada sobre a amurada.

Pedra do Dragão crescia a cada remada. Agora, Davos já conseguia ver a forma da montanha, e, no seu flanco, a grande cidadela negra com as

suas gárgulas e torres em forma de dragões. A figura de proa de bronze à frente da *Dança de Shayala* atirava ao ar asas de espuma salgada ao cortar as ondas. Encostou o seu peso à amurada, grato pelo apoio. A provação por que passara enfraquecera-o. Quando ficava muito tempo em pé, as pernas abanavam, e por vezes era dominado por incontrolláveis ataques de tosse e escarrava muco ensanguentado. *Não é nada*, dizia a si próprio. *Certamente que os deuses não me fizeram atravessar, a salvo, o fogo e o mar para depois me matarem de doença.*

Enquanto escutava o bater do tambor do mestre dos remadores, o ruído das velas e o chapinhar e ranger rítmicos dos remos, recordou os seus dias de juventude, quando os mesmos sons despertavam o terror no seu coração em muitas manhãs de nevoeiro. Anunciavam a aproximação da patrulha marítima do velho Sor Tristimun, e a patrulha marítima significava a morte para os contrabandistas, na época em que Aerys Targaryen ocupava o Trono de Ferro.

Mas isso foi noutra vida, pensou. Isso foi antes do navio das cebolas, antes de Ponta Tempestade, antes de Stannis me encurtar os dedos. Isso foi antes da guerra e do cometa vermelho, antes de eu ser um Seaworth ou um cavaleiro. Nesses dias, era um homem diferente, antes de o Lorde Stannis me ter erguido bem alto.

O capitão Khorane contara-lhe o fim das esperanças de Stannis na noite em que o rio ardera. Os Lannister tinham-no atacado pelo flanco, e os seus instáveis vassalos tinham-no abandonado às centenas na hora de maior necessidade.

— Também foi vista a sombra do Rei Renly — dissera o capitão — a matar à esquerda e à direita enquanto liderava a vanguarda do lorde leão. Diz-se que a sua armadura verde tomou um brilho fantasmagórico por causa do fogovivo, e que as suas hastes soltavam labaredas douradas.

A sombra de Renly. Davos perguntara a si próprio se os seus filhos também regressariam como sombras. Vira demasiadas coisas estranhas no mar para dizer que não existiam fantasmas.

— Ninguém se manteve fiel? — perguntara.

— Uns poucos — dissera o capitão. — A família da rainha, principalmente. Levámos muitos que usavam a raposa e as flores, embora muitos mais tivessem sido deixados em terra, exibindo todos os tipos de símbolos. O Lorde Florent é agora Mão do Rei em Pedra do Dragão.

A montanha crescia, coroada por fumo pálido. A vela cantava, o tambor batia, os remos puxavam com regularidade, e, não muito mais tarde, a entrada para o porto abria-se à frente deles. *Tão vazio*, pensou Davos, lembrando-se de como fora antes, com os navios a encher todos os cais e balançando, ancorados, fora do quebra-mar. Via o navio-almirante de Salladhor Saan, *Valiriana*, atracado ao cais onde a *Fúria* e as suas irmãs em tempos

tinham estado amarradas. Os navios que o ladeavam possuíam também cascos lisenos às riscas. Procurou, em vão, por qualquer sinal da *Senhora Marya* ou do *Espectro*.

Arriaram a vela ao entrarem no porto, para atracarem apenas à força de remos. O capitão veio ter com Davos no momento em que amarravam o navio.

— O meu príncipe irá desejar ver-vos de imediato.

Um ataque de tosse dominou Davos quando tentou responder. Apoiou-se à amurada e escarrou para o mar.

— O rei — arquejou. — Tenho de ir ter com o rei. — *Pois onde o rei estiver, encontrarei Melisandre.*

— Ninguém vai ter com o rei — respondeu com firmeza Khorane Sathmantes. — Salladhor Saan contar-vos-á. Primeiro ele.

Davos estava demasiado fraco para o desafiar. Só conseguiu anuir.

Salladhor Saan não se encontrava a bordo da sua *Valiriana*. Foram encontrá-lo noutra cais a um quarto de milha de distância, no interior do porão de uma larga coca de Pentos chamada *Farta Colheita*, a contar a carga com o auxílio de dois eunucos. Um segurava uma lanterna, o outro uma placa de cera e um estilete.

— Trinta e sete, trinta e oito, trinta e nove — estava o velho patife a dizer quando Davos e o capitão desceram pela escotilha. Naquele dia usava uma túnica cor-de-vinho e botas de cano alto de couro branqueado com embutidos de prata. Tirando a rolha a um pote, cheirou, espirrou e disse: — Uma moagem grosseira, e, segundo o meu nariz declara, de segunda qualidade. O manifesto diz quarenta e três potes. Onde se enfiaram os outros, pergunto eu? Estes pentoshi, julgarão que eu não conto a carga? — Quando viu Davos, parou de súbito. — Será a pimenta que me pica os olhos, ou lágrimas? É o cavaleiro das cebolas que está na minha frente? Não, como poderá ser, o meu querido amigo Davos morreu no rio incendiado, todos o dizem. Porque veio assombrar-me?

— Não sou nenhum fantasma, Salla.

— Que outra coisa podes ser? O meu cavaleiro da cebola nunca foi tão magro ou pálido como tu. — Salladhor Saan abriu caminho por entre os potes de especiarias e rolos de tecido que enchiam o porão do navio mercante, envolveu Davos num forte abraço, depois deu-lhe um beijo em cada bochecha e um terceiro na testa. — Ainda estás quente, sor, e sinto o teu coração a bater. Será possível que seja verdade? O mar que te engoliu voltou a cuspir-te.

Davos lembrou-se do Cara-Malhada, o bobo doido da princesa Shireen. Também tinha entrado no mar, e quando regressara, estava louco. *Também estarei louco?* Tossiu para dentro de uma mão enluvada e disse:

— Nadei por baixo da corrente e dei à costa numa *lança do rei bacalhau*. Teria morrido aí se a *Dança de Shayala* não me tivesse encontrado.

Salladhor Saan atirou um braço sobre os ombros do capitão.

— Isso foi ótimo, Khorane. Estou aqui a pensar que vais acabar ganhando uma bela recompensa. Meizo Mahr, sê um bom eunuco e leva o meu amigo Davos à cabina do dono. Arranja-lhe um pouco de vinho aquecido com cravinho, que não estou a gostar do som daquela tosse. Espreme também um pouco de lima lá para dentro. E traz queijo fresco e uma tigela daquelas azeitonas verdes gretadas que contámos há pouco. Davos, irei ter contigo daqui a pouco, assim que tenha conversado com o nosso bom capitão. Vais desculpar-me, bem sei. Não comas todas as azeitonas, senão vou acabar zangando-me.

Davos deixou que o mais velho dos dois eunucos o acompanhasse até uma cabina grande e sumptuosamente mobilada na popa do navio. Os tapetes eram fofos, havia vitrais nas janelas, e em qualquer um dos grandes cadeirões de couro poderiam ter-se sentado, com todo o conforto, três Davos. O queijo e as azeitonas chegaram pouco depois, juntamente com uma taça de vinho tinto quase a ferver. Pegou-lhe com as duas mãos e bebericou, sentindo-se grato. O calor que se espalhou pelo seu peito teve um efeito calmante.

Salladhor Saan apareceu não depois.

— Tens de me perdoar pelo vinho, meu amigo. Aqueles pentoshi beberiam as suas próprias águas se fossem púrpura.

— Vai ser bom para o meu peito — disse Davos. — A minha mãe costumava dizer que vinho quente é melhor do que uma compressa.

— Quer-me parecer que também irás ficar necessitado de compressas. Sentado todo este tempo numa *lança*, caramba. Que achas dessa excelente cadeira? Ele tem nádegas gordas, não tem?

— Quem? — perguntou Davos entre golinhos do vinho quente.

— Illyrio Mopatis. Uma baleia com bigodes, é a verdade que te estou dizendo. Essas cadeiras foram feitas à sua medida, embora ele raramente saia de Pentos para se sentar nelas. Um gordo senta-se sempre confortavelmente, quer-me parecer, pois leva a almofada consigo para onde quer que vá.

— Como foi que arranjaste um navio de Pentos? — perguntou Davos. — Voltaste à pirataria, senhor? — Pôs de lado a taça vazia.

— Vis calúnias. Quem sofreu mais com os piratas do que Salladhor Saan? Só peço aquilo a que tenho direito. Muito ouro é devido, oh sim, mas não sou desprovido de raciocínio, portanto em vez da moeda, aceitei um belo pergaminho, muito enrolado. Ostenta o nome e selo do Lorde Alester Florent, a Mão do Rei. Está-me nomeando Senhor da Baía da Água Negra,

e nenhum navio pode atravessar as águas sob o meu domínio sem a minha senhorial licença, oh não. E quando estes foras-da-lei estão tentando esgueirar-se por mim durante a noite para evitar as minhas legítimas taxas e direitos alfandegários, ora, não são melhores do que contrabandistas, portanto estou perfeitamente dentro da lei quando os confisco. — O velho pirata soltou uma gargalhada. — Mas não corto os dedos a ninguém. De que servem bocados de dedos? Capturo é os navios, e as cargas, alguns resgates, nada de exorbitante. — Deitou a Davos um olhar penetrante. — Não estás bem, meu amigo. Essa tosse... e tão magro, que te vejo os ossos através da pele. E no entanto, não estou vendo o teu saquinho de ossos dos dedos...

O velho hábito obrigou Davos a levar a mão à bolsa de couro que já não estava lá.

— Perdi-o no rio. — *A minha sorte.*

— O rio foi terrível — disse solenemente Salladhor Saan. — Mesmo da baía, eu estava vendo e tremendo.

Davos tossiu, escarrou e voltou a tossir.

— Vi a *Betha Negra* a arder, e também a *Fúria* — conseguiu por fim dizer, em voz rouca. — Nenhum dos nossos navios escapou ao fogo? — Parte de si ainda tinha esperança.

— O *Lorde Steffron*, *Jenna Esfarrapada*, *Espada Ligeira*, *Lorde que Ri* e mais alguns estavam a montante do mijo dos piromantes, sim. Não arderam, mas com a corrente erguida também não podiam fugir. Uns quantos renderam-se. A maior parte subiu a *Água Negra*, para longe da batalha e depois foram afundados pelas tripulações para não caírem em mãos Lanister. A *Jenna Esfarrapada* e o *Lorde que Ri* continuam fazendo de piratas no rio, segundo ouvi dizer, mas quem saberá se é verdade?

— *A Senhora Marya?* — perguntou Davos. — *O Espectro?*

Salladhor Saan pousou uma mão no braço de Davos e deu-lhe um apertão.

— Não. Esses, não. Lamento, meu amigo. Eram bons homens, os teus Dale e Allard. Mas posso dar-te este conforto: o teu jovem Devan encontra-se entre aqueles que embarcámos no fim. O bravo rapaz nunca saiu de junto do rei, segundo dizem.

Por um momento sentiu-se quase tonto, de tal modo palpável era o seu alívio. Temera perguntar acerca de Devan.

— A Mãe é misericordiosa. Tenho de ir ter com ele, Salla. Tenho de o ver.

— Sim — disse Salladhor Saan. — E também queres zarpar para o Cabo da *Fúria*, eu sei, para veres a tua mulher e os dois pequenos. Estou aqui pensando que tens de ter um novo navio.

— Sua Graça dar-me-á um navio — disse Davos.

O liseno abanou a cabeça.

— Quanto a navios, Sua Graça não tem nenhum, e Salladhör Saan tem muitos. Os navios do rei arderam no rio, mas os meus não. Ficarás com um deles, velho amigo. Velejarás para mim, sim? Entrarás a baloiçar em Bravos, Myr e Volantis noite cerrada, sem seres visto, e sairás também a baloiçar, com sedas e especiarias. Ficaremos tendo bolsas gordas, sim.

— És gentil, Salla, mas o meu dever é para com o meu rei, não para com a tua bolsa. A guerra continuará. Stannis ainda é o legítimo herdeiro ao trono, segundo todas as leis dos Sete Reinos.

— Todas as leis não estão ajudando quando todos os navios ardem, quer-me parecer. E o teu rei, bem, temo que vás acabar achando-o mudado. Desde a batalha que não recebe ninguém, fica matutando naquele seu Tambor de Pedra. A Rainha Selyse recebe em audiência em seu nome, com o tio, o Lorde Alester, que se anda chamando Mão. Deu o selo do rei a este tio, para apor às cartas que escreve, e até ao meu belo pergaminho. Mas o reino que eles estão governando é pequeno, pobre e rochoso, sim. Não há ouro, nem sequer um bocadinho para ficar pagando ao fiel Salladhör Saan o que lhe é devido, e só estão restando os cavaleiros que levámos no fim e nenhum navio além da minha pequena e brava frota.

Uma súbita tosse torturante obrigou Davos a dobrar-se. Salladhör Saan aproximou-se para o ajudar, mas ele indicou-lhe que se afastasse com um gesto, e após um momento recuperou.

— Ninguém? — rouquejou. — Que queres dizer com ele não receber ninguém? — A sua voz soava húmida e espessa, até mesmo aos seus ouvidos, e por um momento a cabina nadou, entontecida, em seu redor.

— Ninguém além *dela* — disse Salladhör Saan, e Davos não precisou de perguntar o que ele queria dizer. — Meu amigo estás cansando-te. É de uma cama que estás precisando, não de Salladhör Saan. Uma cama e muitas mantas, com uma compressa quente no peito e mais vinho e cravinho.

Davos abanou a cabeça

— Eu fico bem. Conta-me, Salla, tenho de saber. Ninguém além de Melisandre?

O liseno deitou-lhe um longo olhar de dúvida, e prosseguiu com relutância.

— Os guardas estão mantendo todos os outros afastados, até a sua rainha e a filhinha. Criados trazem refeições que ninguém come. — Inclinou-se para a frente e baixou a voz. — Ouvi estranhas conversas, sobre fogos esfomeados dentro da montanha, e sobre como Stannis e a mulher vermelha descem juntos para observar as chamas. Há poços, andam dizendo, e escadas secretas que descem até ao coração da montanha, até lugares quentes onde só *ela* pode caminhar sem se queimar. É mais do que suficien-

te para dar a um velho tais terrores que por vezes quase não arranja forças para comer.

Melisandre. Davos estremeceu.

— A mulher vermelha fez-lhe isso — disse. — Enviou o fogo para nos consumir, para punir Stannis por tê-la posto de lado, para lhe ensinar que não tem esperança de vencer sem os seus feitiços.

O liseno tirou uma gorda azeitona da tigela que se encontrava entre os dois.

— Não és o primeiro a estar dizendo isso, meu amigo. Mas se eu fosse a ti, não estaria dizendo tão alto. Pedra do Dragão está cheia daqueles homens da rainha, oh sim, e eles têm ouvidos aguçados e facas ainda mais aguçadas. — Enfiou a azeitona na boca.

— Eu também tenho uma faca. O capitão Khorane deu-ma de presente. — Puxou a adaga e pousou-a na mesa entre eles. — Uma faca para arrancar o coração de Melisandre. Se é que ela tem tal coisa.

Salladhor Saan cuspiu um caroço de azeitona.

— Davos, bom Davos, não deves andar dizendo tais coisas, nem mesmo brincando.

— Não é brincadeira. Tenciono matá-la. — *Se ela puder ser morta por armas mortais.* Davos não tinha a certeza de isso ser possível. Vira o velho Mestre Cressen a despejar veneno no seu vinho, vira-o com os seus próprios olhos, mas quando ambos beberam da taça envenenada, fora o Mestre a morrer, e não a sacerdotisa vermelha. *Mas uma faca no coração... até os demónios podem ser mortos pelo ferro frio, segundo dizem os cantores.*

— Estas são conversas perigosas, meu amigo — preveniu-o Salladhor Saan. — Estou pensando que ainda estás doente do mar. A febre cozeu-te o cérebro, sim. É melhor que fiques falando com a cama para um longo descanso, até ficares mais forte.

Até que a minha determinação enfraqueça, queres tu dizer. Davos pôs-se em pé. Realmente sentia-se febril e um pouco tonto, mas não importava.

— És um velho patife traiçoeiro, Salladhor Saan, mas um bom amigo na mesma.

O liseno afagou a pontiaguda barba prateada.

— Então estarás ficando com este bom amigo, sim?

— Não, vou andando. — Tossiu.

— Andando? Olha para ti! Tosses, tremes, estás magro e fraco. Onde irás andando?

— Para o castelo. A minha cama está lá, bem como o meu filho.

— E a mulher vermelha — disse Salladhor Saan com suspeita. — Ela também está no castelo.

— Ela também. — Davos voltou a enfiar a adaga na bainha.

— És um contrabandista de cebolas, que sabes tu de ataques pela calada e punhaladas? E estás doente, nem sequer consegues segurar na adaga. Sabes o que te estará acontecendo, se fores apanhado? Enquanto estávamos ardendo no rio, a rainha queimava traidores. *Servos da escuridão*, chamou-lhes ela, pobres homens, e a mulher vermelha cantava enquanto as fogueiras eram acendidas.

Davos não se surpreendeu. *Eu sabia*, pensou, *sabia antes de ele me contar*.

— Tirou o Lorde Sunnlass das masmorras — adivinhou — e os filhos de Hubard Rambton.

— Precisamente, e queimou-os, tal como te queimará a ti, se matares a mulher vermelha, queimar-te-ão por vingança, e se não a matares, queimar-te-ão pela tentativa. Ela cantará, e tu gritarás, e depois morrerás. E acabaste de regressar à vida!

— E foi por este motivo — disse Davos. — Para fazer isto. Para pôr fim a Melisandre de Asshai e a todas as suas obras. Por que mais me teria o mar cuspidor? Conheces a Baía da Água Cinzenta tão bem como eu, Salla. Nenhum capitão com bom senso levaria o seu navio a passar entre as *lanças do rei bacalhau*, arriscando-se a rasgar-lhe o casco. A *Dança de Shayala* nunca deveria ter passado perto de mim.

— Um vento — insistiu Salladhor Saan em voz alta —, um mau vento, é tudo. Um vento empurrou-a demasiado para sul.

— E quem enviou o vento? Salla, a Mãe falou comigo.

O velho liseno olhou-o pestanejando.

— A tua mãe está morta...

— A Mãe. Ela abençoou-me com sete filhos, e no entanto eu permiti que os queimassem. Ela falou comigo. Disse que nós *convocámos* o fogo. E também convocámos as sombras. Eu levei Melisandre, num barco a remos, até dentro das entranhas de Ponta Tempestade e vi-a dar à luz um horror. — Ainda o via nos seus pesadelos, as mãos negras e descarnadas a puxar pelas coxas da mulher enquanto se contorcia para se libertar do seu ventre inchado. — Ela matou Cressen, o Lorde Renly e um homem corajoso chamado Cortnay Penrose, e também matou os meus filhos. Agora é tempo de alguém a matar a ela.

— *Alguém* — disse Salladhor Saan. — Sim, é assim mesmo, alguém. Mas não tu. Estás fraco como uma criança, e não és nenhum guerreiro. Fica, estou-te suplicando, voltaremos a conversar e alimentar-te-ás, e talvez vejamos até Bravos para contratar um Homem sem Rosto para fazer esta coisa, sim? Mas tu, não, tu tens de te sentar e comer.

Ele está a tornar isto muito mais difícil, pensou Davos, *fatigado, e já era mortalmente difícil para começar*.

— Tenho vingança nas entranhas, Salla. Não deixa espaço para comida. Deixa-me agora ir. Pela nossa amizade, deseja-me sorte, e deixa-me ir.

Salladhör Saan pôs-se em pé.

— Não és um amigo verdadeiro, estou aqui pensando. Quando estiveres morto, quem ficará trazendo as tuas cinzas e ossos à senhora tua esposa e dizendo-lhe que perdeu um marido e quatro filhos? Só o triste e velho Salladhör Saan. Mas que assim seja, bravo sor cavaleiro, corre para a sepultura. Irei reunindo os teus ossos numa sacola e dando-os aos filhos que deixas ficar, para que os tragam em saquinhos em volta dos pescoços. — Brandiu uma mão zangada, com anéis em todos os dedos. — Vai, vai, vai, vai, vai.

Davos não queria deixá-lo assim.

— Salla...

— VAI. Ou, melhor, fica, mas se é para ires, vai.

E foi.

A caminhada desde a *Farta Colheita* até aos portões de Pedra do Dragão foi longa e solitária. As ruas junto às docas onde soldados, marinheiros e pessoas simples outrora se aglomeravam encontravam-se vazias e desertas. Por onde em tempos caminhara entre porcos a grunhir e crianças nuas, fugiam agora ratazanas. As pernas, por baixo do seu corpo, pareciam-lhe feitas de pudim, e por três vezes a tosse torturou-o de tal modo que teve de parar a descansar. Ninguém veio ajudá-lo, ninguém sequer espreitou por uma janela para ver o que se passava. As janelas estavam corridas, as portas trancadas, e mais de metade das casas ostentavam algum sinal de luto. *Milhares subiram a Torrente da Água Negra, e centenas regressaram, reflectiu Davos. Os meus filhos não morreram sós. Que a Mãe se apiede de todos eles.*

Ao chegar aos portões do castelo, encontrou-os também fechados. Davos bateu com o punho na madeira reforçada a ferro. Quando não obteve resposta, pontapeou-a, uma e outra vez. Por fim, um besteiro surgiu no topo da barbacã, espreitando para baixo entre duas grandes gárgulas.

— Quem vem lá?

Ergueu a cabeça e pôs as mãos em volta da boca.

— Sor Davos Seaworth, para falar com Sua Graça.

— Estás bêbado? Vai-te embora e pára de bater.

Salladhör Saan prevenira-o. Davos tentou outra linha de acção.

— Então manda chamar o meu filho. Devan, o escudeiro do rei.

O guarda franziu o sobrolho.

— Quem disseste tu que eras?

— Davos — gritou —, o cavaleiro da cebola.

A cabeça desapareceu, regressando um momento mais tarde.

— Desaparece. O cavaleiro da cebola morreu no rio. O navio dele ardeu.

— O navio dele ardeu — concordou Davos — mas ele sobreviveu, e aqui está. Jate ainda é capitão do portão?

— Quem?

— Jate Blackberry. Ele conhece-me bastante bem.

— Nunca ouvi falar. O mais certo é estar morto.

— Então o Lorde Chyttering.

— Esse conheço. Ardeu na Água Negra.

— Will Cara-de-Anzol? Hal, o Porco?

— Morto e morto — disse o besteiro, mas o seu rosto traiu uma súbita dúvida. — Espera aqui. — Voltou a desaparecer.

Davos esperou. *Morreram, morreram todos*, pensou, entorpecido, lembrando-se de como a barriga branca do gordo Hal se mostrava sempre por baixo do seu gibão manchado de gordura, da longa cicatriz que o anzol deixara na cara de Will, do modo como Jate costumava tirar o boné às mulheres, tivessem elas cinco ou cinquenta anos, fossem bem ou mal-nascidas. *Afogados ou queimados, com os meus filhos e outros mil, desaparecidos para fazer um rei no inferno.*

De súbito, o besteiro regressou.

— Vai de volta pela porta de surtida, e deixar-te-ão entrar.

Davos fez o que lhe era pedido. Os guardas que o admitiram eram-lhe estranhos. Transportavam lanças, e ao peito usavam o símbolo da raposa e das flores da Casa Florent. Escoltaram-no não para o Tambor de Pedra, como esperara, mas levaram-no a passar sob o arco da Cauda do Dragão e através do jardim de Aegon.

— Espera aqui — disse-lhe o sargento.

— Sua Graça sabe que eu voltei? — perguntou Davos.

— Sei lá, nem o raio. Espera, disse eu. — O homem foi-se embora, levando consigo os lanceiros.

O Jardim de Aegon tinha um cheiro agradável a pinheiro e erguiam-se altas árvores escuras por todos os lados. Também havia rosas silvestres, e grandes sebes espinhosas, e um local pantanoso onde cresciam arandos.

Porque me terão trazido para aqui?, perguntou Davos a si próprio.

Então ouviu um ténue tinir de sinos, e um risinho de criança, e de súbito o bobo Cara-Malhada saltou dos arbustos arrastando os pés o mais depressa que conseguia, com a Princesa Shireen logo atrás.

— Volta cá — vinha ela a gritar-lhe. — Malhas, volta cá.

Quando o bobo viu Davos, parou de súbito, com as campainhas no seu capacete de estanho guarnecido de hastes a fazer *ting-a-ling, ting-a-ling*. Saltitando de um pé para o outro, cantou:

— *Sangue de bobo, sangue de rei, sangue na coxa da donzela, mas prós convidados e noivo correntes, lá, lá, lá.* — Shireen quase o apanhou nessa altura, mas no último instante o bobo saltou por cima de um grupo de fetos e desapareceu por entre as árvores. A princesa seguiu logo atrás. Vê-los fez Davos sorrir.

Virara-se para tossir para dentro da mão enluvada quando outra pequena silhueta saltou de dentro da sebe e esbarrou com ele, atirando-o ao chão.

O rapaz também caiu, mas voltou a erguer-se quase de imediato.

— Que estais aqui a fazer? — quis saber enquanto se sacudia. Cabelo negro de azeviche caía-lhe sobre o colarinho e os olhos eram de um azul surpreendente. — Não devíeis pôr-vos na minha frente quando estou a correr.

— Não — concordou Davos. — Não devia. — Outro ataque de tosse dominou-o na altura em que lutava por se pôr de joelhos.

— Estais mal? — O rapaz pegou-lhe no braço e ajudou-o a erguer-se. — Devo chamar o Mestre?

Davos abanou a cabeça.

— É uma tosse. Há-de passar.

O rapaz não pensou mais no assunto.

— Estávamos a brincar aos monstros e às donzelas — explicou. — Eu era o monstro. É um jogo infantil, mas a minha prima gosta dele. Tendes um nome?

— Sor Davos Seaworth.

O rapaz olhou-o de cima a baixo com ar de dúvida.

— Tendes a certeza? Não pareceis muito cavalheiresco.

— Sou o cavaleiro das cebolas, senhor.

Os olhos azuis pestanejaram.

— O do navio negro?

— Conheceis essa história?

— Trouxestes ao meu tio Stannis peixe para comer antes de eu nascer, quando o Lorde Tyrell o tinha cercado. — O rapaz pôs-se muito direito. — Sou Edric Storm — anunciou. — Filho do Rei Robert.

— Claro que sois. — Davos compreendera-o quase de imediato. O rapaz possuía as orelhas proeminentes de um Florent, mas o cabelo, os olhos, o maxilar, os maldades eram todos Baratheon.

— Conhecestes o meu pai? — quis saber Edric Storm.

— Vi-o muitas vezes quando visitava o vosso tio na corte, mas nunca conversámos.

— O meu pai ensinou-me a lutar — disse orgulhosamente o rapaz. — Vinha visitar-me quase todos os anos, e às vezes treinávamos juntos. No

último dia do meu nome mandou-me um martelo de guerra igualzinho ao dele, só que mais pequeno. Mas obrigaram-me a deixá-lo em Ponta Tempestade. É verdade que o meu tio Stannis vos cortou os dedos?

— Só a ponta. Ainda tenho dedos, só que mais curtos.

— Mostrai-me.

Davos descalçou a luva. O rapaz estudou-lhe a mão com atenção.

— Ele não vos encurtou o polegar?

— Não. — Davos tossiu. — Não, o polegar deixou-me inteiro.

— Não devia ter cortado nenhum dos vossos dedos — decidiu o rapaz. — Isso foi mau.

— Eu era um contrabandista.

— Sim, mas contrabandeastes peixe e cebolas para ele.

— O Lorde Stannis fez-me cavaleiro pelas cebolas, e cortou-me os dedos pelo contrabando. — Voltou a calçar as luvas.

— O meu pai não vos teria cortado os dedos.

— Será como dizeis, senhor. — *Robert era um homem diferente de Stannis, é bem verdade. O rapaz é como ele. Sim, e também como Renly.* Esse pensamento deixou-o ansioso.

O rapaz preparava-se para dizer mais qualquer coisa quando ouviram passos. Davos virou-se. Sor Axell Florent descia o caminho do jardim com uma dúzia de guardas com justilhos acolchoados. Ao peito traziam o coração flamejante do Senhor da Luz. *Homens da rainha*, pensou Davos. Foi subitamente atacado pela tosse.

Sor Axell era baixo e musculoso, com um peito em forma de barril, braços fortes, pernas arqueadas, e pêlos que lhe cresciam nas orelhas. Tio da rainha, servira durante uma década como castelão de Pedra do Dragão, e sempre tratara Davos com cortesia, sabendo que ele beneficiava do favor do Lorde Stannis. Mas não havia nem cortesia nem calor no tom da sua voz quando disse:

— Sor Davos, e não afogado. Como pode isso ser?

— As cebolas flutuam, sor. Viestes para me levar ao rei?

— Vim para vos levar para a masmorra. — Sor Axell mandou os homens avançar com um gesto. — Capturai-o e retirai-lhe a adaga. Ele pretende usá-la contra a nossa senhora.